

*Um dia ela encontrou o amor de Deus,
e nunca mais o perdeu.*



Irmã

Maria Penha da Cruz, R.M.I.

— Uma religiosa como as outras —

MARIA PENHA DA CRUZ, R.M.I.

– Uma religiosa como as outras –

NIHIL OBSTAT

Pe. Frei Irineu Wilges, O.F.M.

Porto Alegre, 27/10/1978

IMPRIMATUR

D. Edmundo Kunz

Bispo Auxiliar de Porto Alegre

Porto Alegre, 29/10/1978

Cópia Digitalizada em 2011 do Original

Impresso na TIPOGRAFIA SANTO ANTONIO

Porto Alegre - 1979

PEQUENA HISTÓRIA DESTE LIVRO

Ler os cadernos de anotações íntimas de minha irmã, recolher dados e depoimentos, ordenar tudo e escrever o pouco que há de meu neste livro levou cerca de quinze anos.

Por que tanta delonga para um livro tão pequeno e tão simples?...

A mim mesmo eu indagava por que várias vezes abandonava tudo, para um dia, tempos depois, retomar o trabalho já o apreciando sob novas perspectivas e o refazendo.

Parece-me hoje que, durante os anos em que fui convivendo com a história de Maria Penha da Cruz, sua influência espiritual impelia-me a buscar, também, minha própria renovação interior.

Um dia, o esquema do livro pareceu armar-se direitinho e os originais foram levados ao crivo de pessoas judiciosas para opinarem a respeito. Ficaram longo tempo submetidos à calma apreciação de experientes religiosas e do censor teológico, que se manifestaram favoravelmente.

Finalmente, o Sr. Bispo autorizou a edição do livro.

----- + -----

Redação: Diácono CARLOS

Revisão literária: Ir. JOAQUIM SFREDO, F.S.C.

Reprodução de desenhos: MAGDA FAYH¹

Arte gráfica: Equipe da Tipografia do Orfanotrófio “O Pão dos Pobres de S. Antonio”

----- + -----

(texto suprimido)

¹ Na versão digitalizada, as imagens dos desenhos são fotografias dos desenhos reproduzidos, que se encontram em arquivo da Província Brasileira das Religiosas de Maria Imaculada.

AQUELA SEDE DA ÁGUA VIVA

A presença dinâmica do Espírito Santo, que habita e permanece em cada um, e da soberania do Senhor Jesus – vão realizando o Reino de Deus em nós.

É o plano do Pai: que venha a nós o seu reino, no qual há vida copiosa e o poder de Jesus, o ungido do Pai. Nós somos também pequenos Cristos, que devemos levar adiante a extensão desse reino, como o faziam os primeiros cristãos, participando dos mesmos tesouros da Igreja, os sacramentos, e vivendo também como eles em “um só coração e uma só alma” (cf. At 4,32), o que quer dizer um só amor, um só Espírito.

Cada um tem seu carisma, que é dom gratuito do Espírito Santo, e não conquista nossa.

Os dons são distribuídos a todos os que crêem no poder da graça de Deus, não sendo, portanto, prerrogativa exclusiva dos santos escolhidos como modelos para os cristãos. É o Espírito Santo que realiza em nós a obra de santificação, em todos os tempos; basta que lhe sejamos dóceis, e estejamos atentos às suas inspirações e ao toque da graça que ele nos oferece sempre.

O caminho mais seguro é seguir o exemplo de Jesus, é viver o Evangelho na íntegra.

E é preciso estar atento e vigilante porque não sabemos nem o dia e nem a hora de nosso encontro definitivo com Jesus, último momento da graça nesta vida; tal como Ir. Maria Penha da Cruz, que em poucos dias após a declaração da doença, foi chamada por Jesus para as núpcias eternas.

Louvemos e agradeçamos a Deus pela vida de Ir. Maria Penha da Cruz.

Ela foi realmente “uma religiosa como as outras”, tendo em seu íntimo aquela sede da água viva (cf. Jo 4, 15), que é o próprio Jesus, o alvo de toda a sua simples e humilde vida. Foi como uma plantinha que desabrochou e cresceu sempre em direção à luz, Jesus, a quem sempre procurou agradar e servir, seguindo as inspirações do Espírito Santo.

Atentemos para o tesouro que nos é oferecido neste livro, para em suas palavras simples e sábias encontrarmos nova força no Espírito para prosseguir no caminho da nossa santificação.

Ir. Maria Penha da Cruz soube viver seu carisma: o dom de toda sua pessoa, todo seu ser a serviço de Deus e dos irmãos.

Ela viveu quase toda sua existência de religiosa no tempo anterior à renovação do Concílio Vaticano II, pois veio a falecer em 1963, quando se realizava aquele conclave.

Soube, porém, viver os momentos da graça que lhe eram oferecidos, renovando continuamente suas forças espirituais e reiniciando cada dia com mais entusiasmo o caminho para Deus.

Nós, religiosos de hoje, temos as mesmas dificuldades daqueles que nos precederam, porém, encontramos novas condições de superação porque há mais abertura e acesso a recursos de ordem psicológica e espiritual dentro da Igreja renovada pelo Concílio Vaticano II.

A mensagem que Ir. Maria Penha da Cruz deixa para todos nós é a alegria do cristão e do religioso em seguir a Jesus no dia-a-dia, buscando em tudo a vontade do Pai.

Deus opera maravilhas naqueles que o procuram de coração sincero, e os faz compreender os mistérios do Reino dos Céus (cf. Mt 3,11).

Glória e louvor a Deus que revela estas coisas aos simples e humildes. “Eu te glorifico, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos” (cf. Mt 11, 25-26).

Lá do céu, Ir. Maria Penha da Cruz intercede por nós e está conosco através da comunhão (comum-união) dos santos, ajudando-nos na luta de cada dia.

Temos mais uma amiga no céu!

Ir. Antonia Maria Pegoraro, F.P.C.C.²

² Dra. Ir. Antonia Maria Pegoraro, religiosa Franciscana da Penitência e da Caridade Cristã, é odontóloga do Centro Arquidiocesano de Promoção da Empregada Doméstica em Porto Alegre, e da Ação Social da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, de Tramandaí/RS

Um dia, MARIA PENHA DA CRUZ pediu a Nossa Senhora que as pessoas com quem ela tratasse sentissem, ao se afastarem dela, a graça de uma grande fé e um grande amor a Deus e a Maria Santíssima.

Ao lançar este livro contando sua história, fazemo-lo com a esperança de que ela, lá do céu, peça o mesmo para todos os que o lerem.

I.

Maricota



Maria Penha da Cruz, Religiosa de Maria Imaculada, era seu nome religioso. O nome civil era Maria Kraemer Haesbaert.

Ela veio a este mundo aos 26 de novembro de 1915.

Viu a luz dos lampiões e, após, a luz do dia, na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, região do extremo sul da pátria brasileira.

Porto Alegre de então era uma cidade rotineira, centro político e econômico de uma extensa área sob colonização rural. Não tinha despertado salientemente para o esplêndido desenvolvimento industrial que hoje ostenta, nem sonhava com a população de mais de um milhão de habitantes que agora apresenta.

Os bisavós de Maria Penha da Cruz eram colonizadores estrangeiros. Eram os Miranda (portugueses), os Bittencourt (franceses), os Kraemer (alemães), e os Haesbaert (originariamente, Haasbaart, de etnia holandesa). Gente que, como centenas de milhares, veio povoar e trabalhar o colosso chamado Brasil.

Havia antecedentes religiosos na família.

Jean Petter Haesbaert, seu bisavô paterno, nascido na Alemanha e emigrado ainda menino para os Estados Unidos da América do Norte, veio para o nosso país como jovem luterano vocacionado para o ministério, pastor com a formação ainda incompleta, a fim de prestar assistência religiosa às primeiras levas de colonos alemães aportados ao longo da Feitoria, S. Leopoldo, sobre o Rio dos Sinos e distante cerca de trinta quilômetros de Porto Alegre. Alcançou elevada idade a serviço do seu rebanho ali e em Bom Jardim (hoje, Ivoti) e Hamburgo Velho (hoje, Novo Hamburgo) e, com piedoso epitáfio de seus fiéis, descansa entre crisântemos e miosótis no cemitério da comunidade luterana no bairro de Hamburgo Velho.

Sua tia-avó, Isabel de Bittencourt Miranda, irmã de caridade de S. Vicente, dedicou a maior parte de sua longa vida aos pobres enfermos da Santa Casa, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil.

O genitor de Maria Penha da Cruz, Carlos Schreiner Haesbaert, era pequeno comerciante e viajante comercial, no interior do Rio Grande do Sul. Filho de colonos de religião luterana, era homem bom e generoso, extremamente benquisto. Músico amador, acompanhava a esposa ao templo católico para tocar o violino, enquanto ela dedilhava o órgão. Invertidos os lugares, igual procedimento depois se repetia no templo protestante. Faleceu moço, pois tinha 39 anos de idade ao ser vitimado pela inclemente epidemia 'espanhola' em 1918, quando a pequena Maria contava apenas três anos de idade.

Honorina era o nome da progenitora de Maria Penha da Cruz. Jovem ainda ao perder o esposo, viu-se a braços com sete filhos, o menor dos quais com apenas sete meses e o mais velho com somente dez anos. Não lhe faltando a assistência de dedicados e afetuosos parentes, Honorina enfrentou inicialmente um período de epidemias e de pragas oriundas dos campos de batalha da assim chamada Primeira Guerra Mundial.

Quem visse a bela Maricota, como era apelidada em menina, com mimosos cachos de cabelos que a fotografia nos recorda, não diria estar com a saúde seriamente comprometida, já aos 3 anos, por pertinaz enfermidade. Seus pequeninos pulmões carregaram, até os 18 anos, as consequências daquele período de doenças generalizadas que tantas vítimas fizeram na população mundial em seguimento à guerra de 1914-1918.

Constante objeto de cuidados especiais e protegida contra qualquer ameaça à saúde combalida, a jovem Maria foi sendo criada assim num ambiente de atenções a que era assaz sensível e muito agradecida. Recompensava seus familiares com o dom de sua meiga alegria e conformidade, evitando formular queixas e em tudo colaborando no afã de obter, um dia, a cura desejada ardentemente.

Esta sobreveio e, quiçá, estava nos planos da Divina Providência, pois, quando não mais se contava, eis que novos médicos intervêm no seu tratamento, com outras terapêuticas, e ela se restabelece, adquire forças e apruma-se como um ser igual aos demais, sem restrições de saúde.

E trata de recuperar o tempo decorrido na moléstia.

Sem o menor complexo e brincalhona como sempre, matriculou-se no Grupo Escolar Paula Soares, onde foi co-discípula, na idade de ser professora, de meninos e meninas de doze anos. Divertia-se muito com tal situação e levava a sério o estudo, pois queria ser professora de fato. Nos dias de parada da mocidade, no entanto, as suas mestras lhe conferiam um lugar de destaque, fazendo-a desfilar como se fora membro do corpo docente.

Ao mesmo tempo – era 1935, 1936, 1937 e 1938 – ela frequentava, como secretária, o C.J.C. – Centro da Juventude Católica Elisabeth Leckeur, da paróquia N. Sra. da Glória, sob orientação do Rev. P. Afonso Schmidt, destacado apóstolo da juventude daqueles tempos.

Não era namoradeira e não importaria se o fosse. Raramente ia a bailes. Mas era sociável, depois de curada, e dava-se bem com as moças e rapazes de sua idade e de sua zona. Por ser naturalmente agradável, era muito benquista por todos.

Aproximou-se do mundo e o mundo não a contaminou.

**HONORINA HAESBAERT,
mãe de Irmã Maria Penha da Cruz**



**CARLOS SCHREINER
HAESBAERT,
pai de Ir. Maria Penha da Cruz**

Era esbelta, delicada e pura. Tinha a unção dos corações ardentes e a inocência das crianças boas. E Nosso Senhor lhe reservava uma grande recompensa.

Fez o seu primeiro retiro espiritual. O pregador, Rev. P. Bragança, s.j., ao desenvolver o plano dos santos exercícios espirituais de S. Inácio de Loyola, terá impressionado sua nobre e gentil alma com o nada das coisas materiais e o tudo da causa de Deus em nossa alma e no mundo. Maria Penha da Cruz, com sua inteligência melhor esclarecida pela graça, certamente nesse retiro decidiu o futuro de sua vida.

E a Providência a ajudou.

Cativaram-se as Religiosas de Maria Imaculada, da rua Gomes Carneiro, no Bairro N. Sra. Medianeira, vizinhas à casa dela, do seu jeito meigo e também decidido. E, a pretexto de servirem as loiras tranças de seus cabelos para ela figurar como Izabel da Hungria, convidaram Maria para representar no teatrinho do colégio. E imediatamente, a conquistaram.

E diremos com humilde gratidão: OBRIGADO, SENHOR!

II.

Primeira revisão de vida



A jovem, alegre e amistosa Maria, após o casamento de sua irmã Selma, passou a residir, juntamente com sua mãe, no modesto pensionato que as Religiosas de Maria Imaculada instalaram, como meio de apostolado e de pequeno rendimento, nas suas apertadas acomodações no casarão de enormes venezianas aluminizadas, sito à Rua Gomes Carneiro, no hoje arrabalde de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.

O velho solar fora doação da bondosa senhora Mathilde Py da Cunha, alma dadivosa ligada a inúmeras obras de benemerência na capital gaúcha. Em 1938, mudavam-se mãe e filha para lá, como medida de economia de esforços físicos em face da idade avançada de dona Honorina e de seu estado de saúde e, também, por premência financeira.

Ali, continuaram sua vida normalmente, e sem maiores encargos domésticos, Maria pôde concentrar-se na conclusão de seus estudos, já sendo moça feita, além de a suas relações pessoais e às atividades decorrentes da condição de filiada à Ação Católica através do centro paroquial da Juventude Feminina Católica. Estes foram dias que a Divina Providência escolhera para propiciar à jovem e ardente alma de Maria ouvir o chamamento que é feito aos poucos escolhidos. E assim foi que, após participar pela primeira vez em sua vida de um retiro espiritual, dedicou-se ao exame de sua consciência. O segundo retiro realizaria um ano após, já dentro do hábito de postulante e, como membro de uma congregação de religiosas. De muitos retiros participou, adiante, em sua vida de monjinha, e muito os amava, fazendo em quase todos, anotações edificantes.

No dia 11-7-1954, fazia a seguinte conversa consigo mesma nas páginas do livreto de anotações: *“Hoje, passados dezesseis anos depois de que tive a felicidade de ter feito aquele abençoado retiro, vejo como Nosso Senhor me ia atraindo sem eu o perceber. Como Deus foi bom comigo. Nunca havia pensado antes em ser religiosa e saí desse retiro com a semente plantada sem eu o saber. Deus abençoe e recompense por toda a eternidade a todos os que, direta ou indiretamente, serviram de meio para esta minha grande felicidade. Que eu seja bem santa e saiba retribuir todo este bem com fiel observância na vida religiosa. A Nossa Senhora, em primeiro lugar, tenho a certeza, devo esta graça, pois que Ela sempre esteve em nossa vida (minha família), nos protegendo e guiando”*. Em capítulo especial denominado “As joias do relicário”, estaremos dando divulgação resumida de tópicos essenciais de suas anotações íntimas quase todas procedidas durante a realização dos santos exercícios espirituais. Quem, tendo conhecido a nossa querida Madre Penha, a ela ficou afeiçoado, gostará de sentir-se de novo e agora com mais intimidade e amor, junto de sua alma que hoje sobre-existe no Senhor Nosso Deus, libertada das peias da matéria. Sim, hoje ela vive junto ao Senhor, pelo estado de graça e pela oração, enfim, pelo amor, que nós a temos junto desta nossa vida ainda temporal.

Como o título do presente capítulo está a indicar, propusemo-nos transcrever aqui o seu primeiro exame geral de vida procedido ao ensejo do seu primeiro retiro espiritual. Queremos crer que a sua leitura proporcionará oportunidade para conhecimento da delicadeza de sua consciência, servindo, ao mesmo passo, para nos contaminar do profundo sentido espiritual de que revestiu toda a vida de Madre Penha, a partir de seu primeiro retiro. Oxalá toda a gama variada de possíveis leitores deste livrinho possa de fato ser atingida pela luz sobrenatural que se desprende de cada linha dos escritos da piedosa irmãzinha, fielmente transcritos.

1938

A PRIMEIRA REVISÃO DE VIDA (De alegre, jovem e graciosa mocinha)

O que há para reformar em minha vida? Em primeiro lugar, quero pedir a Deus a graça para poder cumprir todos esses propósitos que faço aqui neste caderno. Não me abandones, Senhor, quando eu sair deste retiro, para que eu possa cumprir tudo o que prometi. Que eu trabalhe com afinco para tua maior Glória.

Rezo ao levantar-me? Nunca. Apenas faço o sinal da cruz. Prometo que, de hoje em diante, rezarei ajoelhada aos pés da cama, todas as manhãs, consagrando-me ao Sagrado Coração de Jesus. De noite sempre rezo, mas sentada na cama: rezarei agora ajoelhada. Muitas orações, antes e depois das refeições, nunca as rezo com devoção: procurarei ter mais cuidado.

Jaculatórias, como as faço? Por simples razão de marcar no meu papelzinho de vida espiritual, do Apostolado da Oração, e só à noite: quero agora rezar muito mais e com muita devoção. Meditação quase não faço, por simples relaxamento de pedir explicações a alguém sobre como fazê-la: mas aprendi agora e procurarei fazer pelo menos um quarto de hora por dia. Assisto diariamente à Missa e, se algum dia deixo, sinto-me triste o resto do tempo e com remorsos, se não fui apenas por preguiça. Faço algumas visitas ao Santíssimo durante o dia, mas poderia fazer muito mais, visto morar em colégio de freiras, tendo a capela ali bem perto de mim. Pedirei muito a Deus para que eu nunca mais passe por ela sem ir fazer-lhe uma visita; nunca me lembro de levar outras comigo; ajuda-me, Jesus, para que eu sempre me lembre de levar outras pessoas nessas visitas.

Nunca li os Santos Evangelhos ou a Escritura. Quando faço minhas leituras espirituais, sempre as faço do livro “Ele” ou muito raramente da “Imitação de Cristo”. Nunca procurei ler livro sobre a Ação Católica, do que

muito me arrependo e tratarei de remediar esse erro o quanto antes. Muito raramente faço o exame de consciência diário; o exame particular não o conhecia, mas agora que o conheço acho que é um meio muito eficaz para a emenda de nossos defeitos, principalmente os mais fortes; procurarei fazê-lo sempre. Confesso-me semanalmente, mais ou menos; não gosto de comungar sem me confessar regularmente. Para mim, o meu confessor é um amigo, o qual eu busco com frequência, para que, me aconselhando e perdoadando, ajude-me a seguir pelo caminho do Bem. Há ocasiões em que faço progresso de confissão para confissão, mas infelizmente nem sempre é assim. Com os propósitos que eu estou fazendo neste retiro, penso que farei muita diferença.

Tenho especial devoção a Jesus Sacramentado (se é assim que devo dizer). Sempre, nas alegrias e dores; nas maiores dificuldades e aflições, é ali que busco consolação com uma fé tal que chego a pedir sempre a Deus que nunca me falte com ela porque então não sei o que seria de mim. O sacrário para mim é tudo!!! Tenho por Nossa Senhora também uma devoção muito grande, tanto que, ao chegar aqui no Colégio Bom Conselho (onde se realizava o retiro), fiquei triste, de não ver sua imagem no altar. Minto, há uma N. Sra. da Conceição, mas tão diferente das outras, que sempre que ali estou não me lembro que na verdade é Nossa Senhora. É como se para mim não fosse. É essa a impressão que tenho e fico triste. Graças a Deus, tenho um amor imenso pelo meu terço; ando sempre com ele, porque tenho a certeza de que nos livra muitas vezes do mal. Peço a Deus para que sempre eu me lembre dele, o terço, e que nunca o abandone. Nunca me lembro de que tenho, ou raramente recordo, um Anjo da Guarda. Sempre, nas minhas orações, peço a Deus que mande um Anjo da Guarda cuidar de meus irmãos e sobrinhos, porém a mim não. Vejo agora quanto eu andei mal em não me encomendar ao meu. Já é fiar-se de si!!! Sabe lá se muitas vezes nas minhas tristezas eu tivesse pedido o seu auxílio elas não teriam sido mais raras? Procurarei invocá-lo sempre ao levantar-me e mesmo durante o dia.

Sobre o retiro, nada posso dizer, a não ser que este é o primeiro que faço e que espero colher muitos frutos de todas as sementes que o P. Bragança lançou no meu coração. Boa vontade eu tenho, mas penso que faço isso que o P. Bragança disse: quero o fim, mas não quero os meios. Tenho nestes dias pedido a Deus que me torne ativa; eu quero ir contra minha preguiça e timidez.

Sobre a Sagrada Eucaristia, já disse um pouco antes, pois, tendo toda a minha fé no Tabernáculo, só posso ter desejos imensos de receber a Sagrada Comunhão. Recebo-a todos os dias, salvo naqueles em que, por um pouco de escrúpulos, deixo de fazê-lo por não ter podido confessar-me. Até bem pouco tempo não tinha levado ninguém à Comunhão, mas agora, com outra centrista (moça da Ação Católica), levei três mocinhas e um rapaz a fazerem a sua primeira Comunhão. Agora estou trabalhando para fazer com que duas primas

muito queridas tomem, depois de muito tempo, a Sagrada Comunhão. Muitas vezes, talvez por um pouco de distração, não me preparo o suficiente para receber a Comunhão e depois, pelo mesmo motivo, não dou a devida ação de graças.

É mesmo de horrorizar ver o jeito como eu tenho sido mal agradecida para com Deus. Bem podia já estar no inferno, como o padre Bragança disse, e aqui estou ainda pela graça de Deus e misericórdia que teve para comigo. Fazei, meu Deus, com que eu sempre me lembre disso. O fruto da Comunhão é o de dar-nos cada dia novas forças para novas lutas. E tenho a certeza de que hei de vencer assim, recebendo-o seguidamente, as minhas negligências, os meus esquecimentos e as tentações do demônio. Espero vencer. Não é necessário responder às outras perguntas sobre a Eucaristia, por tê-las já respondido um pouco antes.

Muito pouco faço promessas, mas já algumas vezes tenho faltado em pagá-las, sejam orações ou terços.

Muito e muito tenho em que reformar neste nosso lema: “Ser eucaristicamente piedosas”. Deus me ajude a corrigir todos os erros deste pequeno exame.

Sobre jaculatórias: se, dizendo: “Jesus querido, ajuda-me”, ou simplesmente: “Jesus querido”, eu faço uma jaculatória, então, são centenas por dia, sem exagero, porque a cada momento chamo por Jesus, pedindo uma graça, chamando-O em meu socorro, ou então para dizer-LHE o quanto O quero.

Um dos propósitos que quero fazer é o de traçar um programa para durante o dia.

“Angelicamente pura”. Tenho eu sempre prezado a minha pureza? Coisa bem difícil de dizer. Certamente, nada de grande fiz contra a pureza, mas sabe lá quantas vezes não deveria ter cuidado mais. “*Fazei, minha Mãe querida e meu modelo de pureza, que eu sempre olhe para vós e vos imite*”. Sou muito perseguida de pensamentos maus. Mas algumas vezes, meu Jesus, eu consenti neles. Como me arrependi e me arrependo ainda hoje. Meu Anjo da Guarda, guardai meus pensamentos e não deixeis que jamais eu consinta neles quando forem maus. Felizmente, quase todos os pensamentos maus que me vêm, eu prontamente os afugento, chamando por Deus, porque são horríveis alguns que teimam em ficar na minha cabeça. Fazei, meu Deus, que eu sempre me lembre de Vos chamar nesses momentos. Felizmente, eu tenho uma mãe que soube me guiar pelo caminho da vergonha e da decência. Não ando atrás da moda, mesmo porque somos pobres, e talvez seja melhor ser pobre, neste ponto, já que as modas são quase todas exageradíssimas e eu não gosto disso, graças a Deus. Não me pinto: mais um resultado da mãe que

tenho. Que Deus me conserve esta mãe querida por muito tempo, para que sempre me guie no bem como até agora. Gosto de me mostrar? Que ruim ter que reconhecer que sim! Ainda que poucas vezes, há ocasiões em que caí nessa leviandade, em pequeninos nadas em que gostamos, ainda que disfarçadamente, de nos mostrar. Isto precisa acabar. Devo ser humilde de verdade.

Nem sempre fujo das ocasiões de pecar, como deveria fazer. Sempre gostamos de brincar com o fogo, mesmo sabendo que ele queima, Fazei, minha Mãe querida, que eu tome tal horror desse fogo das ocasiões de pecar, que já de longe eu fuja horrorizada. Livros que tenho lido são os chamados “Livros da Coleção das Moças”, que infelizmente nem sempre o são. Felizmente, nos últimos tempos tenho lido pouco mas, com franqueza, não por fugir deles. Procurarei não mais ler estes, que não sei se são bons ou não; pedirei opinião a alguém que saiba me aconselhar. Cinemas? Gosto muitíssimo de ir ao cinema, mas reconheço que muitas vezes a fita me perturba o espírito. Conforme combinei com o P. Bragança, cuidarei muito deste ponto, evitando ir, se eu achar que é melhor. Terei forças para cumprir isto? É muito e muito difícil, mas Deus me ajudará e, no momento preciso, hei de encontrá-las. Namoros? Não tenho inclinação para namorar. Graças mais uma vez a minha mãe, não costumo ter familiaridades com rapazes que não sejam os meus irmãos.

Com os propósitos que fiz neste retiro, espero poder usar descansadamente o meu distintivo diante de minhas companheiras. Há ocasiões em que me lembro de mortificar-me, mas infelizmente muitas são as vezes em que me esqueço. Ajudai-me, meu Jesus, a mortificar-me, mesmo em coisas pequenas.

Sou moderada no dormir e no comer? Nem sempre o sou no dormir. Muitas vezes já deixei de assistir à S. Missa nos dias de semana para dormir um pouco mais. Agora, com o programa que tracei para o dia, fiz o propósito de levantar-me às 6:00h e, com a graça de Deus, cumprirei.

Devo, se ainda não o fiz, fazer da pureza angélica o meu ideal. Devo ser “pura até o altar, fiel até o túmulo”. Eis tudo o que me falta para ser “angelicamente pura”. Mãe querida, modelo de pureza e de humildade, fazei com que eu sempre olhe para vós e vos imite. Guardai-me, meu anjo da Guarda.

“Apostolicamente ativas”. Qual é a minha atividade apostólica? É frouxa. Nada faço para o meu Centro (unidade do movimento feminino da mocidade da Ação Católica) por mim mesma e, quando sou mandada, muitas vezes não o faço de boa vontade. Mas tão lindos foram os sermões do P. Bragança, que agora irei trabalhar bastante. Deus me ajude para que não seja entusiasmo de momento.

Qual o meu conhecimento de religião? Pouco, pouquíssimo. Tanto que, ao dar aula de catecismo, sinto falta de instrução. Fiz o propósito de estudar para depois poder transmitir aos outros, sem medo de errar, as verdades de nossa religião. Muitas vezes, por qualquer motivo, deixo de assistir às reuniões. Procurarei assisti-las sempre. Nunca procurei instruir-me a respeito da “Juventude Feminina Católica”, e vejo que foi um grande erro, prejudicando com isso a própria “Juventude”, pois não a conhecendo, como poderei defendê-la e propagá-la? Ajudai-me, santos padroeiros da “J. F. C.”, para que eu aprenda o que for necessário sobre a Ação Católica. Procuo fazer em volta de mim o maior bem que posso? Nem sempre. Poderia fazê-lo muito mais, mas às vezes penso que um pouco de respeito humano me impede. Jesus, fazei-me, como disse o P. Bragança, descaradamente católica. Qual o meu desejo de perfeição? Acho que é esse: quero o fim, mas não quero os meios. Mas, como os meios estão aqui nestes propósitos, espero que em breve serei “perfeita”. Dou sempre o bom exemplo? Nem sempre. Por falta de instrução, acho eu. São Luis, ajudai-me a estudar minha religião. Nosso Senhor deseja de mim muito mais, no ponto da perfeição. Entre os meus irmãos é que eu deveria exercer primeiro meu apostolado, e não o faço por ter “medo” de falar-lhes. Mas prometi, no retiro, vencer-me e levar-lhes de vez em quando uma palavra que os encaminhe para a Igreja.

Muito pouco faço e pouco me sacrifico no apostolado: pois, nada fazendo, como me poderei sacrificar? Nem sempre recebo bem e com submissão as ordens do Centro e da Direção Geral da Ação Católica. Não sendo nem apostólica, nem dando o bom exemplo, como poderei zelar pelo bem do Centro? Como trato aos meus superiores hierárquicos? Como poderei tratá-los senão com respeito? E Deus queira que eu assim sempre proceda.

Muitas vezes esqueço-me de rezar por todos por quem deveria rezar. Minha Mãe querida, fazei que eu sempre me entregue em vossas mãos e nas de vosso Filho, nas minhas atividades apostólicas. Que quererá Nosso Senhor de mim? Quererá muito mais, já que não faço quase nada. Que posso fazer mais por Ele? Posso fazer tudo, entregando-me em suas mãos para que só Ele seja o meu guia e senhor. Ajudai-me, Jesus querido, nesses meus bons propósitos, para que não fiquem só em palavras.

III.

“Eu não deveria atender a teu chamado?...”



Maria Penha da Cruz sentia-se feliz no seio da Congregação religiosa para a qual a Divina Providência a havia chamado. Era a sua segunda família e ela a amava profundamente.

Era muito afeiçoada a S. Vicenta Maria López y Vicuña, cuja biografia lera e relera muitas vezes, assimilando, assim, a riqueza dos seus exemplos.

Em seus escritos registra frequentemente invocações à madre fundadora, S. Vicenta Maria López y Vicuña.

“Madre fundadora, vela pelas tuas filhas e aprendamos à custa das que tiveram a infelicidade de perder a vocação. Que sejam generosas, é o que te peço para todas, de um modo particular peço para mim, que sou uma das que mais precisam ser generosas. Sabes o quanto amo a Jesus, mas quero amá-lo muito mais. Minha madre fundadora, tu sabes que quero imitar-te: intercede por mim”.

Sta. Vicenta Maria arregimentou almas femininas, de coração generoso, formou-as no amor do Salvador e da Virgem Santíssima, e enviou-as por todos os quadrantes do mundo.

A congregação que fundou se destina ao bem das empregadas domésticas.

A finalidade sublime da Congregação tocou o coração afável, generoso e meigo de Maria, e ela, fazendo-se a madre Maria Penha da Cruz, sentia-se feliz em algo poder fazer no sentido da realização do elevado ideal pregado por Sta. Vicenta Maria.

Durante vinte e cinco anos foi registrando, desde quando ainda no seio de sua família, o amor pela vocação religiosa que inesperadamente lhe aparecera:

Sinto meu coração completamente abrasado de amor por Jesus.

Desde que vim do retiro, venho notando que este amor cresce dia a dia.

O que eu sinto em meu coração é uma coisa que eu chamo de ‘saudade do convento’. Mamãe diz que não se pode ter saudades de uma coisa que nunca se teve ou não se conheceu, mas eu teimo em dizer que é saudades porque eu já tive em outras épocas saudades e vejo que é a mesma dor que sinto agora.

Que fazer, meu Jesus querido, se ouço teu chamado e quero obedecer-te?...

Vendo que só no convento serei feliz, junto de ti, quero abandonar tudo: mundo, prazeres, diversões, irmãos e a própria mãe e, por isso, dizem-me que

sou ingrata. Mas ingrata por quê? Todos, ao chegarem a certa idade, não procuram seu futuro, sua felicidade?... Dá-me força e coragem, porque tenho medo de ser vencida por todos esses protestos.

Será, meu Pai adorado, que eu não deveria atender a teu chamado?...

Divino Espírito Santo, descei sobre mamãe e meus irmãos, para que eles se convençam de que eu devo separar-me deles, que eu devo ir para o convento. Maria Santíssima, tu que tiveste tanta coragem quando Jesus, aos 30 anos, teve de abandonar a feliz casa de Nazaré para se entregar totalmente ao seu Pai Onipotente, dá à mamãe força igual quando eu tiver de dizer-lhe o adeus, a fim de entregar-me inteiramente ao meu muito querido Jesus (1938).

Acabo de ouvir a prática do Pe. Doyle, s.j. e fiquei envergonhada. Posso dizer que sou religiosa? Só no hábito, meu Jesus; só no hábito. Que vergonha! Onze anos de vida religiosa e ainda não sou nada religiosa.

Onde está a obediência cega às minhas Santas Regras?... Onde o espírito de abnegação, de mortificação?... Onde aquela humildade que fazia com que os santos e fervorosos religiosos se reconhecessem indignos de qualquer favor, de qualquer amparo?...

Mas, meu Jesus, por que sou assim cega, fraca, covarde e ingrata?...

Coração de Jesus, eu preciso de ti, eu preciso que me agarres à força, se preciso for, e me carregues pelo caminho da perfeição. Quero ser santa, meu Jesus, porque quero levar muitas almas para ti: levá-las a uma vida de perfeição. E, como vou fazê-lo, se eu não sou perfeita?... Como poderei dar o que não tenho?...

Estúpida que sou, pensando que tinha muito jeito para ser guia espiritual das meninas (1949).

Falou-nos o pregador sobre o voto de pobreza.

Disse que sempre que usamos de uma coisa sem permissão, não falando, é claro, das vezes em que podemos usá-la como uma permissão suposta, cometemos como que um roubo. Isto deixou-me pensativa, pois com este meu modo de ser, tão generosa, tenho dado muitas coisinhas às meninas sem permissão.

É difícilimo para mim ser mão-fechada: talvez isto seja uma armadilha do demônio para precipitar-me com ele nas chamas eternas. Dá-me, portanto, minha Mãezinha do céu, forças para lutar, embora seja uma luta contra minha consciência.

S. Coração de Jesus, estende-me a mão e afasta de mim este demônio da generosidade fora do comum. Sabes o quanto eu sou fraca neste ponto e

quanto sou pequenina; portanto, tens a obrigação (permite-me esta expressão) de levar-me em teus divinos e paternais braços, para que eu não caia mais (1950).

Quando eu achar que uma irmã deve proceder deste ou daquele modo, serei eu a primeira a fazer assim, para dar-lhe exemplo.

Penso que o que nos dão é mais para as meninas do que nosso. Portanto, lhes devemos dar e não guardar. Ver que os outros necessitam das coisas e que gostariam de ter tal e tal coisa, tê-las em vossa casa ou podendo arranjá-las com outros e não o fazer – é para mim um verdadeiro e enorme martírio. (1951).

Gostei do que o padre falou. Que devemos proceder assim: pensar que tenho de aconselhar a uma terceira pessoa sobre o que acho que é bom para ela, para ela fazer. Então, devo tomar o conselho para mim mesma. Ótimo! Daí tirei a conclusão de que quando eu julgar que tal ou qual Irmã deveria proceder desta ou daquela maneira, devo eu primeiro proceder assim para dar-lhe exemplo. É ótimo este modo de pensar.

Não mostrar cara feia nem dar indiretas, quando me contrariarem.

Quando será, meu Jesus, que eu vou ser bem mansa como um cordeirinho?... Sou ainda bastante selvagem, como um cabrito: e esperneio, grito, reclamo (ainda que quase sempre só no interior) quando me contrariam, quando não posso executar meus projetos. Quando será que deixarei de ser ruim?... Quando deixarei de sentir estas guerras tão cruéis que travo interiormente contra a minha natureza tão orgulhosa?...

O padre Rocha s.j., falou-nos no primeiro dia sobre a virtude da pobreza. Foi muito linda e muito prática sua dissertação. Como sempre que ouço falar sobre este ponto, fiquei embaraçada. Sou por demais liberal, mão-aberta – como se dizia – e tenho muita dificuldade em ser mão-fechada.

Custo a me convencer – e não sei quando me convencerei – de que tenho que ficar completamente muda na minha natureza generosa.

Bem sei que nada possuo, mas que é nossa obrigação remediar o mais possível as necessidades e também desejos de nosso próximo, por isso peço tanto aos outros para poder dar.

Agora, acontece que, como tantas e tantas vezes me negam o que peço, faço algumas coisas escondidas, com uma permissão suposta da Rvda. Madre Provincial.

Cada santo de seu feitio: eu prefiro sê-lo pedinchona e não conservadora.

Gostaria de explicar-me um dia com um jesuíta bem santo a este respeito, para ver o que me aconselharia. Faço propósitos e mais propósitos,

mas fico no mesmo: só enxergo necessidades à minha roda. Enfim, Senhor, não quero ficar obstinada neste meu modo de encarar as coisas e peço-te que me dê a conhecer o que devo fazer.

Pela infinita misericórdia de Deus, depois de um mês e meio de estar aqui neste clima tão bom (de Miguel Burnier, montanhas de Minas Gerais), fiquei boa da manchinha que havia no pulmão esquerdo. Aqui ainda ficarei por mais um mês e meio e então não voltarei para Santos e sim irei para Belo Horizonte.

A grande caridade de minhas superiores não permite que eu volte para aquele clima tão quente de Santos. Bendito seja Deus, por tanta bondade. Que caridade tão desinteressada há em nosso amado Instituto.

Disse-me a Rvda. Madre Provincial que eu sou branda cera nas mãos de meus superiores e que sempre o seja. Assim desejo de todo coração, pois, não servindo para muita coisa, que ao menos possam eles fazer de mim o que quiserem, sem que jamais eu mostre cara feia.

Sinto sair de Santos. Pela Rvda. Madre Mestra e por toda a Comunidade, que sempre foram boas para mim. E também pelas meninas empregadas domésticas.

Mas Deus é bom para comigo e, ao tirar-me de lá, para que eu não sinta tanto, manda-me para Belo Horizonte, casa de que tanto gosto também pelo grande número de meninas empregadas domésticas que há ali.

Onde está o sacrifício?... Sinto-me envergonhada ao ver que tudo para mim na vida religiosa é sempre suavizado. Será porque Deus conhece minha grande fraqueza e miséria e por isso sempre adoça a pílula?... Que eu saiba te amar, meu Pai querido, cada vez mais, pois só assim poderei pagar-te esta tua bondade e misericórdia para com esta tua escrava.

Soube, pela Rvda. Madre Provincial, que minha ida para a casa de Belo Horizonte ainda não está certa. Tenho a impressão de que, ao comunicar às mães daquela casa que ia me mandar para lá, terão reclamado e não terão querido, visto ir eu com ordem da Rvda. Madre para não trabalhar muito. Isto naturalmente não poderá ter agradado, uma vez que necessitam de gente para ajudar. A Rvda. Madre escreveu para Santos, a fim de saber do médico se, em consciência, acha que posso voltar para lá e, da resposta dele, dependerá meu futuro.

Quando toca o sino ou quando me chamam para outra coisa, pensar que Jesus está ao meu lado e dizendo: “Vem, agora quero que faças outra coisa” – Não devo, portanto, fazê-lo esperar. Devo segui-lo imediatamente. Aumenta minha fé, Jesus.

Confessei-me e acusei-me de soberba, por não gostar de obedecer às que não são superiores, e também de sentir revolta quando a superiora não

concorda com meus projetos para atrair as meninas. Disse-me o padre que às que são superiores devo obedecer como a Deus, quando elas têm direito de mandar. E, quando a superiora não concordar, devo fazer como ela quiser.

Se fosse o caso de se perderem as meninas por falta das festas e promoções para atraí-las, a culpa seria da superiora e eu só teria merecimentos por ter obedecido e oferecido aquilo pelo bem das meninas.

Nossa Senhora querida, ajuda-me a proceder assim. Tu sabes o quanto isto me custa; que violência tenho de fazer para render o juízo neste ponto. Mas, se esta é a vontade de Deus, eu quero vencer-me, eu quero ser cega e deixar-me guiar pela superiora.

Tudo por Jesus, tudo por teu amor e pelo bem das almas de todas as empregadas domésticas.

Tenho de dominar minha soberba no que toca à obediência. Obedecer, obedecer, obedecer sempre e em tudo o que não for pecado. Custa-me horrivelmente ceder, pelo menos com a vontade, a certas ordens ou a certas negativas de minhas superiores. Se eu quero deixar Jesus contente e cumprir com minha vocação, tenho que renunciar à **minha vontade, meu modo de ver e minhas ilusões ou fantasias**.

Devo pensar, dizer e agir conforme a vontade de minha superiora. Isto me custa um triunfo. Para mim, isto muitas vezes significa um verdadeiro martírio, **mas parece mesmo que isto é o que Deus quer de mim, para então frutificar meu zelo pelas meninas empregadas domésticas**.

Eu quero, por esta intenção, sacrificar minha vontade. Sei que muitas vezes não o conseguirei, mas vou tentar, com a graça de Deus, que não me há de faltar, e a proteção da Santíssima Virgem. Minha Madre fundadora, Sta. Vicenta Maria, também, certamente, estará pedindo por mim.

Jesus, necessito de uma vontade firme, inabalável, quando se tratar de cumprir minhas Regras, um Ofício e tudo o que for para tua glória e salvação das almas. Minha Mãe Santíssima, peça esta grande graça para mim (1952).

À Nossa Senhora, tenho a certeza, devo esta graça, em primeiro lugar.

Em todas as práticas, o Padre insiste na obediência. Não pode ser bom religioso aquele que não é obediente. Penso que não sou bem obediente, já que muitas vezes dou tantas voltas que acabo fazendo com que a superiora faça como quero, como gosto. De hoje em diante, hei de negar meu gosto, minha vontade. É difícil, mas com a graça de Deus e boa vontade tudo parece possível.

Parece-me que, de minhas faltas, a que dá mais na vista é o fazer muitas coisas sem pedir permissão. Para reformar-me nisto, terei que rezar muito e pedir antes de fazer as coisas, pois em 90% dos casos faço é sem malícia, por não me dar conta.

Peço também a Deus que pague por mim a esta santa congregação as delicadezas e cuidados que tiveram comigo durante a minha enfermidade. Trataram-me como mães. Deus que lhes pague! (1954).

Conselho que me deu a minha Rvda. e muito amada madre mestra quando embarquei destinada a Santos: “Três coisas lhe ajudarão a ser santa e a ser o que querem seus superiores, isto é: espírito de Fé, espírito de Piedade, espírito de Humildade”.

Sobre a indiferença. Não é uma virtude. É um estado de alma, um conjunto de todas as virtudes. Eu posso ser indiferente e no entanto sentir lutas tremendas e revoltas íntimas... Por exemplo: hoje eu fui indiferente, apesar de ter sentido muita repugnância em fazer o que me mandou a Madre X. Foi assim: mandei uma toalha do altar para as meninas passarem, na oficina, e ela mandou de volta com um bilhete em que dizia que de manhã ninguém poderia passar.

Tive vontade de passá-la eu mesma, de desaforo. Venci-me, no entanto, e coloquei-a assim mesmo no altar. Mandou também dizer que eu mudasse o frontal. Fiquei com desejos de vingar-me e não mudá-lo. Lutei alguns minutos, mas com a graça de Deus, vendo que com minha renúncia e indiferença Jesus ficaria mais contente, venci-me e fiz o que ela mandou. Agradeço-te, Pai querido, por me teres dado forças.

Sobre a força de vontade, de caráter. Ensinar às meninas a cumprirem o dever, custe o que custar. Ficar séria e zangada quando não o cumprirem. Isto lhes fará bem.

Muitas vezes dizemos que as meninas passam o dia terríveis, teimosas e malcriadas, mas, se bem examinarmos, fomos nós que passamos o dia sem paciência e sem jeito. (1955).

* * *

Ontem, Jesus, sofri uma penosa humilhação. Tive de dizer à Madre Superiora que não podia seguir servindo à mesa, pois ando me sentindo muito mal do coração, e penso que é pelo esforço de puxar o torno. Tu sabes o que me custou, mas seja tudo por teu amor.

A vida religiosa não é um Tabor contínuo.

Há que baixar com Jesus à realidade da vida. Tabor são os dias de retiro e somos mais felizes do que os apóstolos, pois cada ano se repetem para nós estes dias de visão beatífica. Graças a Deus!

Jesus obedecia, e muitas vezes a coisas que Ele, infinitamente sábio, via não serem tão perfeitas. Contudo, obedecia a S. José e à Santíssima Virgem, que eram a autoridade constituída. Que posso eu reclamar, quando me parecer ser injusta ou errada a ordem que me dão?...

Exame de minhas Regras: as que mais faltou, segundo me parece, são: silêncio, clausura e recreações. Continuo a falar, embora em voz baixa, ao dar sinal para terminar o recreio.

** * **

Quando, meu Deus, serei obediente?... Quando obedecerei “de vontade e de entendimento”?... Obedeço, geralmente, ‘de execução’, mas minha vontade se revolta e meu entendimento não quer render-se. Que eu veja sempre, Jesus querido, nas ordens de meus superiores, e mesmo quando não o são, a tua divina providência, que assim dispõe para a minha santificação.

Outra meditação sobre a obediência. Jesus menino obedecia a S. José e, para obedecer-lhe, ele subjugava sua vontade, sua iniciativa, sua personalidade.

Assim tenho de fazer eu, se quero parecer-me com Jesus e agradar-lhe. Subjugar, escravizar minha vontade, minha iniciativa, minha personalidade. Vim à religião para obedecer e, se não obedeco, que faço?... Como serei santa?... Jesus querido, obediêntíssimo, ajuda-me!...

Mãe Santíssima, Medianeira de Todas as Graças, dá-me esta grande graça de saber formar as meninas empregadas domésticas que vivem a meu lado. Isto também te peço por todas as Filhas de Maria Imaculada.

O Padre falou que nossa congregação é de grande alcance social. Agrada muito ao Papa, que tanto se preocupa com a questão social.

Insistir muito na formação das meninas, para que elas saibam defender-se, saibam usar dos prazeres lícitos do mundo – cinemas, teatro, namoro, etc., sem se deixarem levar por eles. Saibam abster-se deles quando vejam que lhe podem causar dano à alma.

Eu penso que nós, as religiosas, deveríamos instruir-nos um pouco mais em psicologia, pois muita falta nos faz no trato com essas pobres meninas empregadas domésticas, às vezes tão rudes, ignorantes e mal-educadas.

Servir a Jesus não me deve dar pena nem tristeza. Depois destes dias tão celestiais do retiro, volver a entrar na luta, a tratar com as pobres meninas. Lembrar-me de que estou seguindo a meu Jesus, com minha Mãe Santíssima.

O que fez o pai do filho pródigo, quando este, arrependido, voltou para pedir-lhe perdão, não por amor ao velho pai, mas sim por interesse? O mesmo procedimento deve ser o nosso quando as meninas, depois de uma ingratidão, um desaforo ou um insulto, vierem humildes pedir-nos desculpas. Nunca devemos mostrar-lhes cara feia. Antes, devemos ajudá-las a confessarem sua falta. Assim faz Deus com os pecadores; fez muitas vezes comigo e, se quero me assemelhar a ele, assim devo fazer. Mãe Santíssima, ajuda-me! (1958).

* * *

Fuga para o Egito. Obediência sem pedir explicações. Meu Jesus, quando a Madre me mandar fazer alguma coisa ou dar algum recado, eu não ponha objeções. Preciso fazer assim.

Vida de Jesus em Nazaré. Obediência. Trabalho.

Obedece, madre Penha, mas obedece de verdade! Seja lá o que for mandado. Mas lembra-te na hora precisa. Não perder tempo. Devemos produzir. Eu sempre acho que não produzo nada, pois, desde que ando na rua com os encargos da madre superiora, não produzo nada na oficina.

Sinto-me humilhada com isto, mas talvez seja bom para mim, pois assim não me posso envaidecer.

Procuo ser amável, serviçal com todas, para ao menos nisto ser útil à Comunidade.

Cuidar para não perder o tempo com conversas sem proveito. Procurar fugir de certas conversas, ou, então, nelas fazer apostolado.

Esteve entre nós, de volta à Espanha, a nossa Rvda. Madre Geral. Foram horas estas de que muito desfrutamos, ouvindo-a falar e dar-nos sábios conselhos. Entre outros, disse-nos que deveríamos recordar porque nos fizemos religiosas, pois muitas, depois de entrarem, pretendem servir a Deus a seu modo, com seu gênio, etc., não cuidando de mortificar-se e vencer-se. Os outros que aguentem, mas as tais seguirão sendo as mesmas, servindo a Deus, como elas querem e não como Deus quer.

Devemos, disse nossa Madre, perguntar sempre a Deus o que Ele quer de nós: como quer que façamos tal ou tal coisa, e só assim estaremos servindo a Deus como prometemos ao entrar em Religião.

Enfim, tenhamos espírito religioso, quis dizer nossa Rvda. e tão santa Madre Geral.

Quanto sofrerá nossa Madre ao ver nosso relaxamento! Tem, pois, piedade de mim, Pai querido, e que eu me reforme de tal maneira que seja uma fiel cópia tua e, assim, sendo, arraste outras ao caminho do fervor e da exata observância.

Terminaram os santos exercícios, mas, se terminaram as práticas, as meditações, os avisos e os exemplos, vão começar agora os verdadeiros exercícios quando, amanhã, cada uma em seu posto, começar a exercitar o que escutou, aprendeu e leu nestes benditos oito dias.

Bendito seja Deus, e Ele pague às nossas superiores que nos proporcionaram estes dias de descanso corporal para com mais atenção pensarmos nas coisas da alma.

Se algum dia nos vier o desânimo por ver se perderem, ao saírem do nosso colégio, meninas que aqui passaram tantos anos, não desanimemos. Se são muitas as que se perdem, muitas mais são as que se salvam. Portanto, por muito bem empregados devemos dar todos os nossos sacrifícios e trabalhos, se com eles conseguirmos evitar ao menos um pecado mortal, como dizia S. Inácio de Loyola. (1960).

Preciso ser cega para não ver os defeitos de minhas Irmãs, e enxergar bem para ver as suas virtudes.

“O fim principal de nosso Instituto não poderá ser alcançado, se a caridade não é praticada sem a menor negligência” – escrevia a nossa santa madre fundadora.

Quando me vier um pensamento, um juízo contra minhas Irmãs, devo imediatamente dizer-me a mim mesma: “Que tens que ver com isso?... Tu farias muito pior... Cuida de ti e deixa os outros”. É preciso fazer assim: dar duro para corrigir-me dessa mania de estar sempre julgando as minhas Irmãs. Quem sou eu?... Se elas soubessem o que fui e o que sou, todas me detestariam. Assim que, Madre Penha, trata de ser muito caridosa em teus pensamentos, para que Jesus fique contente contigo.

Que eu trabalhe muito com as meninas, Jesus!

Que eu as ajude a serem cumpridoras de seus deveres. A serem santas empregadas domésticas, conformadas com a sua posição (que pode ser humilde mas tem tanta utilidade para o bem de numerosas famílias que delas necessitam efetivamente).

Trabalha comigo, Jesus, para que eu lhes faça muito bem. (1961).

* * *

Quando eu sentir desolação e não mais vir a estrela da consolação, como se já não tivesse mais vocação, ficar firme, não voltar atrás. Confiar tudo à Madre Superiora e seguir seus conselhos, que a estrela brilhará novamente.

Nunca perderei minha vocação se fizer sempre com todo o interesse, integral, minha meditação, embora seja perseguida por distrações.

Quase todos os dias o Padre insiste nos perigos de perder a vocação.

Como devemos estar alerta em sermos fiéis até nas coisas pequenas, pois por faltar a estas vai-se começando a ruína.

Meu Jesus querido, amarra-nos, sujeita-nos, mas não permitas tamanha desgraça. Tudo, Jesus, tudo, antes de perder o teu amor, a tua graça, a joia suprema da vocação.

Madre fundadora, vela pelas tuas filhas e que aprendamos à custa das que já tiveram a infelicidade de perdê-la. Que sejamos generosas. E o que te peço para todas, de modo particular peço para mim, que sou uma das que mais precisam ser generosas. Sabes o quanto amo a Jesus, mas quero amá-lo muito mais.

Não criticar nem pensar mal das religiosas que se confessam seguido, diariamente.

Três coisas muito dignas dizem se uma comunidade é fervorosa: a clausura, a limpeza e a guarda do silêncio.

Penso que a religiosa, à medida que vão passando os anos, forçosamente tem que se sentir mais feliz, pois aumenta a esperança de encontrar a Jesus na glória eterna.

Que eu possa levar-te a muitas almas, Jesus. Que as crianças a quem eu ensino o catecismo, guardem teus mandamentos por toda a vida.

Meu Deus, que eu tenha forças para vencer-me no que mais me agrada; que eu tenha forças para fazer guerra ao que mais me deleita.

Quero, Jesus querido, fazer o sacrifício de não ir a Porto Alegre com a orquestra do colégio.

Isto seria de muito agrado para o coração, mas eu quero, se a Madre consentir, oferecer este sacrifício pelo bem do nosso Instituto; pelo bem do levantamento do espírito de santidade do nosso Instituto no Brasil.

Sei que muito gozaria nessa excursão e em ver os meus, mas por isso mesmo aproveito esta ocasião para dar alguma coisa pelo meu amado Instituto que tanto me tem dado.

Ofereço também para que a nova casa que vamos abrir em Brasília seja um verdadeiro oásis para o teu Coração. Que seja um ninho de amor e de vocações santas aquela casa, Jesus.

Ajuda-me, Jesus, quero ter forças para oferecer-te este sacrifício. Mãe Santíssima, bem vêes a sinceridade destes meus desejos. Ponho-me em tuas mãos. (1962).

Bendito sejas, meu Deus, pelos cuidados e desvelos que sempre tens tido para com esta filha tão bobinha!

Bendito sejas pelas superiores que sempre me deste e que, mais sabidas do que eu, me ajudaram a não cair!

Tenho dobrada obrigação de ser santa, e santa muito grande, para pagar-te tanto amor.

Muito obrigada, Jesus! Muito obrigada, Mãe Santíssima.

* * *

Meu Paizinho, tu sabes que hoje eu não fiz nada dos meus atos espirituais. Passei a manhã sem rezar nada. Mas tu bem sabes o porquê: serviço demais.

Fiz tudo o que me foi possível, e tu sabes com que sacrifício, para que a festa da Rvda. Madre Superiora saísse o melhor possível.

Eu, saindo todos os dias, como saía, não me sobrava tempo e tive, ontem à noite e hoje pela manhã, de correr para poder acabar os presentinhos e fazer o santinho, que por sinal ficou bem bonitinho.

Muito te agradeço por me teres ajudado.

Assim que, agora, senti uma vontade louca de conversar contigo, meu Pai. Penso que não ficarás brabo comigo por não ter rezado tudo, pois estava fazendo tua vontade, não?...

Havia, como tu bem viste, certa indiferença da parte de algumas Irmãs e era então preciso que eu fizesse o máximo que me permitiam minhas forças e capacidade para consolar um pouco a Madre, que bem percebeu tudo e até chorou.

Meu Jesus, faz com que as que não têm verdadeiro espírito religioso se tornem mais virtuosas, mais religiosas.

(Este foi o último registro que fez em seus cadernos de anotações, com data de 22/8/1963, vinte e três dias antes de sua morte).

IV.

“Fiz-me religiosa porque amo a Jesus”



Hoje é o dia de Santa Madalena. Já que, como tu, Madalena, ofendi também ao Mestre, alcança-me agora deste mesmo Divino Jesus aquele grande e generoso amor que lhe deste. Que pode, meu Jesus, um esposo aqui na terra fazer por sua amada para demonstrar-lhe seu amor? Quando muito, num gesto rápido e decidido, se exporá a perder a vida por ela; mas nunca chegará a fazer o que fizeste por mim, por me amares. Com pleno conhecimento do que ias sofrer e ainda assim com toda a calma, por amor a minha alma, te entregaste aos algozes para que te crucificassem e ficastes três horas naquele horrível martírio.

O teu amor é o único que nunca se acaba, nunca diminui. Ao invés, vai crescendo à medida em que a alma vai tornando-se mais generosa e se entrega toda a ti. Por isso, mil e mil vezes te agradeço o teres me escolhido para tua esposa, para viver todos os meus dias terrenos nesta tua casa santa e para depois ir ver-te por toda a Eternidade. Assim seja! Minha Mãe Santíssima, ajuda-me a amar teu Filho com aquela loucura de amor com que Ele me ama; e a ti, como Ele deseja que eu te ame.

Fazer o bem, escondendo-me. (1951).

Eu não tenho coragem de judiar ninguém, nem mesmo um insetozinho; como tenho de fazê-lo com Jesus, que é tão bom para comigo?... Cometendo um pecado venial, eu digo a Jesus: “Não te quero matar, mas dou-te uma bofetada”. Que horror me dá só em escrever isto! Como, pois, me atrevo a cometê-lo?... Não penso, mesmo... Não sei; não posso compreender isto... Faz meu querido Jesus, com que eu sempre tenha na memória estes pensamentos: do mal que te trato quando cometo um pecado venial, e assim não terei coragem de praticá-lo.

Sobre o trato com as meninas, insiste muito o Padre: não devemos humilhá-las em público quando a falta não for pública. Isto causaria graves desastres. Ter pena delas quando cometerem uma falta, ainda que grave.

Não ser polícia. Tornar a vida de comunidade agradável.

Nos atos espirituais, não contar o tempo e sim o amor com que os fazemos.

Não querer impor nosso modo de viver aos que não são religiosos.

Devo convencer-me de que Deus vê a intenção e não a ação. Fazer tudo com muito amor.

A santidade não se consegue por muitos pensamentos, mas sim por muito amor (Sta. Tereza).

Estive com a Rvda. Madre Superiora, que disse que, se não somos santas, é porque temos pouco amor a Deus, pois a santidade é coisa simples. Mas eu acho que amo muito a Nosso Senhor e, no entanto, nem sempre faço como Ele quer; e não sou como deveria ser.

Penso que não somos santas, não porque não amamos muito a Nosso Senhor, mas sim porque não temos muita força de vontade. Em casa, amávamos muito a nossa mãe e não obstante, quantas e quantas vezes lhe desobedecíamos, não fazíamos como ela queria. Não a amávamos, por isso?... O que acontecia é que nós não tínhamos força de vontade suficiente para negar-nos e fazer como ela queria. Penso que o mesmo se passa com a santidade. São Pedro não amava muitíssimo a Nosso Senhor?...

Aceitar com alegria todas as provas, sofrimentos, falta de compreensão etc., que me vierem, para demonstrar a Nosso Senhor meu amor. Estar sempre pronta para o que Ele quiser, com alegria. Nas horas de sequidão espiritual, de desânimo e de abandono, devemos ficar alerta e esperar que Jesus volte. Ele se esconde às vezes, para ver como procedemos. Devemos, então, mais do que nunca, unir-nos aos nossos superiores e então Jesus aparecerá novamente.

Meu Jesus, eu te amo! Agradeço-te e quero, com tua graça, amar-te cada vez mais e dar-te muita alegria com estas pequeninas coisas. Lembra-me sempre disto, Jesus, pois tu sabes o quanto eu sou esquecida.

Perde-se muito tempo pensando no que se fez no passado, com grave risco de preocupar-se demasiado com o que já passou e ficar desanimada. Pode-se, também, com esta preocupação, perder a ocasião que o presente nos oferece para amar muito a Jesus e assim reparar esse passado que tanto nos preocupa. Deixemos o passado. Aproveitemos nosso presente, amando muito, muito a Jesus e a sua Santíssima Mãe. Ofereçamos-lhes sacrifícios pequenos que a cada momento se nos apresentam, para repararmos o passado. Não devo perder nenhuma destas moedinhas, para saldar minhas dívidas. Jesus ficará contente e eu me sentirei feliz ao ver que não perdi o momento que Ele me deu. (1955).

Nas meditações do Princípio e do Fim, senti desejos muito grandes e sinceros de não negar mais nada a Jesus. Aliás, isto eu venho sentindo há muito tempo, só que nem sempre tenho forças ou, antes, no momento não lembro e já se vai uma ocasião de dar um gosto a Jesus.

Que fazer?... Não perder a coragem. Ir adiante, agarrando-me à Santíssima Virgem para que ela me ajude a não olvidar sequer uma vez.

Quando me ordenarem uma coisa que me custa, não negar isso a Jesus. Quando me ofenderem, não esquecer que é Jesus que está ali e dar-lhe gosto e prazer deixando passar tudo por seu amor e para vê-lo contente.

Quero ser santa porque amo a Jesus Cristo.

E, se o amo, quero sempre a cada dia segui-lo de mui perto. Somente lograrei isto fazendo como me disse: renunciando-me à imitação de sua e nossa Mãe bendita. Quero! E tudo posso naquele que me conforta. Assim seja! Tua, contando com tua graça.

Examinando minha vocação e tirando a conclusão: não me fiz religiosa para ser santa, nem para salvar almas. Fiz-me religiosa, porque amo a Jesus. Agora... por este amor entrei disposta a tudo o que Ele queira de mim. Por Ele e por Nossa Senhora, tudo! (1956).

Contemplação para alcançar o amor. Deus está trabalhando em tudo por meu amor. Está em todas as coisas por meu amor. Olha-me sempre por meio das coisas criadas. Devo eu amá-lo de igual maneira. A beleza das coisas deve me levar a Ele. Por exemplo: gosto tanto de perfume e ao aspirar algum devo pensar no prazer e felicidade que Deus sente ao aspirar o perfume das virtudes. Devo esforçar-me por adquiri-las cada dia mais e com mais interesse, sabendo que isto delicia a Deus.

Um dos propósitos que fiz nestes exercícios é não mostrar cara feia nem dar indiretas quando me contrariarem. Sempre que uma irmã deve proceder deste ou daquele modo, serei eu a primeira a fazer assim para dar-lhe exemplo. (1958).

Quero, quando vir alguma coisa suja ou fora de lugar, em vez de ir contar à Madre Superiora, limpar ou pôr no lugar, por teu amor, Jesus. Ajuda-me!

Confessei-me, e o Padre disse que isto de eu falar demais é devido ao meu gênio comunicativo, simpático. Que isto é um dom de Deus e não devo sacrificá-lo, mas ter um pouco de cuidado em não faltar às minhas Santas Regras a respeito. Quanto ao contar à Madre o que vejo que fazem errado ou por desobediência, devo eu mesma arrumar, pensando que foi por esquecimento que fizeram ou deixaram de fazer isto ou aquilo; a não ser quando eu veja que é por pirraça, pois neste caso devo dar conta à Madre. Obrigada, Jesus!

Uma religiosa santa arrasta muitas almas para Deus. Ó meu Jesus, tu sabes o quanto eu desejo salvar e santificar as almas; que todos os que me vejam ou comigo falem, sintam desejos de viver mais santamente. Mãe Santíssima, ajuda-me. Anjo da guarda, lembra-me.

Senhor, apesar de minhas negligências, minha faltas de delicadeza para contigo, apesar de tudo, Senhor, tu sabes que eu te amo! Ajuda minha fraqueza!

A morte, Jesus, virá e depois dela o Juízo. Quero, Jesus, querido, diminuir minha conta, empregando a caridade bem entendida. Que eu submeta o meu juízo e esta caridade à santa obediência. Tu sabes o quanto me custa algumas vezes isto, Jesus, e espero e confio em que sempre me darás tua graça, tua força. Que eu sempre coopere com esta graça, Jesus. Mãe Santíssima, fica sempre juntinho de mim para ser sempre fiel a teu Divino Filho. Anjo da minha guarda, obriga-me, força-me a andar sempre na linha.

Que sofrimento, que trabalho me parecerá demais, se penso no inferno? Tudo devemos sofrer com paciência e amor para agradecer a Deus o benefício tão grande que fez não deixando-nos cair no inferno, que tantas vezes merecemos. Tudo por amor, Jesus, e para pagar-te o amor tão grande que sempre me tens mostrado e que espero terás por toda a eternidade.

Mãe Santíssima, que eu observe sempre minhas santas Regras e me desprenda cada vez mais de tudo e de todos e só queira em Jesus e para Jesus. Assim não haverá perigo, não é?... Nossa Senhora querida, dá-me a grande graça de converter para Deus todos os que se acercarem de mim sem muita fé, sem muita pureza de intenção. Como desejo ser santa, para que todos, ao se acercarem de mim, saiam com desejos de serem mais perfeitos! Verdadeiramente, para que serve a amizade de uma religiosa, senão para fazer bem às almas dos que a querem?... Meu Jesus, desprende-me de todos e que os ame a todos em ti, para ti e contigo (1959).

Disse-me o Padre pregador que eu me esmere na caridade e na bondade com minhas irmãs, que Nosso Senhor dará jeito no resto. Assim seja! Bendito seja Deus!

* * *

Na continuidade do dia-a-dia, o nosso amor a Deus vai sendo expresso através de pequenas delicadezas na observância dos ensinamentos do Salvador; em ir compreendendo, aceitando e correspondendo, com reciprocidade, aos sentimentos de interesse de Deus pelo vosso verdadeiro bem.

Pelas anotações que fazia periodicamente, podemos apreciar a constância desse amor em Maria Penha da Cruz.

É o que vimos até aqui.

E o que vimos escrito por ela, poderemos a seguir corroborar com o testemunho de suas irmãs de Comunidade feito após sua morte:

“Dizem as religiosas desta casa que ela era de uma caridade excepcional com suas irmãs. Prestativa. Carinhosa”.

“A caridade que tinha para com todas as suas irmãs era delicada, encontrando sempre aquilo de que cada uma precisava ou desejava, em detalhes e minudências, levantando-se inúmeras vezes, no recreio ou na capela, para abrir ou cerrar alguma porta ou janela, ou fazer algum serviço que sabia nos aliviava ou de que gostávamos”.

“O amor aos pobres e sobretudo aos negrinhos, era por todas mais do que sabido. Esta predileção pelos pretinhos era, quase se pode dizer, sua paixão dominante, tanto que os santinhos em que encontrasse a Santíssima Virgem ou Sagrado Coração de Jesus rodeados de meninos e meninas ela pregava, recortando de alguma revista, um negrinho ou uma negrinha. Tinha várias de tais estampas no seu livro de ofício. No comércio, nos edifícios e nas conduções, ou onde quer que se encontrasse uma dessas crianças, lhes falava, dava conselhos e alguma medalha, santinho ou bala, e isto, mesmo que se tratasse de molequinhos da rua sujos e esfarrapados.”

“Por todas as suas virtudes, que se conheciam e transpareciam nela, era muito querida nesta casa, sentindo todas muito sua transferência para Brasília. Não só pelo útil e necessária que nos era, senão pela caridade e bom ambiente que fazia”.

“Na vida de comunidade, foi sempre muito edificante. Onde estivesse Madre Penha, não se faltava ao silêncio nem à caridade. Ela cortava qualquer

conversa que não fosse segundo as Regras ou que pudesse ferir alguém. No recreio, aprendemos a nos conhecer e a nos amar.”

“Com as doentes tinha uma dedicação especial. Era a primeira que se oferecia para acompanhá-la ao médico e cuidá-la quando fosse necessário”.

“As colegiais sentiam-se atraídas irresistivelmente. As de cor preta sempre tiveram sua preferência. Sabia dissimular os defeitos alheios e jamais alguém conseguiu criticar ou murmurar a seu lado”.

“Nunca a pude surpreender na menor falta à caridade. Descobria mil maneiras para aliviar a todos quando, de longe, vislumbrava alguma preocupação, tristeza ou aborrecimento. Como era de constituição delicada, sabia muito bem avaliar as necessidades de suas coirmãs. Achando-me eu, numa ocasião, bastante delicada de saúde, fui encarregada do refeitório, pois a comunidade era muito pequena e não havia quem o fizesse. Levantava-me à segunda hora e depois do café fazia a minha oração, para depois fazer meu ofício. Qual não era minha surpresa na maioria das vezes por já encontrar quase tudo feito, restando-me somente algo por acabar, para assim distrair-me. A nossa querida Madre Penha já havia posto as colegiais a trabalhar na oficina e também feito o serviço do refeitório, sem ser notada por ninguém. Ao meio dia, quando acontecia que eu me punha a lavar a louça, enquanto não chegava ninguém para o recreio, ela vinha tirar-me da pia dizendo: *“Quando chegar alguma e me vir lavando a louça logo me mandará embora, enquanto que Vossa Caridade ninguém a substituirá”*. E assim vivia procurando ocasiões para aliviar a todos”.

“Como ela era bastante gulosa, com muita frequência, conseguia da Rvda. Madre Superiora umas balinhas, alegando sentir muita necessidade de açúcar. No entanto, na maioria das vezes, ela não chupava nenhuma bala, tornando assim mais meritório seu sacrifício”.

“Não se perdoava sacrifício em favor das colegiais, mostrando-se sempre caridosa com todas”.

“Convivi com ela em nossa casa de Santos e na de São Paulo e depois em Belo Horizonte e finalmente, em Santos de novo. Nunca cometeu a menor falta de caridade, nem por palavras, nem por atos e não consentia em sua presença crítica alguma aos outros. Sempre estava disposta a prestar serviços e a fazer os trabalhos mais humildes”.

“Numa ocasião – aqui fala sua Rvda. Madre Mestra de noviciado – dizia-me uma co-noviça dela: “Madre, os anos mais felizes de minha vida são os que passo aqui no noviciado, e com Madre Penha”. Não havia muitas comodidades naquele noviciado, pois o local não era adaptado. Um calor asfixiante, falta de água, etc. Mas o bom espírito de Maria Penha da Cruz, sua alegria, seu bom caráter, o seu estar sempre satisfeita com tudo e nunca se queixar, faziam com que sua felicidade fosse comunicada às demais”.

“Quanto pode uma alma fervorosa e observante. Uma religiosa que não era de muitas palavras me diz: “Muito sentiria que levassem desta casa Madre Penha, pelo que ajuda V. Rev.” Mas não somente aos superiores, mas a todas ajudava, bem como procurava, sem chamar a atenção, dar às demais o que parecia lhes ser do gosto, deixando para si o pior”.

“Até aos médicos chamou a atenção o seu desvelo e interesse. Ao felicitar ao médico operador, o bem que havia ficado meu braço, que sofrera destroncamento e uma fratura difícil, respondeu um: “Não podia ser outra coisa. Rezaram tanto, e a madre Penha presenciou a operação...”. Ela me disse, depois, que havia oferecido a sua vida por mim, pois tinha medo de que meu coração não resistisse. Tinha muita caridade!”.

V.

***“Deus pague por mim a esta
santa Congregação...”***



Madre Maria Penha da Cruz sempre foi muito amada por suas Irmãs de congregação, que assim correspondiam ao profundo carinho que ela lhes dedicava.

As várias cartas que nos escreveram para servir de subsídio à confecção deste livro, bem o revelam.

“Dizem as religiosas desta casa de Belo Horizonte que ela era de uma caridade excepcional com suas irmãs; prestativa, carinhosa.

Era uma religiosa observante, humilde, obediente e ativíssima.

A Rvda. Madre superiora vai escrever á nossa Madre Geral, na Espanha, relatando suas virtudes extraordinárias, para que toda a congregação tome conhecimento. Desejaria escrever um livro, ainda que presentemente não me sinta com coragem pra isso.

O único consolo que nos resta é que já deve estar gozando da visão beatífica do céu.

Em Brasília também foi muito sentida sua morte.”

“Desde sua saída do noviciado, Madre Penha demonstrou sempre grande desejo de ser uma perfeita religiosa, e assim era muito solícita em estudar as Regras e Constituições de sua amada congregação. Com muita frequência, procurava sua superiora para esclarecer algum ponto que não compreendesse e assim se expressava: “Quero ter ideias bem claras sobre esses pontos tão delicados”.

As cartas-circulares das Rvdas. Madres Geral e Provincial também tinham para ela um sabor todo especial, e é fácil compreender o porquê, pois tudo que pudesse levá-la a maior perfeição dentro do espírito da congregação era objeto de seu estudo.

Na vida da comunidade, foi sempre muito edificante.

Onde estivesse Madre Penha, não se faltava ao silêncio nem à caridade. Ela cortava logo qualquer conversa que não fosse segundo as Regras ou que pudesse ferir a alguém.

Madre Penha compenetrava-se muito bem do espírito da congregação. *“Minha santificação e a santificação das pessoas que Nosso Senhor manda a nossas casas é a minha única preocupação”*. Este era o seu lema, e todas as suas obras eram encaminhadas neste sentido.

“Desde o primeiro dia em que entrou como postulante no nosso noviciado, percebi a total entrega de si mesma a Deus e à sua amada congregação”.

“Tinha grande amor à sua mãe e a todos os seus, mas cada dia notava-se maior desprendimento, para melhor se adaptar à congregação.

E assim, as cartas, que nas primeiras semanas enviava à sua família eram diárias, passaram a ser semanais e, logo, mensais como as das demais religiosas.

De pequenos objetos que trouxera do mundo, como óculos escuros, corrente de prata na tesoura e outros que só a Madre mestra sabia, foi se desprendendo rapidamente.

A pobreza do convento encantou-a desde o primeiro dia.

Contava como se sentia feliz na primeira viagem que fez, como postulante, para ir ao noviciado: por não ter que pensar em combinar o vestido com a bolsa, o sapato com a saia e a blusa, o chapéu com as luvas... Era para ela um alívio, e gozava a libertação de tamanhos pesos...

Todas são unânimes em dar testemunho das delicadezas em todas as virtudes. Entretanto, a caridade, a meu ver, é a que sobrepujou as demais.

Percebia-se em seus atos o aroma dessa caridade.

Não desdenhava lavar a louça e varrer, mesmo quando chegava cansada da rua.

Em Belo Horizonte, foi ela que movimentou, no princípio, os trâmites para a construção da nova casa”.

“A lembrança que me fica da Madre Penha é esta: procurou desde o primeiro dia dar-se por inteiro a Deus e à congregação e correspondeu sempre fielmente à sua vocação, dando ótimo exemplo em tudo”.

Que do céu, onde está, outorgue para nós a mesma graça da perseverança que ela tão felizmente alcançou”.

“Tive a felicidade de conviver com a nossa saudosa e querida irmã Madre Maria Penha da Cruz por duas vezes. Em Belo Horizonte e em Santos. E pude observar que foi uma religiosa fervorosa, que sempre se esforçou ao máximo para observar até a mais pequenina das nossas Santas Regras”.

Quão bem compreendia a grandeza de sua vocação!

Era de grandes ideais e muito decidida por eles.

“Sempre estava disposta a prestar serviços e fazer ofícios mais humildes, e vários meses ocupou o ofício da irmã do refeitório e das limpezas. Também teve que substituir a Irmã da cozinha que ficou doente, edificando a comunidade e alegrando-a com sua jovialidade e bom humor.”.

“Tinha especial predileção pela vida de nossa santa Madre fundadora e muitas vezes dizia: *“Depois dos santos evangelhos, minha leitura predileta é a vida e os escritos de nossa Sta. Vicenta Maria López y Vicuña”*.”

“Como era de compleição delicada, muito bem sabia avaliar as necessidades de suas coirmãs”.

“Achando-me eu numa ocasião bastante adoentada, fui encarregada do refeitório, pois a comunidade era muito pequena e não havia ali muito serviço. Levantava-me à segunda hora e, depois do café, fazia a minha oração, para depois fazer meu ofício.

Qual não era minha surpresa, na maioria das vezes, pois já encontrava quase tudo feito, deixando ela somente algo por acabar para assim distrair-me. A nossa querida Madre Penha já havia posto as colegiais a trabalhar na oficina e também feito o refeitório, tudo sem ser vista nem notada por ninguém.

Ao meio-dia, quando acontecia que eu me punha a lavar a louça, enquanto não chegava ninguém para o recreio, ela vinha tirar-me da pia, dizendo: *“Quando chegar alguma e me veja lavando a louça, me mandará embora logo, enquanto que a vossa caridade, ninguém a substituirá”*.

E assim vivia, procurando ocasiões para aliviar a todos.

Era muito doce com a comunidade e muito alegre”.

VI.

“Uma religiosa pode ir para o inferno?...”



Sobre as luzes que o demônio dá e que facilmente se confundem com as que dá Jesus, temos que ter cuidado. Na oração, por exemplo, em vez de meditarmos o ponto sobre o qual todas devemos meditar, começo a refletir sobre outro que é bom no princípio, mas que pode acabar mal. Nas práticas, também.

Jesus, olha para minha fraqueza; sou capaz de qualquer coisa. Tem, pois, piedade de mim e dá-me forças; mais energia e constância para lutar contra mim mesma. Quero ser mansinha não só exterior, mas também interiormente (1951).

Uma religiosa pode ir para o inferno?... Pode! É só ela ser infiel a seus votos, tornar-se uma religiosa tibia e surda aos conselhos e advertências da superiora, que Deus já lhe retira suas graças e ela cairá miseravelmente no inferno. (1954).

Prática sobre as tentações de pensamentos feios. Enquanto não consentimos e não queremos tê-los, servem só para nosso merecimento. Embora durem muito, se não os quero, nada tenho a temer. Oferecer este sofrimento pela salvação dos pecadores e fazer uma pequena penitenciazinha também pela mesma intenção.

Jesus adorado, pelos teus sofrimentos, tem piedade de mim. Livra-me dos pensamentos sujos que vês me assaltam com tanta violência. Livra-me da concupiscência, Senhor! Mãe Celeste, vela por esta tua pobre filha. (1955).

Jesus diz assim a Pedro e a nós: “Confia em mim; eu te chamei e te ajudarei. Não temas. Tem fé, eu não te abandonarei por maiores que te pareçam as ondas da tentação. Sou eu, não temas...” (1956).

Quanto tempo, meu Pai querido, que não converso contigo neste caderno! Bem sabes e é de tua vontade que eu ande sempre muito ocupada e cansada, portanto sem nenhuma vontade de escrever.

E depois, já sabes também como minha imaginação é maluca.

Guarda tudo o que vê e a impressiona mais e depois fica ruminando, o que muitas vezes se torna um verdadeiro suplício. Mas também vês que não concordo com a louca e quisera estar sempre pensando em ti, em tua Mãe Santíssima e em coisas santas. Mas a carne é fraca, não é, Jesus? Pois então, é ter paciência e esperar os dias bons. Contanto que minha vontade esteja unida à tua, não importa o demais. Mãe Santíssima, fica sempre a meu lado e afasta o que me afastar de teu divino Filho. Que eu seja bem santa.

Jesus, tem misericórdia de mim! Que medo eu tenho de perder a razão! Pois ando sentindo estes “nervos” que me deixam tão abatida. Ah! Paizinho, os pensamentos horríveis que me vêm à cabeça nestes momentos, tu bem sabes o quanto os detesto e me fazem sofrer. Portanto, livra-me deles. Bem sei que já me perdoaste todos os pecados de minha vida passada e que o demônio, para

atormentar-me, me traz à lembrança. Recebo como castigo, meu Paizinho, mas peço que te lembres que sou muito pequena e que se não me livras deste tormento, tenho medo de ficar escrupulosa. Meu Pai querido, tu sabes que eu te amo; que muitos dos pecados que cometi foram mais por ignorância, pois muito pouca religião e instrução eu tinha.

Eu tenho confiança em ti! Minha Mãe Santíssima, leva-me logo deste mundo, se quiseres. Tenho medo de ofender a nosso Jesus. Mãe, tem piedade desta tua filha que é tão fraca e pequena.

Jesus, afasta de mim o que me pode afastar de ti. Que eu tenha sempre pureza de intenção nas minhas amizades. Antes morrer do que pecar! (1959).

Minha mãe, não me abandones. Coloca-me debaixo de teu manto e defende-me das ciladas do demônio. (1960).

Sobre a tempestade no mar, Jesus dormia... mas velava. Ele vê também todas as tormentas que se desencadeiam sobre nós e permite mesmo, para o nosso bem, mas está velando e, quando achar que é necessário pôr fim à tempestade, já se levantará. Tenhamos confiança e não temamos. Ele está sempre, na escuridão da tempestade. (1961).

Para o caso de desânimo por não conseguir me ver livre da curiosidade e por conseguinte das distrações na oração. Se não conseguir vencer a curiosidade e as distrações na primeira ocasião, não hei de desanimar. Hei de lutar até a morte e, se nesta hora Nosso Senhor me encontrar lutando, sei que ganharei a palma dos esforçados, porque Nosso Senhor quer a luta e não exige a vitória. Se, depois de uma hora de oração, ao fazer o exame, vejo que, apesar de haver lutado toda a hora, não consegui me livrar das distrações e dos pensamentos importunos, não quero desanimar. Oferecerei esta hora de lutas a Jesus Ele, vendo meus esforços e sofrimentos, certamente ficará contente. Mãe Santíssima, que eu pense sempre assim. Confio e espero em tua proteção: sem ti, sei que nada poderei fazer de agradável a Jesus. Nada temer! Com Deus, com sua graça, podemos vencer todos os demônios. (1962).

O demônio anda solto pelo mundo como cão faminto em busca de quem devorar... Devo, portanto, ter cuidado para que ele não arrebate minha alma. Virgem Santíssima, minha Mãe, fica do meu lado e ajuda-me a salvar-me e a santificar-me. Anjo de minha guarda, serve-me de caixa-forte.

Meu Jesus querido! Quanto tenho que agradecer-te e à tua Mãe por me terdes livrado das ciladas do demônio. Que laços ele já me estendeu e que eu nem via! Só mesmo tu, Jesus querido, e minha Mãe Santíssima é que, sabendo do perigo em que eu estava, me livraram.

Bendito sejas, meu Deus, pelos cuidados e desvelos que sempre tens tido para com esta filha tão bobinha!

Bendito sejas pelas superiores que sempre me deste e que, mais sábias do que eu, me ajudaram a não cair!

Tenho dobrada obrigação de ser santa e santa muito grande, para pagar-te tanto amor. Muito obrigada, Jesus! Muito obrigada, Mãe Santíssima” (1963).

VII.

“Meu coração ardendo em desejos de trabalhar”



Ler sobre a vida de Maria Penha da Cruz, conhecer os apontamentos que deixou e que nos abrem sua alma, deixa-nos edificados.

Ela não se sobrepõe às suas queridas Irmãs de hábito, vivas ou já falecidas. Apenas, com os dons que recebeu de poder exteriorizar, como conhecemos, sua vida íntima, não poderá ser intenção da Divina Providência fazer com que a outras almas sejam revelados os aspectos que encobrem a vida de religião?...

A crédito de Maria Penha da Cruz, não se poderá deixar de levar, contudo, o fato inegável de em tudo se revelar realmente modesta, sincera, leal, ausente o mínimo sinal de autopromoção em vida ou para o após morte.

Quando narra, decerto o faz sob forte compulsão interior, sem ocultos ou calculados intentos; segue, tão só, a veementes inspirações.

Escreve o que vive e nisso está o valor do que nos deixou: são testemunhos da ação do encantamento da ideia de Deus, da graça divina, num coração humano, numa alma humana, numa vida humana. Realização do sentido da existência do homem: conhecer, amar e servir a Deus, para ser feliz realmente neste mundo e no outro. Receber a revelação do amor, aceitar o amor até tornar-se amor...

Sua vida íntima aqui revelada nos faz conhecer a gênese do apostolado cristão.

Qual é a razão por que se esforçam os religiosos e as religiosas nas múltiplas, estafantes e perseverantes tarefas?... Seria a promoção pessoal, com vistas ao reconhecimento humano e subseqüentes sentimentos de glórias e honras?... Seriam, porventura, movimentos subjetivos da psicologia que explica o comportamento humano com o desejo subconsciente de se verem afirmados ante si próprios e ante os semelhantes por atos de valorização pessoal?...

A origem real da benemérita atividade social e apostólica de Maria Penha da Cruz, encontramos em sua própria vida.

Toda a motivação da ação apostólica reside no sentido da posição diante de Deus.

É um sentido de criatura, que caminhou e se postou diante de seu Criador. É um sentido de coisa salva, que caminhou e postou-se diante de seu Salvador. É um sentido de coisa ignorante e em trevas, que caminhou e se colocou diante da Luz.

Porque criada, porque salva e porque iluminada, o senso de humildade, realidade dependente.

E o inevitável sentido de coisa amada, que caminhou e postou-se diante de Quem a ama.

Porque amada, o senso de amar também!

Eis então a razão.

Eis então que a razão profunda, **a razão** fecunda da ação apostólica não é humana, pois não se encontra no homem. O homem a encontra em sua contemplação do Senhor.

O Senhor, pela palavra de Jesus transmitida nos Evangelhos, pede ao ser humano que obedeça aos mandamentos, os quais se resumem em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. A prática da religião é a ação interior que o homem faz para sobrepor, em seus pensamentos, palavras, obras e afetos, a vontade de Deus sobre os próprios impulsos do seu ego que, tantas vezes (mesmo pelo atavismo que decorre do pecado original, não esquecidas as nossas raízes no reino animal, e a carga das marcações genéticas), são antagônicas às recomendações do Pai Celeste.

Na base do apostolado – e isto a vida de Maria Penha da Cruz comprova cabalmente – não está o sentimento de valor pessoal, mas, sim, formalmente, o oposto, isto é, o humilde reconhecimento de tendências egoístas que devem ser e são tenazmente combatidas, de várias maneiras e cada dia, até o momento da morte.

Assim é no comum dos mortais como foi Maria Penha da Cruz, uma religiosa como as outras.

A gênese, pois, da ação social e apostólica cristã é o aparecimento de Deus no homem – pela supressão gradativa do homem através das práticas da chamada ascese cristã ao ponto de este vir a tornar-se instrumento vivo, participante, atuante, presente entre os homens e através dos séculos, do amor com que Deus ama suas criaturas.

Donde se pode dizer, também, que apostolado cristão é fruto do esforço pelo desaparecimento dos aspectos egoístas do homem.

E este foi o constante esforço de Maria Penha da Cruz, à santidade, como se vê por seus escritos e pelos depoimentos de terceiros.

Porque houve esse constante esforço, houve profícuo apostolado, isto é, o próximo sentiu-se amado por ela efetivamente, com o amor de Deus.

O próximo pôde ver, por ela e seu amor, a Deus e a Seu amor por nós todos.

* * *

Seria o ano de mil novecentos e trinta e poucos e Maria era uma menina de quinze anos mais ou menos.

Sua família tinha especial amizade por uma jovem judia, vizinha de sua residência. Adoecendo essa moça, Maria e sua irmã Selma, que há tempo lhe vinham falando do cristianismo, chegando a tocar sua alma delicada e terna, vendo que estava iminente seu desenlace, conseguiram o consentimento dela para batizar-se na Igreja Católica.

Havia, porém, um problema de difícil solução. A família da jovem se opunha formal e tenazmente a tal ideia e não se via a hora de poder trazê-la para o redil do pastor israelita prometido por Javé a seus antepassados.

Tornada iminente, de fato, a morte da jovem, resolveram as duas irmãs ministrar, elas próprias, o sacramento do batismo à sua amiga moribunda, que por ele ansiava ardentemente. Foram fazer-lhe a derradeira visita e ali, junto a seu leito de morte, ministraram-lhe a água lustral, retirada de um vidrinho que portavam, aproveitando um breve afastamento dos familiares da amiga já em estado de coma.

Seria esse gesto, sem dúvida, o precursor da vida a que Maria Penha da Cruz, nem sonhando na ocasião haveria de se dedicar em futuro.

Passemos à transcrição de alguns de seus apontamentos relativos a seu agir apostólico:

Quando eu me sentir mais mística, aí mesmo devo trabalhar mais, pois é sinal de que Deus está mais junto de mim (1938).

Quero ser santa, meu Jesus, porque quero levar muitas almas para ti: levá-las a uma vida de perfeição. E como conseguir isso, se eu não o sou? Como poderei dar o que não tenho? Estúpida que sou, pensando que tinha muito jeito para ser guia espiritual das meninas (1949).

Não gritar com as meninas. Se insistirem em faltar ao respeito, não exasperar-me nem humilhar. Deixar e, depois, em particular, perguntar-lhes o motivo por que procederam daquele modo. Isto dá ótimo resultado e podemos com esta tática, talvez, aliviar um coração que sofre.

Amor grande, imenso amor de Deus. Amor do próximo e adaptação. Saber adaptar-se aos outros para assim poder fazer-lhes bem. Desapego total, absoluto de tudo e de todos. Jesus deu-nos o exemplo. Veio a este mundo porque amava ao Pai e às almas. Adaptava-se aos costumes e modo de ser de todos os que o rodeavam, embora sentisse repugnância. Deu-nos exemplo profundo de desapego completo para que, imitando-o, soubéssemos libertar nossa alma de afeiçãozinhas mundanas a pessoas, casas e coisas.

Devemos nós também fazer obra de redenção nas almas, ajudando a levantá-las de seus desânimos e erros. Ter, como Jesus, paciência com a ingratidão e ignorância daqueles com quem trabalhamos e a quem ensinamos (1955).

Nestes momentos de íntima união contigo, Jesus querido, no retiro; nestes momentos em que sentimos um fervor sensível, me pergunto encantada: por que não podemos viver em um retiro contínuo?... Mas a resposta me vem em seguida e muito clara: Jesus tampouco viveu sempre em retiro. Não; sua vida verdadeira foi quando saiu de Nazaré para cumprir a missão que seu Pai lhe havia designado. Viveu trabalhando muito e sofrendo muito pela salvação daqueles mesmos que tanto trabalho lhe davam.

Jesus trabalhou, sofreu e não fez a sua vontade senão a de seu Pai, que lhe mandou deixasse o retiro de Nazaré, o consolo da companhia de sua Mãe queridíssima, para salvar almas. Se queremos seguir a Jesus, não nos deve dar pena, nem ao menos tristeza, o termos que voltar, depois destes dias tão celestiais, a entrar na luta, a tratar com as pobres meninas, algumas tão mal-educadas e grosseiras, às vezes. Lembrar-me de que estou seguindo a meu Jesus, junto com minha Mãe Santíssima.

A meditação que o Padre expôs foi tão formosa, que deixou meu coração ardendo em desejos de trabalhar, com mais entusiasmo, em reproduzir a imagem de Jesus Cristo em mim.

Quero ser das mais entusiasmadas e esforçadas.

Pedir a Deus pelas almas que quisera salvar e não posso. Ele pode! (1956).

Nossa vocação é inteiramente missionária. Compenetremo-nos bem desta ideia: missionária. Deus espera de nós muitos sacrifícios, pequenos, sim, mas constantes; muita oração e muita abnegação para salvar as almas.

Quantas vezes, quicá, Deus Nosso Senhor nos envia uma pequena prova, um pequenino sacrifício e fica esperando o nosso "sim" para, então, salvar alguma ou algumas almas; dar-lhes, com a nossa cooperação, a luz da fé.

Deus nos dá tanto e nos cumula de suas graças. Negar-lhe-emos o pouco que nos pede? E este pouco, para salvar uma alma? Que missionária sou, se não me interessar pela salvação das almas?... Ajuda-me, minha Mãe, a não negar nada a Jesus! (1957).

Nossa Congregação é de grande alcance social. É muito do agrado do S. Papa, que tanto se preocupa com esta questão das classes sociais.

Mas devemos trabalhar primeiramente em nós, para sermos santas, e depois com as meninas e moças.

Escolher um grupo de umas cinquenta, que sejam mais fervorosas, e trabalhar com elas para que, fazendo os Santos Exercícios e sendo apóstolas, possam fazer muito bem entre as companheiras de sua rua. Que sejam auxiliares das religiosas. Influam no meio das colegas.

Devemos ser muito santas, pois isto atrairá sem dúvida vocações para o nosso Instituto. Assim seja. (1958).

No teu batalhão, Jesus, capitão adorável, não quero ser destes soldados que só porque não têm outro remédio, lutam e combatem. Não; eu quero ser daqueles valentes que sempre estão prontos a arrojarem-se antes de seu capitão ao combate. Mas olha, Jesus, tu sabes quanto eu sou esquecida; com facilidade esqueço-me de meus propósitos. Dá, pois, um jeitinho de lembrar-me sempre que eu esquecer, sim?

Tudo por ti, Jesus. Tudo por teu amor e pelo bem das almas de todas as empregadas domésticas.

Ó Jesus, tu sabes o quanto eu desejo salvar e santificar as almas e que todos os que me vejam ou falem comigo sintam desejos de viver mais santamente. Não tenho o dom da palavra e assim tenho é de ser muito santa para levar-te muitas almas. Ajuda-me: com tua graça tudo é possível.

Nas aulas de catecismo, na noturna, insistir em que só uma coisa é necessária: salvar a própria alma e, depois, procurar a conversão dos patrões.

Se algum dia vier o desânimo ao ver que as meninas que passaram tantos anos no Colégio ao saírem se perderam, não desanimemos. Se são muitas as que se perdem, muitas mais são as que se salvam. Portanto, por muito bem empregados devemos dar todos os nossos sacrifícios e trabalhos se com eles conseguimos evitar ao menos um pecado mortal, como dizia S. Inácio. Que esta ideia sirva para nos animar a trabalhar o máximo que pudermos para evitar os pecados e salvar almas.

Nossa Senhora querida, dá-me a grande graça de converter para Deus todos os que se acercarem de mim, saiam com desejos de serem mais perfeitos! Verdadeiramente, para que serve a amizade de uma religiosa, se não é para fazer bem às almas dos que as querem?

Que eu possa levar-te a muitas almas, Jesus. Que as crianças a quem eu ensinar o catecismo guardem teus mandamentos por toda a vida.

Ensino o catecismo, bato muito sobre a assistência à S. Missa e vejo que os pais, depois, não deixam ou não facilitam a ida das crianças à S. Missa.

*Que tristeza! Que hei de fazer, Jesus, para meter-lhes isto no coraçãozinho?...
Envia o Espírito Santo para me iluminar.*

*O meu único desejo: amar-te. O meu único ideal: dar-te almas. Que
cada ação minha, por mais indiferente que seja, sirva, ou antes, salve uma
alma.*

*Que eu não desanime por não ver o resultado dos meus esforços em
salvar almas, pois sei que, embora eu não o veja, se eu for fiel a Jesus e à
minha Congregação, estou salvando almas.*

Santa Terezinha, assim, não salvou e ainda salva tantas almas?...

* * *

Sobre seu ardente zelo apostólico, suas irmãs nos prestaram informações concludentes:

“Segura estou de que, desde lá de cima, ela nos vai ajudar mais ainda do que nos ajudou cá na terra, e que foi muito. Pois, com seu caráter empreendedor, vivo e ativo e sobretudo com sua alegria e otimismo, podemos muito bem dizer que foi a alma da nossa fundação em Brasília. Pelo que à minha pessoa se refere, posso dizer que era meu braço direito, pois em tudo e a toda hora me ajudou muitíssimo, sem olhar sacrifício, por grande que fosse”.

“Seu coração tanto amou as almas, que por elas deu até sua vida, pois podemos dizer que trabalhou na vinha do Senhor até o fim, somente se entregando quando não pôde mais”.

“Seu caráter era alegre, juvenil e entusiasta da glória de Deus e salvação das almas. No primeiro domingo que passamos na casa de Santos, ela me disse: Madre, prepare-me alguma coisa para rifar entre as meninas esta tarde. Mas, qual não foi sua desilusão, pois naquela tarde apareceu somente uma e eu tive pena dela. Contudo, não desanimou; com sua oração e trabalho, conseguiu, a seguir, reunir um grupo bastante considerável de empregadas domésticas, coisa que ninguém havia conseguido”.

“Com as meninas e moças também se sacrificava muito, arranjando seus papéis e carteiras para os títulos eleitorais, registros de casamento, etc., coisas essas fastidiosas e que ocupam tempo, sem dar mostras de que isto a molestava. Todas sabemos de como as entretinha, nos domingos, tocando acordeão, cantando e fazendo-as cantar e jogando com elas até cansar-se, não raro acontecendo amanhecer, no dia seguinte, afônica. Também dirigia a Pia União das Filhas de Maria, exercendo ali mais amplamente seu apostolado”.

“Dotada de muita vivacidade e inteligência, queria prever tudo, remediar a todas as dificuldades, facilitar tudo o que fosse difícil”.

“QUERO DAR MINHA VIDA PELA ÚLTIMA DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS”

Ao deixar sua família e tudo o que a vida fora dos muros do convento poderia prometer-lhe, Maria Penha da Cruz sabia que o alvo de suas atividades, o objeto de toda sua ação seriam as jovens empregadas domésticas, cujas almas, expostas, como é sabido, a tamanhos perigos, cumpria roubar para Cristo; cuja situação social, por amor ao próximo pelo amor de Deus, cabia procurar melhorar consideravelmente.

Brunida pela ascese cristã tão calorosamente praticada pelas Filhas de Maria Imaculada, ela poderia, de fato, muito de bem realizar em prol da classe das serviçais domésticas.

Aqui registramos depoimentos de suas irmãs religiosas a essa respeito:

“Nem sei dizer o que sentiram as meninas empregadas domésticas com sua ida desta casa de Belo Horizonte, e as lágrimas que custou sua separação.

Que diremos, então, de sua morte?

No mesmo domingo em que soube de seu falecimento, juntaram dinheiro suficiente – sem terem vindo prevenidas – para poder mandar celebrar as S. Missas Gregorianas, afora as que mandaram celebrar depois, pois não acabavam de dar dinheiro para S. Missas, já que outra coisa sabiam não poder fazer para manifestar sua gratidão”.

* * *

“Não poupava esforço para proporcionar o bem espiritual e material das colegiais, sempre que seus préstimos eram solicitados por alguma das Madres do internato ou do externato (destinados às jovens empregadas domésticas).

Isso não passava despercebido às meninas, que a queriam como verdadeira mãe. E não se enganavam. A ela recorriam em todos os seus problemas.

Esta, precisa de um médico: Madre Penha procura um amigo da casa e a menina é muito bem atendida. Outra, precisa de hospital: ela o providencia satisfatoriamente. Uma traz seu namorado para que Madre Penha o conheça e julgue se ele é bom. Até então, as Madres não sabiam de tal namoro e estudam juntas o caso, ficando à Madre Penha a incumbência de intervir favoravelmente ou não, conforme o caso, para que continue ou cesse o namoro.

Na portaria do colégio, formavam-se por vezes romarias de moças e meninas que procuravam resolver seus casos, seus problemas, com o auxílio das religiosas e entre estas, sempre estava Madre Penha, com seu zelo”.

* * *

“As jovens de nosso colégio (empregadas domésticas já ou a esta atividade destinadas), sentiam-se atraídas irresistivelmente por Madre Maria Penha da Cruz, e as pretinhas eram sempre suas preferidas”.

* * *

“Não tive a felicidade de conviver com a Madre Penha em minha vida de religiosa, mas apenas como aluna que fui do colégio das irmãs de sua congregação. Ali sempre observei muita religiosidade em seu porte, apesar se seu temperamento alegre. Não perdia ocasião de sacrificar-se pelas colegiais, mostrando-se sempre caridosa para com todas”.

* * *

“Afirmando que não poupava sacrifícios em proveito das colegiais, exercendo o zelo de mil maneiras, sendo imparcial mas dando sua preferência para as pretinhas e sendo por todas admirada e estimada”.

* * *

“O tempo que passou em Santos, como se empenhava para atrair as colegiais e diverti-las!

Muito as queria, e elas também a ela.

Faz pouco tempo, encontrei-me com uma colegial daqueles tempos, que me disse: “Não passa um dia em que não me lembre de Madre Maria Penha da Cruz”.

Depois de tantos anos, com que carinho ainda se lembram dela!

Não havia pessoa que, conhecendo-a, não a amasse.

Como procurava dar paz e bem-estar! Se diante dela surgia uma pequena discussão, como sabia desviá-la!

A todas atraía com sua bondade e, quando ia ao recreio das internas, logo se conhecia o fato pela alegria que lá passava a reinar”.

* * *

“Para com as meninas e moças que procuravam nossa casa (já empregadas domésticas ou se preparando para isso), era incansável em todos os sentidos.

Estimulava-as em suas humildes tarefas, fazendo que as cumprissem bem, animando-as ao fervor religioso e à aceitação da santa vontade de Deus.

Demonstrou sempre que nunca esquecera o que prometera no dia sagrado da sua profissão:

DAR A VIDA PELA ÚLTIMA DE TODAS AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS, SE PRECISO FOSSE”.

VIII.

Derradeira revisão de vida



Vinte e cinco anos se passaram. Longe ficou aquele ano de 1938, em que Maria Haesbaert, mocinha de 23 anos, cheia de vida e de ideais, realizou o seu primeiro, grande e profundo exame de vida. Sua alma em flor já sonhava, então, tornar-se frutuosa na seara do Senhor. Seu espírito vislumbrava o nada das coisas terrenas e o tudo das coisas do Criador. Seu jovial coração, que não conhecera o amor terreno, encantava-se com a imensidade do amor divino.

Agora, é julho de 1963. A mocinha do então é uma religiosa. É freira. É monja. Ampliou o quadro de sua família nesta terra, fazendo-se irmã, em Cristo e na Imaculada, de centenas de outras religiosas da mesma congregação. Fez-se, também, mãe extremosa das meninas e mocinhas dedicadas ao serviço doméstico, as criadinhas, as serviçais, as empregadas; dessas a quem hoje se chama, com mais propriedade e mais respeito, de “auxiliares do lar”. Tornou-se a Madre Penha. Madre Maria Penha da Cruz, Religiosa de Maria Imaculada. Já não era Maria Kraemer Haesbaert. E não está mais na sua querida Porto Alegre, lá nas fronteiras do Brasil. O destino, ou melhor, a Divina Providência, destacou-a para as fronteiras do futuro da pátria estremecida. Fez-la pioneira, entre outras, da evangelização das camadas humildes da nova Capital brasileira, a Brasília de mil esperanças, milagre urbanístico e arquitetônico do século vinte. A alvorada de uma potência mundial cristã.

Está ali faz três anos, sob um pequenino teto. O tosco chalezinho em que habita com mais algumas irmãs e a superiora, é o lugar onde recolhe seu corpo exausto após as caminhadas pelas distâncias de Brasília no afã da instalação, ali, do colégio das “Hijas”, das Religiosas de Maria Imaculada para o Serviço Doméstico. Toda ela é um dínamo em ação.

Ela é, agora, a plena realização de seus propósitos tirados do primeiro exame de vida, em 1938, faz um quarto de século. O tempo passou, as folhas amareleceram nos cadernos de apontamentos, mas a atual Madre Penha é sempre jovem. Jovem, lúcida, tremendamente ativa, conquistadora e espiritual. E vai realizar o seu retiro anual, este que seria o último da séria em profícua existência. Neste, em 1963, como no primeiro, em 1938, a religiosa experiente – em quem teimamos em reconhecer a mesma mocinha – realiza o costumeiro exame geral e novamente se propõe corrigir as coisas em si mesma. Mas, o que existe agora a propor e a corrigir? Só pozinhos poderia haver. Mas, é permanente o esforço em alijá-los, como se toda a limpeza e arrumação estivesse de novo começando. Ninguém sabia, mas dentro de mais dois meses, Maria Penha da Cruz, R.M.I., passaria desta para a melhor vida.

Atingiria o ponto ômega de sua existência terrena com estas humildes constatações em sua consciência:

“PREGUIÇA – em fazer a meditação inteira, algumas vezes em que a tenho de terminar sozinha. DESCUIDO – na leitura espiritual, algumas vezes conversando durante a leitura, ainda que coisas necessárias. Devo deixá-las para depois, ou retomar a meditação, a sós, mais tarde. SILÊNCIO – falando

alto, desdizendo muito de uma clausura. MODÉSTIA – dos olhos, na rua, na Câmara dos Deputados, em casa; atenção para qualquer ruído na rua, estando tão perto da porta. OUVIDOS – gostando de ouvir novidades que depois me distraem muito na oração e no Ofício. QUE REGRAS MAIS TENHO DESCUIDADO? – Da modéstia, caminhando muito às pressas, sem necessidade. Muito estabanada, olhando para todos os lados. Do silêncio, falando sempre em voz alta. E a que proíbe meter-me nos ofícios das demais, ou chamar-lhes a atenção; nesta tenho que endireitar, custe o que custar, pois faço com que minhas Irmãs fiquem com raiva... QUE VIRTUDE MAIS ME ATRAI? – A caridade, a bondade, a pobreza, embora falte muitas vezes, principalmente na última”.

O que acabamos de ler? Nada de sensacional ou estupendo. Nem é o testamento de quem está próxima a nos deixar, embora não saiba. Nem é o registro de faltas clamorosas e nem de propósitos sublimados. É apenas uma análise sucinta e clara do que sua alma vê a corrigir e anota com toda a singeleza. Então, nada mais? Nada mais a registrar no exame de vida de Madre Penha, por quê? Porque não há mais vida de Madre Penha. O que há, a esta altura de sua existência na terra, é a vida de Jesus. Nela se realizava já o que de si próprio dizia o apóstolo Paulo: “Vivo, mas não sou eu que vivo: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). O exame de vida que ficou é para o pouco que ainda restava da vida de Madre Penha, o pouco que ainda faltava converter na vida de Cristo. Sim, já não era mais a Madre Penha que vivia, há muitos anos. Era Nosso Senhor que vivia nela e ela vivia por Ele. Mas não é que ela afastasse sua personalidade, para que Jesus vivesse nela. A vida de Jesus nela era porque ela estava muito presente, numa união, simbiose, fazendo os dois uma só vida, composta de duas pessoas. Tal como está no Evangelho de São João, 6,57-58: “O que come a minha carne e bebe o meu sangue, esse fica em mim e eu nele. Assim como o Pai, que é vivo, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim o que se alimenta com a minha carne, esse mesmo também viverá por mim”.

Em seu caderno de anotações, ela escrevia o que nos retiros a retratava, a impressionava, o que tinha relação com a sua realidade. Por exemplo, amor, caridade, aperfeiçoamento, vocação, etc. Era com disposição séria, compenetrada que se entregava a tais exercícios espirituais, disposta a aprender o máximo e deles aproveitar tudo para a sua correção e o seu aperfeiçoamento.

“Terminaram os Santos Exercícios – exclamava ela ao fim do retiro de 1960, em Belo Horizonte – mas, se terminaram as conferências, as meditações, os avisos e os exemplos, os verdadeiros exercícios vão começar amanhã, quando cada uma em seu posto, começar a realizar o que escutou, aprendeu e leu nestes benditos oito dias. Bendito seja Deus, e Ele pague a nossas Superiores nos proporcionarem estes dias de descanso corporal para com mais atenção, pensarmos nas coisas da alma”.

“Meu Jesus querido, quero que estes S. Exercícios sirvam de escada para eu subir um pouco mais na minha perfeição religiosa” – diz ela em seu último retiro, feito em julho de 1963, em Belo Horizonte, a dois meses de sua morte, como já referimos em páginas anteriores. Vejamos como ela, confirmando o que nos disse uma de suas Irmãs, dava contas de sua consciência com a sinceridade de uma criança, nos dias de retiro. Suas reflexões que passamos a transcrever se referem àquele seu último retiro espiritual. É ela quem fala:

Penso que uma das coisas que preciso reformar e endireitar é o distrair-me muito com o que passa à minha volta. Isto me estorva na oração e se torna um martírio sem merecimento e um castigo por ser tão curiosa e ávida de saber novidades.

Verdadeiramente, não amamos a Deus sobre todas as coisas, pelo menos em muitas ocasiões. Por exemplo, quando, para não ‘ficar por baixo’, discuto com minhas Irmãs. Quando me revolto, ainda que interiormente, por não se fazerem ou não saírem as coisas como eu desejo. Quando quero impor minha vontade aos demais. Vamos cortar isso, Madre Penha. Ama de verdade, sempre e com todas as forças de teu coração, ao Deus que te criou e que tão bom tem sido sempre para contigo. Deixa tudo por Ele. Cede tudo por Ele. E faz tudo por Ele. Isto é amar a Deus sobre todas as coisas e reconhecer-se criatura d’Ele.

Se a Madre Superiora me entregasse uma caixinha de vidro com uma pérola verdadeira, para eu levá-la ao Banco da Lavoura, para ali deixar depositada, com que cuidado iria eu em todo o caminho para não quebrar a caixinha ou para que não me roubassem a pérola. Pois, o que é minha alma senão uma pérola preciosíssima? E que cuidado tenho para não perdê-la? O demônio anda solto pelo mundo como um cão faminto em busca de quem devorar; devo, portanto, ter cuidado para que ele não me arrebate a alma. Virgem Santíssima, minha Mãe, fica do meu lado e ajuda-me a salvar-me e santificar-me. Anjo de minha guarda, sirva-me de caixa-forte.

Por que perco tantas ocasiões de santificar-me, de martirizar-me? Quantas vezes estamos dispostos a sofrer o martírio. E, no entanto, quando uma Irmã nos deixa cair um pouco de café quente na mão, explodimos, nos queixando e até xingando. Que tola sou eu, que muitas vezes perco estas ocasiões. Devo ser sincera comigo mesma.

Antes ter menos que mais, mesmo tantas coisas que licitamente podemos usar. Ajuda-me, Jesus. Tu bem sabes que minha natureza gosta de comodidades e de regalos, mas também sabes o quanto sinto inclinação para mortificar-me nestas coisas. Sinto-me atraída pela pobreza e pela caridade. Ajuda-me a não me deixar arrastar pelo gosto e sim pela virtude.

Minha Mãe Santíssima, se de toda a minha vida se tivessem tirado fotografias, e seriam centenas, em todas elas apareceria tua imagem, pois seria impossível separar-te de grandes e pequenos acontecimentos. Mãe querida, quero e devo ser santa porque para isso Deus me criou, mas se não houvesse este motivo, deveria sê-lo por ti, para agradecer-te tudo o que tens velado, cuidado e ajudado a esta tua filha. Continua, Mãe Santíssima, a ajudar-me até que nos possamos ver aí no Céu. (Dois meses após, ela já a veria lá no Céu).

Falar às crianças do catecismo sobre se teriam coragem de dar uma bofetada em mim, na Madre Superiora, no Presidente da República; pois isto é o que fazem com Deus Nosso Senhor quando não vão à S. Missa ou cometem qualquer outro pecado.

Devo falar com os pais das crianças também sobre o inferno: se não vão à S. Missa, por própria culpa, seguramente irão para o inferno. Fazer com que compreendam que existe o inferno e seus terríveis sofrimentos. Ajuda-me, Mãe Santíssima, a falar-lhes e também a trabalhar na minha santificação para não cair nele. Não gosto de temor e, sim, do amor; pois acho que devemos fazer ou deixar de fazer uma coisa por amor de Deus e não por temor ao inferno.

Sobre a castidade e a pobreza. Meu Jesus querido! Quanto tenho que agradecer-te e a tua Mãe por me terem livrado das ciladas do demônio. Que laços ele já me estendeu e que eu nem via! Só mesmo tu, Jesus querido, e minha Mãe Santíssima, é que sabem o perigo em que eu estava e me livraram dele. Bendito sejas, meu Deus, pelos cuidados e desvelos que sempre tens tido para com esta filha tão bobinha! Bendito sejas pelas superiores que sempre me deste e que, mais sabidas do que eu, me ajudaram a não cair! Tenho dobrada obrigação de ser santa, e santa muito grande, para pagar-te tanto amor. Muito obrigada, Jesus! Muito obrigada, Mãe Santíssima!

Cuidado com a santa pobreza! Não dar nada, nada, nada sem pedir licença.

Eu quero ir para o céu diretamente. Não quero saber de baldeação no purgatório. Nada disso! Se tenho em minhas mãos o mapa da estrada direta, por que hei de desprezá-lo e ir pelo caminho mais longo? Sou acaso boba? Pois se fui até agora, não quero sê-lo mais! E onde está o mapa do caminho mais reto e direto para o céu? ... Nas minhas Santas Regras. É só lê-las e praticá-las ao pé da letra e lá vou eu direta, sem baldeações, para o céu! (Madre Penha da Cruz estaria antevendo que, dentro de apenas dois meses após este retiro, Nosso Senhor a viria buscar?...)

Mãe Santíssima, ajuda-me a ser esperta e inteligente em assunto tão importante. Anjo da minha guarda, sê meu guia. São José querido, não te esqueças de me acompanhar.

Não criticar nem pensar mal das religiosas que se confessam seguido, diariamente. Meu Jesus, ajuda-me a não me meter no que não é da minha conta; nos ofícios das outras, façam-no errados ou não; não terei de dar contas a Deus disto, e sim, muito, se meter-me. Ajuda-me, Mãe Santíssima. Anjo da Guarda, fica do meu lado. Minha Madre Fundadora, tu sabes que quero imitar-te; intercede por mim.

Três coisas muito dignas dizem se uma comunidade é fervorosa: a clausura, a limpeza e a guarda do silêncio.

Confessei-me sobre curiosidades em saber novidades e que daí saem as distrações na oração e no ofício-parvo, e que também penso que por este motivo me vêm os pensamentos feios que me martirizam muitas vezes.

Disse o padre que eu não tenho que dar confiança para estes pensamentos e quanto mais eu os desprezar, mais depressa me verei livre deles. Que eu me esmere na caridade e na bondade com minhas irmãs, que Nosso Senhor dará jeito no resto. Bendito seja Deus! Assim seja!

Atenção: quero fazer o propósito de, todos os domingos em que não tocar cozinha, ler um pouco do que tenho nestes dois cadernos de Exercícios Espirituais. Já o faço alguns dias, mas será melhor marcar dias certos, para assim não esquecer. Estes apontamentos muito me têm ajudado na minha vida espiritual.

Quero pensar, quando alguma religiosa me aborrecer ou contrariar, que Nosso Senhor a pôs ao meu lado para polir-me e assim tornar-me religiosa santa, perfeita. Ajuda-me, Mãe Santíssima; sozinha sei que não posso. Às vezes penso que me sinto tão feliz, porque tudo corre muito bem para mim, mas espero que mesmo que as coisas mudem (alguma superiora ruim, se é que pode haver, algumas intrigas, etc, etc.), a graça de Deus não me há de faltar e ficarei feliz do mesmo jeito. Assim seja, Sagrado Coração de Jesus!

*Meu Deus, eu te agradeço o saber ler e escrever. Que benefício tão grande! E o qual quase nunca nos lembramos de te agradecer. Só me tens dado felicidades, porque, mesmo quando me mandas um desgosto (por exemplo, de família), um contratempo, um aborrecimento com minhas superiores ou irmãs, eu considero um benefício, pois sempre pensei que os sofrimentos nos levam mais depressa à santidade. Muito obrigada, Jesus, por tudo. Sou **imensamente** feliz com qualquer coisa que me mandares, pois se tua graça me acompanha, nada que vem das tuas mãos benditas é ruim. Espero tudo de ti; sem ti, sei que nada sou.*

Dá-me a grande graça de pensar sempre assim, até a morte.

Penso que a religiosa, à medida que vão passando os anos, forçosamente tem que se sentir mais feliz, pois aumenta a esperança de encontrar Jesus na glória eterna. Que eu possa levar-te a muitas almas, Jesus.

Que as crianças que eu ensinar guardem os teus mandamentos por toda a vida.

Coisa que me deixa triste, Jesus, é como as pessoas que se dizem católicas deixam de assistir à S. Missa, nos domingos e dias santos. Que sentirás, Jesus?... Ensino o catecismo, bato-me muito pela assistência à S. Missa e vejo que os pais, depois, não deixam ou não facilitam a ida das crianças à S. Missa. Que tristeza! Que hei de fazer, Jesus, para meter-lhes isto no coraçãozinho?... Manda o Espírito Santo me iluminar.

O Padre pregador fez o meu retrato idêntico, idêntico quando falou sobre as que tudo andam dizendo à superiora, dos defeitos ou coisas erradas que vêem nas demais,. Sempre pensei que meu amor pela congregação me dava o direito de dizer o que andava errado, embora às vezes eu mesma compreendesse que não deveria estar todo o dia contando as mesmas coisas. Quero ter mais misericórdia com os defeitos de minhas irmãs. Quando não for coisa grave, devo calar e rezar pela tal, para que tenha mais cuidado. Nosso Senhor me perdoe a falta de caridade com as que faziam as coisas erradas. Quanto terão sofrido as outras, quando eu era novata! Que eu me lembre disto!

Pobreza. Os que nos fazem algum favor, esperam de nós em recompensa orações e sacrifícios, não presentinhos. Estes, só os podem dar as superiores, em nome da comunidade. Elas até se escandalizam de uma religiosa que lhes dá presentinhos.

Ressurreição de Cristo. Os discípulos de Emaús, covardes, com medo dos judeus, fugiam para o seu sítio. Mas uma vez que Jesus se pôs a caminhar a seu lado e ficou com eles, nada mais temeram. Voltaram valentes a Jerusalém, dispostos a tudo. Com Jesus, que poderemos temer?... Nada.

Se vier uma perseguição comunista no Brasil (o que é bem provável), agarrar-me com Jesus e com Maria. Ter muito espírito de fé, nas perseguições, e não fugir, não abandonar a Jesus porque ele não nos abandona. Tudo o que acontecer no Brasil será por sua permissão. Mãe Santíssima, não nos abandones na hora da perseguição. Fica sempre ao nosso lado, para que permaneçamos fiéis ao nosso Jesus. A perseguição durará um par de meses ou de anos, mas a glória é para sempre.

O meu único desejo, amar-te. O meu único ideal: dar-te almas. Que cada ação minha, por indiferente que seja, salve uma alma. Que eu não desanime por não ver o resultado dos meus esforços em salvar almas, pois sei que, embora eu não veja, se eu for fiel a Jesus e a minha congregação, estou salvando almas. Sta. Teresinha não salvou tantas e ainda não salva?...

Para humilhação própria, tenho que renovar os mesmos propósitos que há dois anos venho fazendo. Primeiro, não meter-me no que não é da minha conta, pois não tenho que dar conta a não ser da minha vida. Segundo, vencer

a curiosidade em saber tudo o que se passa, o que tantas distrações me traz, depois, na meditação e nas demais rezas.

Que faz uma boa filha quando vê que um irmão ou uma irmã abandona o lar paterno? Procura ser mais carinhosa com seus pais, procura agradá-los mais e ajudá-los, para reparar o mal do que se afastou. Assim, tenho que fazer quando souber que alguma das nossas Irmãs desertou e abandonou o convento. Amar. Reparar. Trabalhar dobrado para consolar Jesus. Tem misericórdia de mim, Jesus, para que nunca as outras tenham que fazer isto por mim. Fica comigo, Senhor. Tu sabes todas as coisas. Tu sabes que te amo.

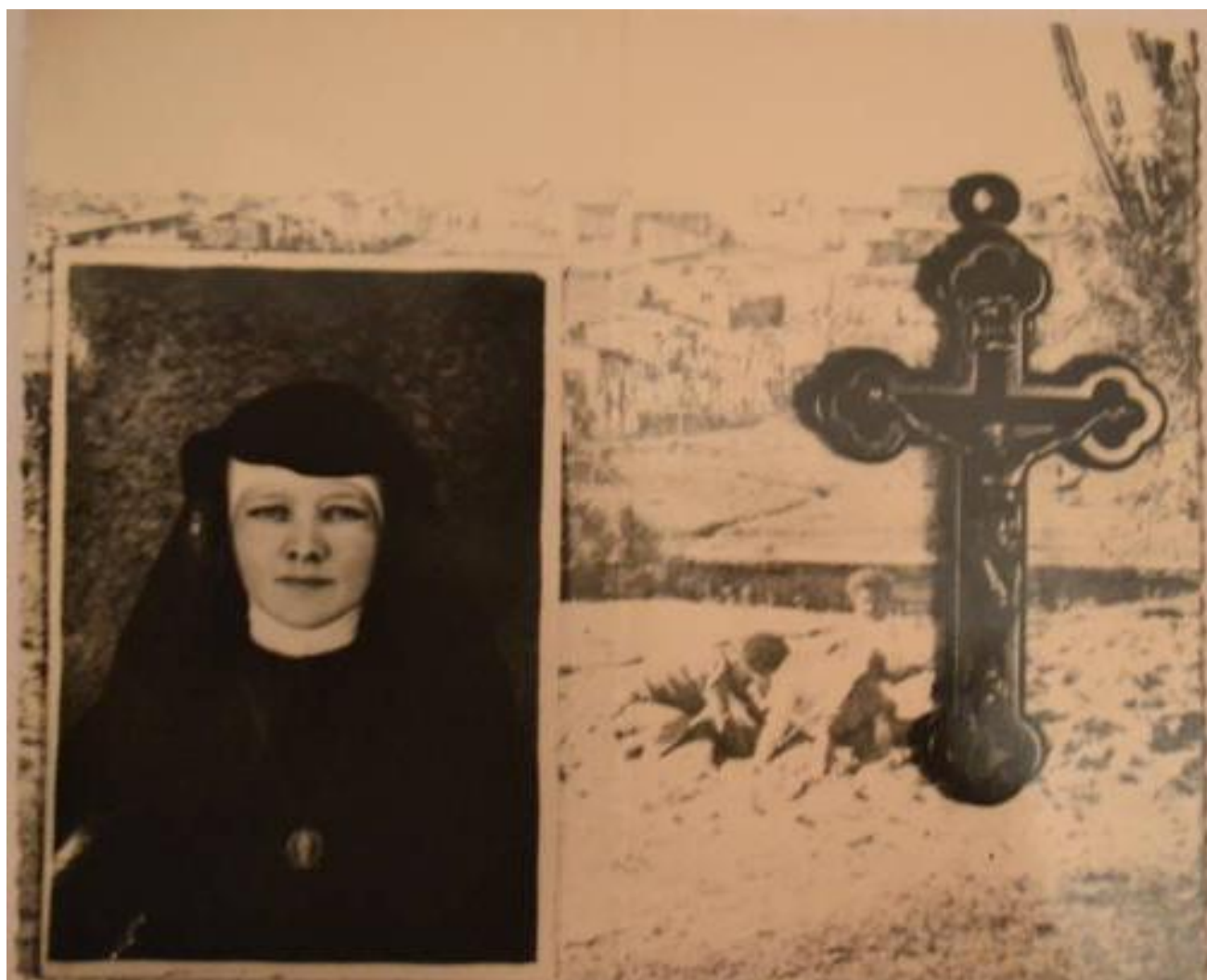
Assim conclui Maria Penha da Cruz suas anotações do último retiro espiritual.

Entre os originais das anotações desse retiro, encontramos a oração que a seguir transcrevemos. Não parece que ela se constitui, de fato, num ato de preparação para o supremo momento de sua existência terrena que ocorreria dois meses após?...

ORAÇÃO

Meu Deus, que eu vos ame e por vosso amor vá aceitando **o peso de cada dia**, com suas obrigações, suas tristezas e fadigas. **Que eu saiba adaptar-me a tudo e santificar-me**, em todas as condições da vida. Que eu seja boa para todos e generosa para convosco. Que eu olhe sempre para o céu a fim de **ter coragem de levar minha cruz**. Que eu aceite tudo sem murmurar e que, abandonada à vossa santa vontade, eu **pense que tudo está bem**, mesmo aquilo que eu não compreendo; **que tudo é bom**, mesmo aquilo que custa. Meu Deus, que vossa santa vontade se faça em tudo e sempre! Amém.

IX.
Epílogo histórico



A morte sobreveio para Madre Maria Penha da Cruz no dia em que a Igreja comemora Nossa Senhora das Dores, 15 de setembro. Era o dia seguinte ao da festa da Exaltação da Santa Cruz.

Era 15h, horário que também se atribui ao momento da morte de Jesus na Cruz.

Junto à penha em que Jesus foi crucificado, estava Maria Santíssima, a Mãe das Dores.

E fora em homenagem à Senhora das Dores, que nossa biografada tomara, desde o início, o seu nome religioso de Maria Penha da Cruz.

Impressionantes coincidências!...

Poderá parecer, a quem queira estabelecer a analogia entre o nome religioso de Maria Penha da Cruz e as efemérides litúrgicas que ocorreram simultaneamente com o seu desenlace desta vida, que haja nisso um evidente sinal, para nós.

Sobre esse sinal, caberá a cada um realizar as suas próprias reflexões e daí recolher, quem sabe, a mensagem que descobrirá Ihe estar sendo revelada!

Maria Penha da Cruz um dia escreveu assim em seu caderno de anotações:

“Quando, rendido de dor, no leito, meu corpo gemer, e apodrecido, sofrer, quero que a alma, Senhor, não se acovarde; e sorrindo, te ofereça as dores para que reines em todos os corações. Quando esse dia chegar, ajuda-me; e, se tua graça me acompanhar, ao lado de tua Mãe sofrerei contente.” (1959).

Seu diário espiritual a retrata com muito rigor, pois ela não se fazia brilhante aos próprios olhos. No entanto, agora teremos oportunidade de continuar a transcrever depoimentos que revelam como ela pelos outros era julgada diferente.

Em seu interior, uma alma fazendo-se a si mesma pequenina e só se tendo por pecadora; aqui fora, a apreciação de como de fato era vista pelo julgamento alheio.

Era uma vida em que se renovava a descoberta do apóstolo Paulo que dizia: “Eu vivo, mas não sou eu que vivo: é Cristo que vive em mim”.

Maria Penha da Cruz procurava, com afeto e afinco, viver vida de imitação de Jesus. E somos levados a acreditar, pelo seu comportamento, que em troca Nosso Senhor vivia na sua vida ostensivamente, por assim dizer.

Veza por outra, ouve-se um desabafo de alguém sem fé que exclama haver-se tornado descrente em face de procedimentos errôneos ou até escandalosos de pessoas que praticam a religião. E não vêem nenhum dos

muitos milhões de bons exemplos de seres profundamente religiosos e cheios de virtude, como o caso de Maria Penha da Cruz?...

É só abriremos os olhos com generosidade para descobriremos quanta beleza espiritual e quanta grandeza humana existem ao nosso redor!... Estas evidências Deus Nosso Senhor não nos nega, se nos deixa conhecermos também fraquezas de outros, talvez para nos advertir, corrigir e não fazermos o mesmo.

“Jesus a levou, mas seu exemplo ficou” – Lemos em uma das cartas que nos foram enviadas por suas Irmãs religiosas logo após sua morte.

“Que exemplo nos deixou de sua vida religiosa...” – exclamava Rvda. M. Elvira do Santíssimo Sacramento, que foi superiora geral das Religiosas de Maria Imaculada no Brasil. “Era uma religiosa edificante, querida de todos. Foi uma grande perda para nós. O Senhor, em seus desígnios, sabe o que faz e, seguramente, já estaria madura em santidade e Ele a quis para si”.

Da religiosa que era sua superiora na casa pioneira em Brasília, recebemos este extenso e cálido testemunho:

“Estejam tranqüilos. Ela teve uma morte serena e nada lhe faltou, nem espiritual, nem material. Tudo foi feito para salvá-la, mas a meningite é traiçoeira.

Minha pena e meu sentimento é grande.

Vou agora contar a rápida doença que em tão poucos dias no-la levou.

No dia 30 de agosto (1963), festa de S. Rosa de Lima, levantou-se para a S. Missa mas, depois do café, pediu-me para deitar-se um pouco, pois estava há alguns dias com uma gripe benigna. Na hora do almoço levantou-se e fez a refeição com todas; porém, à tarde, deitou-se novamente. Disse-lhe que não se levantasse no dia seguinte, mas ela foi a primeira a fazê-lo e, ao dirigir-se ao banheiro, gritou: “Madre! Madre!”

Fui correndo e a encontrei meio desmaiada. Levamo-la para a cama, onde se repetiu por duas vezes essa espécie de desmaio, mas sem chegar a perder os sentidos. Depois, os perdeu uma única vez, rapidamente.

Chamamos o médico, que imediatamente chegou: olhou sua pressão, a temperatura, auscultou o coração, etc. e receitou cloromicetina para baixar a febre. Não deixou de tomar essa medicação, dia e noite, pois o doutor achava que poderia ser tifo e que seria conveniente, até, que uma só pessoa tomasse conta dela e lhe desse os remédios às horas indicadas.

Eu mesma me fiz sua enfermeira permanente e nunca mais me separei dela, até o triste momento de seu sepultamento.

Mas começava a melhorar e o médico permitiu que se levantasse nos dias 6, 7 e 8, saindo um pouco do quarto, mas estava muito fraca. Dia 8,

domingo, chegou até a ir à capelinha assistir à S. Missa, e todas estávamos tão contentes com essas suas melhoras, quando, segunda-feira, dia 9, acordou numa prostração tal que telefonamos ao médico para que viesse imediatamente.

O doutor mandou-lhe dar novamente a cloromicetina, que havia suprimido ao desaparecer a febre, e começou a dar-lhe soro, pela veia, pois desde esse dia já não se alimentava. Dia 11, quarta-feira, o tifo se havia complicado com meningite. Fez-se mister levá-la para o hospital. Foi internada dia 12, às 3 horas da tarde, ficando eu e outra irmã em sua companhia.

As convulsões causadas pela doença não a deixavam quieta nenhum minuto. Tinha que estar continuamente com soro, e por isso não mais a deixamos sozinha.

Veio um neurologista, que confirmou o diagnóstico e retirou líquido de sua espinha para análise. Então passaram a aplicar-lhe injeções de sulfa a cada duas horas e ela começou a reagir bem.

Pedia para rezarmos com ela e respondia perfeitamente.

Porém, domingo, dia 15 de setembro, às 10 horas da manhã, entrou numa inconsciência completa e às 15 horas, deixou este vale de lágrimas para ir gozar do merecido descanso eterno.

Ainda hoje parece-me sentir o último bater de seu coração, que foi por mim recolhido... Seu coração que tanto amou as almas, por elas dando a sua vida.

Trabalhou na vinha do Senhor até o fim e só se entregou quando não pôde mais.

Sua morte ainda está sendo choradíssima pela Comunidade das Irmãs e pelas jovens acolhidas desta casa; foi, para todos nós que com ela convivemos, uma dolorosa surpresa.

A Rvda. Madre Provincial chegou sábado de manhã; Madre Penha, em seu leito de moribunda, ainda a reconheceu.

Foi sepultada com numeroso acompanhamento, pois era muito querida por toda Brasília, onde era muito conhecida.

Os pobres, seus prediletos, quando acodem, agora, à nossa porta, e não a encontram, choram e pedem seu retrato para terem uma recordação.

Tudo isso consola a gente, ao ver como ela era querida.

Os religiosos e religiosas de Brasília, encabeçados pelo Rvdo. Arcebispo D. José Newton, participaram do cortejo fúnebre.

D. José Newton a conhecia e a fora visitar no hospital, deixando-lhe um crucifixo, onde ela veio a depositar seu último beijo. Antes de seguir a Roma,

para participar do Concílio Vaticano II, D. José Newton veio celebrar uma S.Missa em nossa capelinha, nas intenções da alma de Madre Penha. Ao sermão, falou palavras tão consoladoras que nos encheu a alma de paz. Referiu-se ao entusiasmo de Madre Penha por Brasília.

De fato, ela era louca por esta fundação em Brasília.

Como a nossa capela é pequena, a S. Missa do 7º dia, se Deus quiser, será na Catedral provisória de Brasília, pois os religiosos e as religiosas querem assistir e estou certa de que, apesar de grande, a Catedral vai ficar superlotada, pois faremos convites, pelo rádio, ao povo em geral.

No dia do seu enterro, um padre capuchinho fez pela Rádio Nacional, uma resenha muito bonita de sua vida.

Por todos esses detalhes, os senhores vêem como todos a queriam e isso há de servir-lhes de consolo ante esta perda irreparável.

Do céu ela velará, ainda mais do que o fazia na terra, pelos seus queridos irmãos e sobrinhos que ela tanto amava.

* * *

Em Belo Horizonte, no dia de seu falecimento, muitas moças, reunidas no salão ou na capela, choravam inconsoláveis. E todos os dias elas têm vindo, mesmo à noite, reunir-se aqui, para rezar, chorar na capela e recordar sua Madre Penha.

Elas dizem: “Eu não acredito...”.

No mesmo dia, muitas queriam ir de avião para Brasília.

Dizia uma: “Não me importo de gastar todo o meu dinheiro.”

Mas resolveram aplicar em S. Missa, assistida por todas as colegiais externas, especialmente as Filhas de Maria, que colocaram crepe em sua bandeira. Foram celebradas mais duas S. Missas, nos dias seguintes, e amanhã, sábado, a de sétimo dia, será assistida por todas as externas. Serão celebradas S. Missas Gregorianas e outras mais, além das orações da Comunidade e Vias-Sacras que já foram feitas por todos e em particular.

A Rvda. Madre Superiora tem recebido muitas visitas e ontem uma senhora veio para nos dar os pêsames e chorava inconsolável.

A Rvda. Madre Provincial vai escrever à nossa Rvda. Madre Geral, relatando-lhe suas virtudes extraordinárias, para que toda a Congregação tome conhecimento. Desejaria escrever um livro, ainda que presentemente não me sinta com coragem para isso.

Pelo que deixou transparecer durante sua breve existência, tudo faz crer que já esteja gozando da glória de Jesus.

O único consolo que nos resta é o de que já deve estar gozando da visão beatífica no céu.

Disse-me a Superiora de São Paulo: “Nem imaginam como a recordamos todas aqui na Comunidade de S. Paulo e quanto sentimos seu falecimento. Nosso Senhor quis dar-lhe o prêmio por todos os seus trabalhos, já que com tanto zelo dedicou toda a sua vida. Nós aqui sentimos muito, mas ela lá do céu não deixa de ajudar-nos, pois já lhe temos encomendado muitos assuntos e ela os resolveu favoravelmente. Ditosa ela que alcançou o que com tanto anelo todos desejamos!”

Madre Penha não mais se encontra entre nós, pois está agora gozando da visão beatífica. Apesar de não vê-la, escutá-la, e senti-la corporalmente nesta casinha de Brasília que ela tanto amou, parece que a sua presença se faz agora mais palpável.

Já estamos sentindo sua influência junto ao Altíssimo. Segura estou de que, lá de cima, ela nos vai ajudar mais ainda do que ajudou cá na terra, e que foi muito.

Sim, continua a me ajudar! Pois, por seu intermédio, pedi ao Senhor me desse conformidade para suportar valentemente tão rude golpe e a verdade é que o estou conseguindo. Graças a Deus, estou muito conformada com a sua Santíssima Vontade.

“Ainda que não cessemos de falar nela, a verdade é que o fazemos com muita paz”.

* * *

Aqui vamos concluindo este relato.

E vamos fazê-lo transmitindo o conhecimento de alguns significativos casos ocorridos após o falecimento de Maria Penha da Cruz. Não pensamos em alardear milagres; mas a sua ocorrência não poderá significar ao menos gestos delicados possibilitados pelo Senhor que a acolheu em sua glória?...

Ela entregou sua alma a Deus beijando o crucifixo que lhe trouxera o sr. Cardeal Arcebispo de Brasília. Esta preciosa relíquia foi confiada, por uma atenciosa deferência de sua Superiora, aos seus familiares. Ele tem sido muito venerado, e uma cunhada e um sobrinho relatam graças importantes que atribuem à intercessão de Maria Penha da Cruz.

A Superiora da casa de Brasília, na falta de Madre Penha, teve de assumir os encargos junto aos Ministérios do Governo, e era para ela muito penoso tal ofício, que procurava contudo desempenhar unida em espírito de oração à Madre Penha. E ela conta que ficou muito comovida ao conseguir obter uma subvenção justamente no dia do primeiro aniversário de seu falecimento.

Maria Penha da Cruz tivera também de vencer-se para a realização daqueles trabalhos e, ao longo das esperas nas salas dos Ministérios, do Senado e da Câmara de Deputados, em Brasília, se concentrava no fabrico ou conserto de terços. Agora, quem sabe, procurava secundar, lá do céu, os esforços de suas irmãs de hábito no mesmo sentido.

Eis o que nos narra outra religiosa da sua congregação: “Segunda-feira, consegui obter uma subvenção que estava muito difícil. Até fiquei muito admirada e pus-me a refletir: “quem será que está pedindo por mim?...” Eu não sabia ainda que a Madre Penha tinha falecido no domingo, na véspera. Agora compreendo: foi a Madre Penha!...”

E eis outro fato, ainda na linha da minoração das dificuldades financeiras, sempre presentes às obras sociais da comunidade das Religiosas de Maria Imaculada:

“Havia um terreno de nossa propriedade – escreve a superiora de outra casa – que desejávamos vender, mas estava muito difícil. O máximo em que havia sido avaliado era um milhão de cruzeiros. Pois bem, agora, após o desenlace de Madre Penha, acabo de vendê-lo por cinco milhões de cruzeiros.”

E aqui, por fecho, a maravilhosa percepção que nos foi comunicada:

“Em nossa casa de Penápolis, no noroeste de S. Paulo, a Rvda. Madre Maria Aparecida do S. Coração, prefeita das internas, socorreu-se da intercessão da falecida Maria Penha da Cruz, dizendo: ‘Madre Penha, se estás no céu, dá-me por sinal que eu receba rosas antes de romper o silêncio maior’. Isso foi na hora do café. Aí, chamaram duas vezes na portaria da casa, mas eram para a professora e umas meninas. Quando Madre Maria Aparecida estava levando a xícara de café aos lábios, tocou pela terceira vez a campainha e era com ela que queriam falar. Uma menina trazia um ramo de rosas, dizendo: ‘Madre, mamãe mandou este ramo de rosas’. E a madre indagou, escrupulosa: ‘Menina, são para mim ou serão acaso para a nossa capela?...’ - São para a senhora – respondeu a menina. E era o terceiro dia da morte de Maria Penha da Cruz.

**Na BRASÍLIA monumental,
Maria Penha da Cruz se
entrosava no esforço de
humanizá-la.**



“Dia 4 deste, vim de Brasília para votar aqui em Belo Horizonte e passar uma tempordinha. Esta tempordinha, de quanto tempo será?... Seja o que Deus quiser. Ele sabe o que mais me convém. Sentirei muito se eu não voltar, pois gosto imensamente de Brasília: desta vida de fundação, de projetos, etc. Mas não se faça como eu quero, mas como Deus quer. Nossa Senhora há de me ajudar a suportar as saudades que tenho de Brasília, e ela sabe que gosto muito também de Belo Horizonte. Bendito seja Deus!” – É assim que ela revela seu amor pela nova capital do Brasil, em anotação de 14/10/1962.

E uma de suas irmãs religiosas nos escreveu: “Nunca deixava passar uma festa de congregação ou da pátria, sem uma comemoração piedosa e educativa, sempre com licença da sua superiora. Era também muito patriota. Ainda nos lembramos de sua primeira viagem a Brasília, do entusiasmo que lhe causou a grandeza e a beleza da estrada e com que alegria falava dos progressos do Brasil”.

X.

Misticismo de singelo encanto



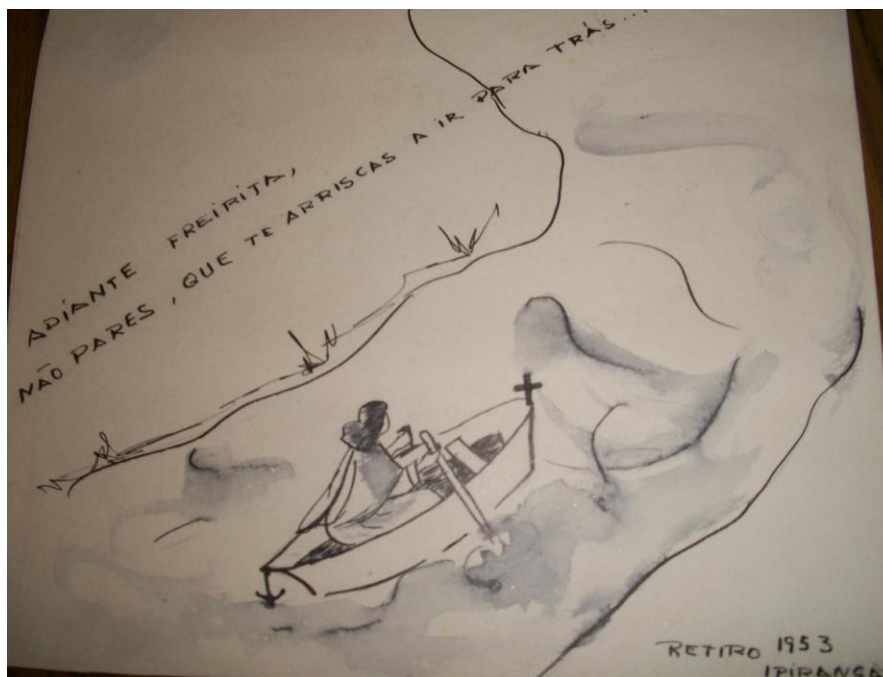
A alma de Maria Penha da Cruz, além de forte, era de uma infinita ternura e bondade, e o misticismo que praticava era de um singelo e arrebatador encanto. Uma fé tão natural, que a gente se admirará de não possuir, talvez, uma igual. Ela transmite fé. E também caridade, no amor de Deus. Esperança nos destinos terrenos e no celestial. Virtudes fortes, como o sacrifício de gostos, opiniões e vontades; a dissimulação das dores e dos descontentamentos, para transmitir às pessoas do ambiente algo bem diverso, como alegria animadora, gracejos jocosos, ideais positivos e fervorosos. A impressão, nos outros, de que pensava apenas neles e nunca em si e em seus problemas interiores de ser humano que era.

Neste capítulo, vamos apresentar ao caro leitor e à bondosa leitora os desenhos de inspiração da alma sensível de Maria Penha da Cruz, os quais ao serem feitos não tiveram em mira a divulgação que ora lhes estamos dando; não houve, assim, de parte da meiga autora, a preocupação de realizá-los sob técnica que se faria mister para fins de publicação.

Veremos como ela nos fala das coisas espirituais com tanta naturalidade e singeleza, nestes desenhos, que, por contemplá-los, como que passamos a participar de sua vida interior e, conseqüentemente, a invejar-lhe a fé ou, ao menos, a estimar o que ela cria; a refletir sobre aquilo em que a sua alma esperava. Passamos a nos sentir como seres que vivemos atordoados por sensações tão absorventes da vida moderna e ignorantes das realidades espirituais. Tornamo-nos logo receosos de nossa incredulidade e compreensivos e respeitosos dos sentimentos religiosos professados com tamanha simplicidade e sinceridade absoluta!

E suspeitamos da existência de coisas valiosas, que desconhecemos. Valores até aqui desprezados ou ignorados. Bens que, confrontados com os outros bens que amamos, que nos prendem e nos governam, vão se afirmando à nossa consciência interior como de efetivo, alto e permanente valor. Bens que, com um estranho e maravilhoso poder, encaminham um sentido de tranquilidade à existência e espancam subjetivos, mas sempre presentes, terrores ante o mistério da vida e da morte, gerando pensamentos capazes de introduzir novos rumos aos nossos comportamentos...

Sim; se antes incrédulos, vamos ficando capazes de compreender a terna e meiga ingenuidade destes seus desenhos que retratam para nós o encanto de sua alma e de seu amável coração; de admitir, se racionalistas, a lógica com que ela a si própria estimulava:



“CAMINHAR PELA ESTRADA DA VIRTUDE E DO DEVER, PROCURANDO CADA DIA SER MELHOR, APESAR DAS DIFICULDADES QUE NOS VÊM AO ENCONTRO, É REMAR CONTRA A CORRENTEZA.”

Se piedosa, e nos confortar com o consolo que seus sentimentos encontravam na simplicidade da fé mantida sempre viva:



NOS MOMENTOS DE SOLEDADE E SECURA ESPIRITUAL...

“SÃO TRÊS HORAS DADAS, E MEU AMADO NÃO VEM. QUEM SERÁ, DITOSA, QUE TANTO O ENTRETÉM?...” (S. Rosa de Lima)

“AINDA QUE NÃO TE PAREÇA, AQUI ESTOU A TEU LADO, QUANDO ME ÉS FIEL, EMBORA NÃO ME SINTAS. EU NÃO TE ABANDONAREI”.

Vacilantes, contemplamos envergonhados a firmeza de ânimo com que a nossa freirinha submetia, com grossas cadeias, os devaneios egoístas das aspirações pessoais:



“NADA DE OBJEÇÕES, NADA DE ‘MAS’...
OBEDECER E NADA MAIS”.

Espontâneo e corajoso sacrifício da vontade própria, nas coisinhas insignificantes e indiferentes, como treino para, nas maiores e decisivas, assegurar-se do prevalectimento da vontade de Deus. E não é aí; e não é somente no abrir mão do dom de poder querer diferente, de poder decidir-se por outras coisas; e não é no seu dom maior – o do livre arbítrio – que a criatura humana encontra condições para oferecer algo ao seu Criador como prova de crença, respeito e estima?... E não é só no humilde holocausto da sua vontade ao encontro da vontade divina, que o ser humano busca e realiza o seu encontro com Quem é o seu princípio e sim, seu Deus e seu Tudo?...

Isto entendido, num relance, nos desenhos de Maria Penha da Cruz.

A quem vive no mundo, isto é, fora do ambiente preservador da vida religiosa em comunidade, não parecerá que a senda da perfeição interior possa apresentar profundas preocupações. O esforço mental e da vontade, que galvaniza um homem de negócios ante a realização de importante transação comercial ou financeira, nem se pensa que possa ser necessário nas operações espirituais... Talvez até se faça ideia de que isso de buscar com afincamento e trabalho penoso a perfeição interior não passe de bem simulada sublimação psicológica que a religiosa ou o religioso busca seguir a fim de elevar a seus próprios olhos a estima de si mesmo ou de uma compensação de inconscientes sentimentos de culpa.

E o que é que Maria Penha da Cruz pensava a respeito de aperfeiçoamento?... Alguns de seus desenhos nos deixam vislumbrar que entendia que o embelezamento interior não tem por fim a auto-satisfação mas sim que Deus se possa comprazer de ver a casa arrumada; que o comportamento da pessoa, sempre comandado pelo seu interior em

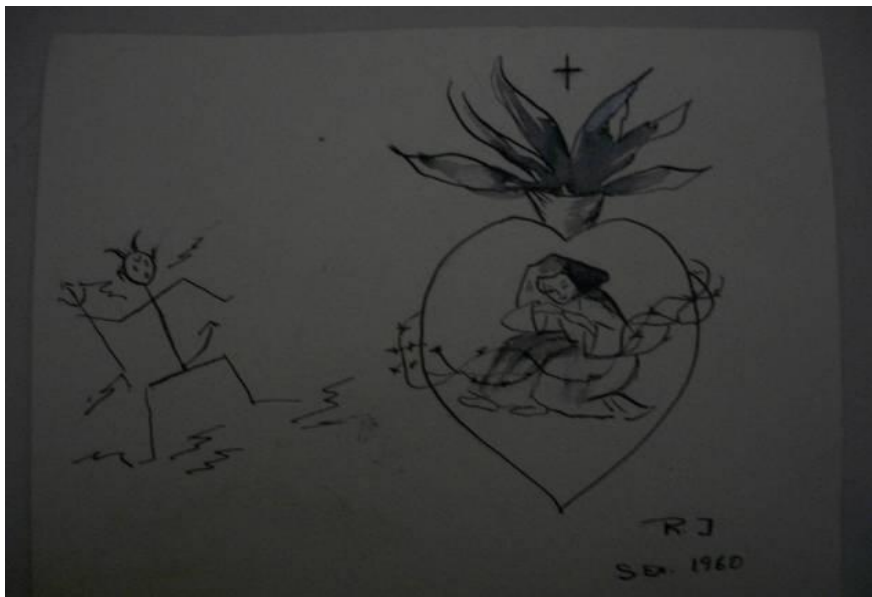
pensamentos, palavras, obras e afetos – deve construir, por sua elevação acima das reações primárias e meramente animais, razão do contentamento para Aquele que fez a criatura humana.



“Depois de um ano, estou um tanto desbotada e com algumas manchas. É preciso que Jesus, nos S. Exercícios, me renove. Vamos ver se este ano a pintura dura mais, e para os novos Exercícios não tenha Jesus tanto trabalho”.

Ela dava-se conta, está claro, de que por nossa condição de seres com a dignidade constantemente atacada e abalada pela herança de más inclinações que nos vieram do pecado original, não podemos só por nós mesmos atingir o embelezamento interior que Nosso Senhor aguarda de cada ser humano. E ela nem se fia em si própria, a coitadinha. Teme vir a ser castigada ao pensar no muito que a criatura humana deve dar a Nosso Senhor, mas não dá.

No seu temor muito compreensível há, porém, terna confiança, pois se faz pequenina na mão misericordiosa de Deus.



“Qual cinema, escreveu ela, passam-nos pela imaginação pensamentos os mais sujos, mais contrários à nossa vocação e ao nosso querer, mesmo quando, com todo o recolhimento e devoção, oramos diante do S. Sacramento”.



“POR QUE
PERMITE DEUS
QUE O DIABO NOS
TENTE ASSIM?...
PARA PROVAR
NOSSA VIRTUDE.
PORÉM, ELE NÃO
NOS ABANDONA”.

Ela sabe que Maria Santíssima foi por Deus colocada, no Calvário, como medianeira entre Deus e os homens, e por isso, está sempre recorrendo a Nossa Senhora:



“MINHA MÃE, NÃO ME
ABANDONES. COLOCA-
ME DEBAIXO DE TEU
MANTO E DEFENDE-ME
DAS CILADAS DO
DEMÔNIO”.

Confiada em Deus mediante o escudo da oração, persevera na trilha que ela compreende ser a que Nosso Senhor indicou para a sua trajetória nesta terra, e avança a passadas largas e firmes:

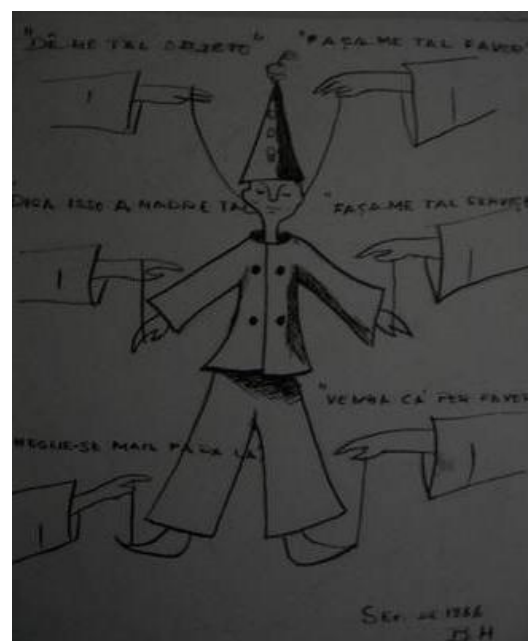
“EM SUA PASSAGEM PELA ESTRADA DA VIDA, ESTA FREIRINHA É ASSALTADA POR SEU MAIOR INIMIGO, O DEMÔNIO, QUE TENTA FAZÊ-LA CAIR SOB AS SETAS DAS TENTAÇÕES. MAS É TUDO INÚTIL, POIS ELA SABE DEFENDER-SE COM O ESCUDO DA ORAÇÃO”.



Seu lápis registra, também, com vivacidade a sua constante luta contra o egoísmo, mediante o empenho pela virtude da obediência:

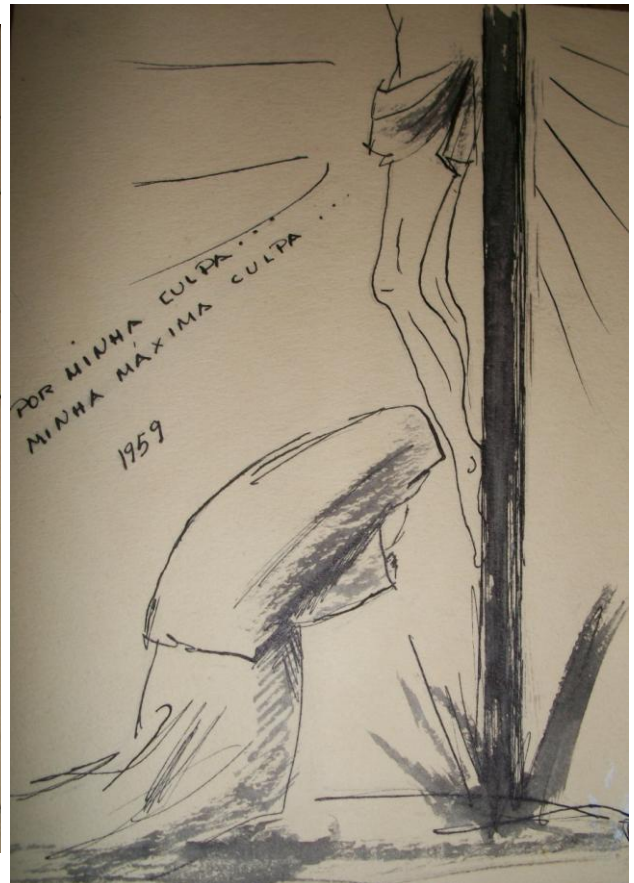


“O SINO CHAMANDO PARA QUALQUER ATO DE COMUNIDADE É JESUS QUEM CHAMA, NÃO O FAÇAS ESPERAR...”



Ao contato com Aquele que é amor, aumenta sua natural afabilidade:

“QUE EU ME LEMBRE, JESUS QUERIDO, DO QUE SOFRESTE POR MIM NA FLAGELAÇÃO... DO SANGUE QUE POR MIM DERRAMASTE... E QUE EU SAIBA APROVEITAR-ME DESSE TESOURO E NÃO O ESBANJE. QUERO BEBER ESSE SANGUE PARA TER FORÇAS E ASSIM RESISTIR ÀS TENTAÇÕES E FAZER-ME SANTA”.



“A DESOLAÇÃO DE JESUS NA CRUZ! NEM O PAI ETERNO O CONSOLOU NAQUELE MOMENTO! QUANDO EU SENTIR DESOLAÇÕES, AGONIAS INTERIORES COMO SE DEUS ME TIVESSE DESAMPARADO, OLHAR PARA A CRUZ E FICAR FIRME ATÉ QUE DEUS SE COMPADEÇA DE MIM”.

Seu coração encontra o verdadeiro, o supremo, o duradouro objeto da sede de doar afeto com que o Criador ornou sua criatura:



“QUE MEU CORAÇÃO SEJA UM OÁSIS PARA TI”.

Penso que necessitaremos alijar de nosso próprio coração tantas afeições desordenadas e vãs, para podermos ser atingidos pela expressão amorosa dos seus desenhos. Oxalá o consigamos, desde o momento em que os estamos contemplando, o que não deixará de ser efeito contagiante de sua beleza espiritual.

Beleza a que todo ser humano aspira, ainda que ignore, negue ou despreze!



“AQUI SOB O TEU MANTO,
NADA TEMEREI, MEU PAI
QUERIDO!”.

COM NOSSA SENHORA, NA
COZINHA... “VEM COMIGO A
TODAS AS PARTES, SOZINHA
NUNCA ME DEIXES!”.



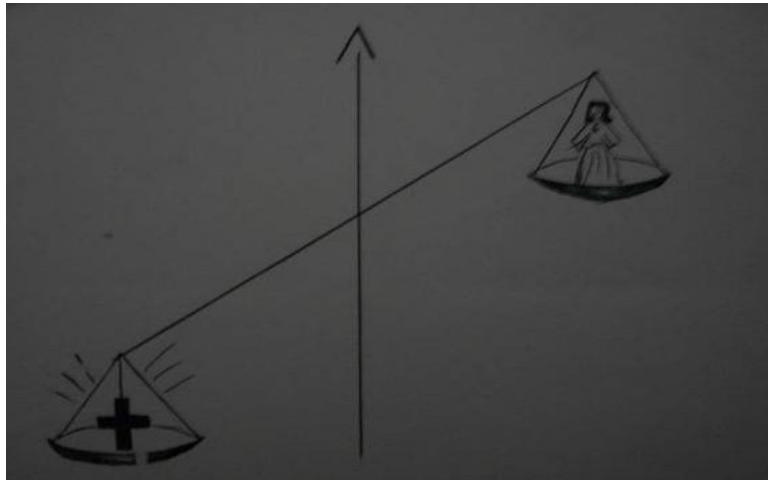


“COM ÂNIMO E LIGEIRA, A SEGUIR JESUS!”

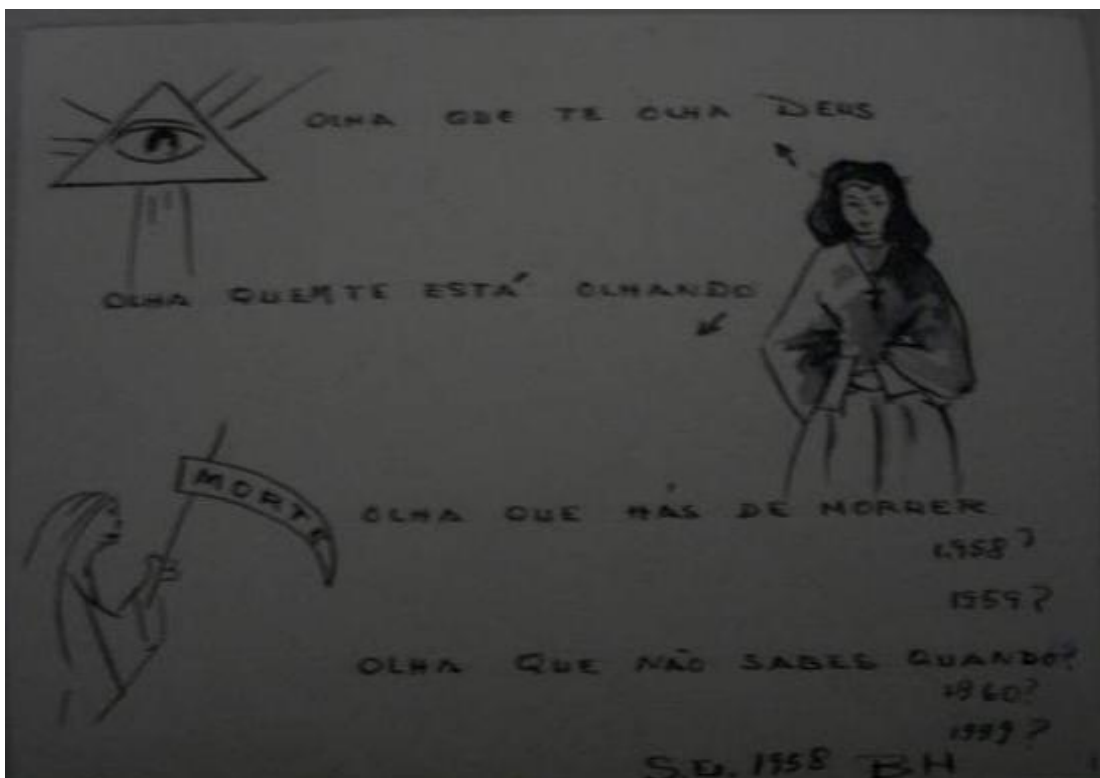
“AOS MEUS PÉS PODEM DESCORTINAR-SE NEGROS ABISMOS E A MINHA VOLTA TERRÍVEL SOLIDÃO, MAS SE LEVANTO OS OLHOS E VEJO JESUS QUE SEGUE O MESMO CAMINHO, ENTÃO SEGUIREI CONTENTE!”

“SE NÃO ESTÁS CANSADO, VEM COMIGO DAR UMA VOLTA PELO MEU CORAÇÃO E VER TODOS OS PEDIDOS QUE TE QUERO ENCOMENDAR”.
“SÓ TU PODES RESOLVÊ-LOS. EM TI CONFIO”.





“DE QUE SERVE AO HOMEM GANHAR TODO O MUNDO, SE CHEGAR A PERDER SUA ALMA?... QUANTO VALE UMA ALMA? A ALMA DE UMA DE NOSSAS MENINAS?... VEJAMOS ACIMA A BALANÇA DA SALVAÇÃO. TANTO BAIXOU DEUS O SEU BRAÇO DA BALANÇA PARA SALVAR-NOS, QUE O BRAÇO ONDE FOI COLOCADA A ALMA SUBIU ATÉ DEUS. QUANTO VALE UMA ALMA? POIS, TODO UM DEUS!!! QUE CUIDADO, PORTANTO, DEVEMOS PELA SALVAÇÃO DAS ALMAS E, EM ESPECIAL, DAS QUE ELE NOS CONFIA, SE NÃO QUIERMOS PÔR A PERDER TANTO SACRIFÍCIO E TANTO AMOR”.



“PARAR - OLHAR - ESCUTAR”

Maria Penha da Cruz pensava na morte, preparava-se para a morte e brincava com ela...



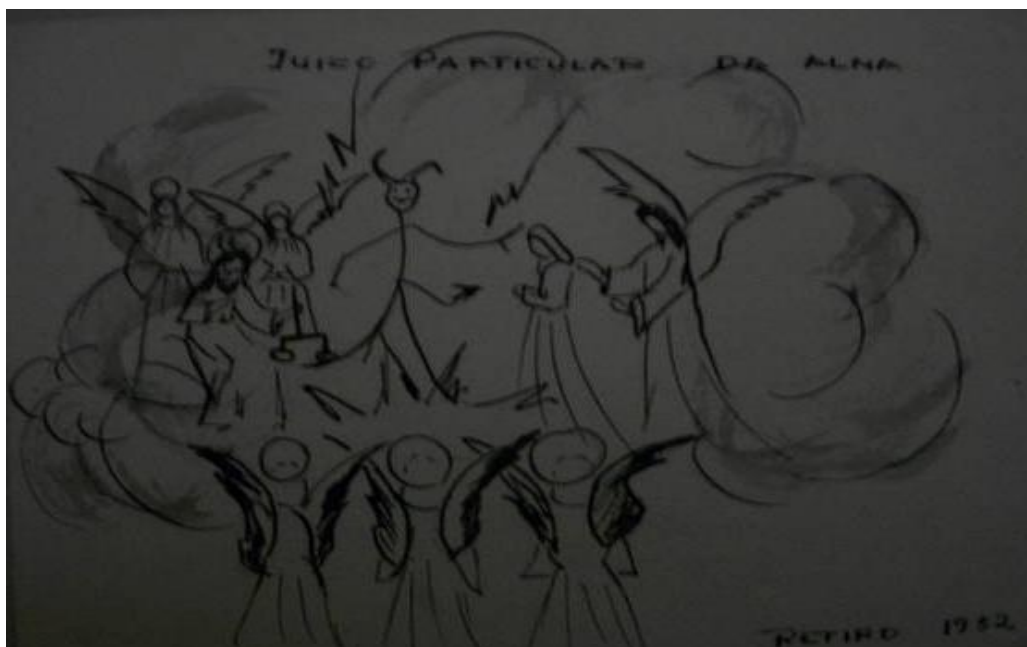
“AGORA QUE JÁ ESTÁS NO CAIXÃO, QUE PENSAS DOS APEGOS QUE TINHAS A UMAS TANTAS COISAS E A TUA OPINIÃO E A OUTRAS BOBAGENS?... QUE LEVAS DE TUDO ISSO?...”

Nascer e morrer!... Nascer, que é a alegria e júbilo: morrer que é treva, choro, desespero e dor... Isto dizemos nós, se nosso espírito ainda não se

interessou em pedir a Deus a Graça. A Graça, que é luz que nos faz ver e força que nos faz querer. Essa iluminação da alma pela Graça nos pode conduzir serenamente a ter a visão correta da morte e do seu sentido. E a morte perde, então, seu trajar negro, seu aspecto tétrico, seu fator negativo. Passamos a ver a morte com alegria e esperança.

Se não a desejamos, pois Deus quer que também amemos o curso de vida que nos dá, também não a detestamos, já que ela é o portal da vida em sua plenitude.

Libertos da condição de subordinados à fisiologia, da programação genética; das provações e das derrotas; da possibilidade de desconhecer, de negar, de menosprezar e de não querer com afeto ao Ser que teve em mira, ao nos criar, obter o nosso bem-querer, a nossa amizade, a nossa relação!...



Pensava na prestação de contas:

“JUIZ: JESUS – RÉU: ALMA – ADVOGADOS DE ACUSAÇÃO: DIABO E ANJOS DA GUARDA DE QUEM FUI CAUSA DE ESCÂNDALO E PECADO – ADVOGADO DE ACUSAÇÃO OU DEFESA: ANJO DA GUARDA DA ALMA”.

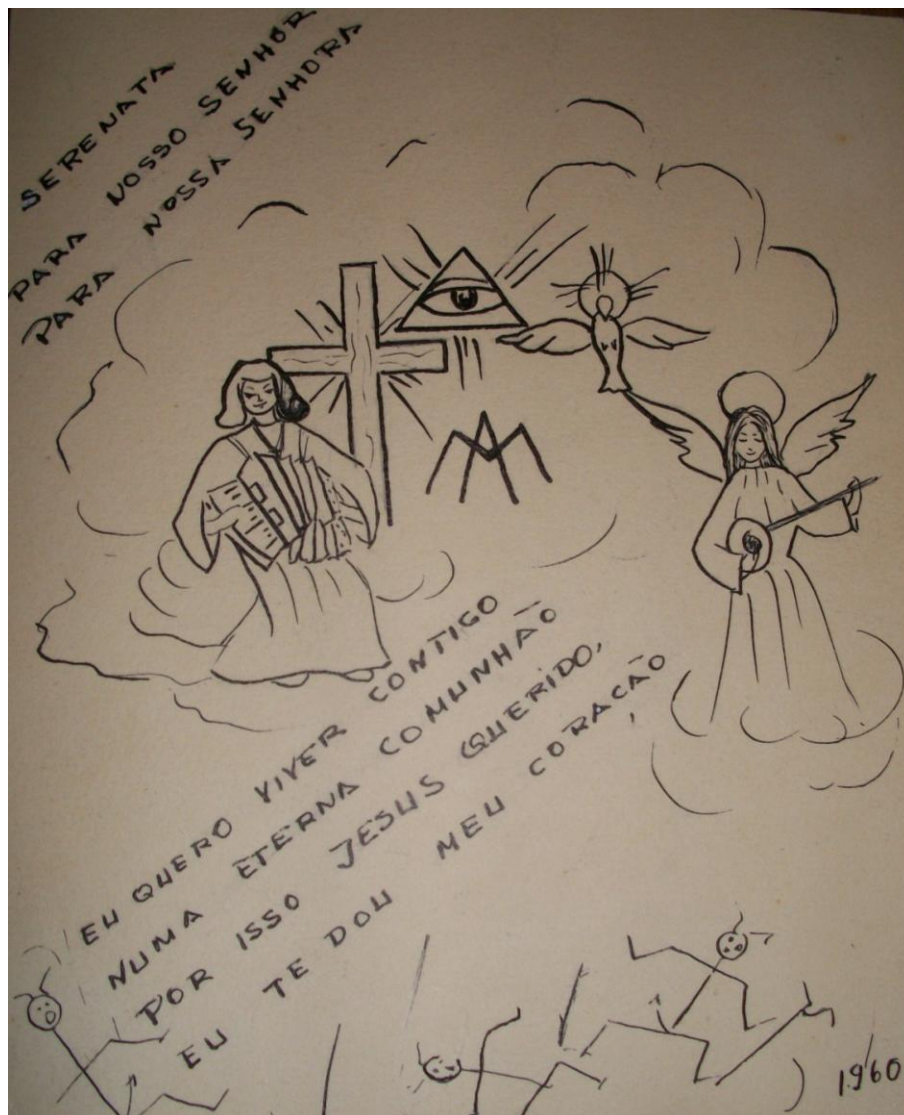
Ao que alimentava como bons propósitos em 1956 ela veio a dar cumprimento, efetivamente, pois, após o seu falecimento, sete anos depois, sua superiora verificou que nada possuía de seu na caixinha em que as religiosas costumam guardar as poucas coisas de uso pessoal. De tudo se havia desapegado.

Seus, eram só Nosso Senhor e o próximo. Sim, ao término de seus dias no tempo atual, seu coração era unicamente de Deus e do próximo. Empolgante final da novela da vida. Desfecho feliz de todos os atos do sensacional e emocionante espetáculo que cada um de nós também está a representar no palco esférico deste planetazinho.

Alcançou a heroína o fim colimado. Foi um sucesso a peça, pois, como se viu, deu cumprimento terno, humilde, perseverante, muito amoroso, apesar de todos os percalços, ao tema essencial da história humana:

AMOU A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E AO PRÓXIMO MAIS QUE A SI MESMA.

Maria Penha da Cruz hoje estará lá no céu, realizando seus sonhos místicos revelados na singela beleza de seus desenhos e de sua vida.



EM CONSTANTE SERENATA PARA NOSSO SENHOR
E PARA NOSSA SENHORA...

XI.

Joias do relicário



Maria Penha da Cruz pode ser bem conhecida como religiosa através das anotações que fazia de seus retiros com o objetivo de melhor lutar pelo próprio aperfeiçoamento.

Tais como joias do relicário de seu coração, passamos a revelar, ainda, uma seleção de tais anotações que salientam sua tenaz busca de perfeição, seus anseios de amar com amor cada vez mais divino, seu denodado espírito de sacrifício, sua progressiva união com Deus e a Virgem Santíssima como segredo para, entre sorrisos e lágrimas, levar de vencida as tentações contrárias a seus ideais.

ESFORÇOS CONSTANTES DE APERFEIÇOAMENTO

“Sede perfeitos como vosso Pai o é”. Eis a recomendação muito clara deixada por Nosso Senhor Jesus Cristo aos seus seguidores. E uma alma que descobriu ter sido chamada para a vida espiritual, dentro ou fora de ordem religiosa, não poderia manter-se indiferente ante a vontade do Divino Mestre. Tornar-se melhor, por isso, será para ela um constante e infatigável esforço.

Maria Penha da Cruz não fugiu a essa preocupação, e lhe era fiel companheiro um livreto contendo explicações de Sto. Inácio de Loyola a tal respeito. O fundador da benemérita Companhia de Jesus incita as almas que passaram a compreender a religião “a não consentirem que lhes façam vantagens os filhos deste século em buscar com mais solícitude e engenho as coisas temporais do que elas as eternas”. É o caso de “envergonharem-se de que eles corram com mais prontidão à morte do que elas à vida”. E de “terem-se por mesquinhas se um homem serve com mais atenção a fim de alcançar as graças de um chefe terreno do que elas pelas graças celestiais”.

Vencer a si próprio e ser melhor, menos egoísta, eis o trabalho para o qual, via de regra, a Divina Providência dá longos anos de vida ao ser humano.

“Os fervorosos e esforçados em breve tempo passam adiante, ao passo que os relapsos na luta contra si mesmos, tarde ou nunca chegam à paz da alma nem a possuir virtude alguma inteiramente. E o esforço em vencer a si próprios e desfazer o amor próprio liquida com as raízes das paixões e males, pois que “ao que se vencer será dado o maná escondido”.

Quero ser santa, meu Jesus, porque quero levar muitas almas para ti: levá-las a uma vida de perfeição. E, como vou conseguir isso, se eu não sou?...

Tanto alguém aproveita em seu adiantamento espiritual, quanto se desprende de seu amor próprio, de seu querer e de seu interesse. (1949).

Quando será, meu Jesus, que eu vou ser mansa como um cordeirinho?... Quero agradar a Jesus e, no entanto, faço o que sei que o contraria. Jesus, olha para minha fraqueza. Sou capaz de qualquer coisa. Tem, pois, piedade de mim e dá-me mais força, mais energia e constância para lutar contra mim mesma.

Quero ser bem mansinha; não só no exterior, mas interiormente também.

Tenho duas pessoas contrárias em mim, Jesus. Uma te quer muito e só te quer dar prazer. A outra invejosa, orgulhosa, convencida, pensando sempre que merece mais e que a esquecem, a deixam de lado. Enfim, Jesus; esta segunda pessoa é muito ruim e é preciso acabar com ela para que a primeira possa servir-te sossegada e sem estorvo algum.

Conheço que falto à pobreza, sim, quando ainda que interiormente, me queixo da comida. Isto, sim, reconheço e tenho trabalhado para corrigir.

Deus nos está cumulando de benefícios e nós, com estes mesmos benefícios, o ofendemos. Que sou eu diante de Deus? Nada! Que atrevimento, portanto, me revoltar contra suas ordens, contra suas disposições. Devo compreender que tudo o que suceda em meu redor, bom ou ruim, agradável ou desagradável, é Ele quem me envia ou permite que suceda para provar-me. Devo estar alerta sempre, para aproveitar-me destas ocasiões e demonstrar-lhe meu amor.

Tenho que ter muita paciência com os defeitos e impertinências do meu próximo. Não irritar-me com os outros porque não tenham delicadezas para comigo, não façam caso de mim.

Coisas pequenas. Vencer curiosidades, para acostumar o caráter. Não ser delicada demais ao sentir o mal que nos fazem. Vencer-me sempre, sempre em coisas pequenas, para ser santa. Acostumar a vontade a ser firme (1952).

Confessei-me de ter três fontes de pecados e, ao mesmo tempo, de merecimentos na minha vida religiosa. São: Gostar de dar. Sentir revolta em fazer o que mandam as que não são superiores. E de me expandir com as meninas ou mesmo com a Comunidade sobre as grosserias e faltas de atenção das pessoas com quem trato, faltando assim à caridade. Como sempre fazem os bons guias de almas, em vez de repreender-me, animou-me dizendo que tudo se resumia a uma só coisa: excesso de virtude. Ora essa! São faltas justamente por serem excesso, embora seja de virtude, pois a perfeição está no meio termo.

No dia em que me confessei, o Padre pregador disse-me que Nosso Senhor permitia caísse eu algumas vezes para humilhar-me, pois que com meu gênio tenho propensão para confiar demais em mim mesma.

Retratou-me quando falou dos que começam tudo e nada acabam. Que isso geralmente se passa também na vida espiritual. Preciso corrigir-me nisto. Ter mais força de vontade em começar e acabar cada coisa que eu fizer.

Que quero agora?... Como penso proceder?... Olha, Jesus, tu vês no meu interior melhor do que eu mesma... Sabes os meus desejos. Conheces minha fraqueza e as más inclinações deste meu coração. Assim, ajuda-me muito, muito a cumprir os propósitos que neste retiro fiz e que vou resumi-los aqui: Amar-te sem medida, não me aborrecendo por nenhuma contrariedade. Quero ter domínio até no primeiro movimento, pois, como posso queixar-me, resmungar e reclamar, se te ofendi tanto e tantos favores tenho recebido de ti?... Como, pois, poderei pagar-te tudo isto, senão sofrendo com muita paciência e amor estas pequenas coisinhas que me envias cada dia?... Não devo perder nenhuma dessas moedinhas, para saldar as minhas dívidas. Jesus ficará contente comigo e eu me sentirei feliz ao ver que não perdi o momento que ele me deu. (1955).

Quando mandarem uma coisa que me custe, não negarei isso a Jesus. Quando me ofenderem, não esquecer-me de que é Jesus que está ali e dar-lhe gosto e prazer, deixando passar tudo por seu amor e para vê-lo contente.

O que não faria Deus em mim, por minha santificação, se eu não lhe opusesse obstáculos!... Que eu seja dócil cera branda em tuas mãos e na de todos os que de mim se acercarem, desde que não me obriguem a cometer pecados. Que eu lhes obedeça por ti, somente para dar-te gosto e ver-te contente.

Ouçamos o que Jesus nos diz com um olhar muito amoroso: “Se queres mais, se queres dar-me mais alegria, se queres deverás ser perfeita, ouve: renuncia a ti mesma, isto é, a teus gostos, tuas afeições, tuas inclinações, tua vontade. Toma tua cruz de cada dia e segue-me”. Que farei com tal convite de Jesus? ... Se quero ser santa, o seguirei, custe o que custar. Com Maria, minha Mãe, tudo poderei!

Quero ser santa porque amo a Jesus Cristo. E, se o amo, quero sempre e a cada dia segui-lo bem de perto; e isto só lograrei obter fazendo como me disse: renunciando-me, à imitação de sua mãe bendita. Quero!... E tudo posso naquele que me conforta. Assim seja! Tua, com a tua graça.

Quando leio a vida de almas privilegiadas, tenho inveja. Porém, de quê?... Não sou acaso uma privilegiada também? Por que não procedo como elas?... Em minhas mãos está! (1956).

Defeitos a corrigir: relaxamento no ofício do Santíssimo; falta de reverência na capela, principalmente ao limpá-la; não querer “aguentar” muitas coisinhas; não ser pronta na obediência em coisas pequeninas; falar muito alto; ser pouco mortificada.

Tu, Senhor, sabes melhor do que eu minha maldade, meus pecados. Nem gosto de recordar o passado, com toda a multidão de pecados cometidos

e, por conseguinte, com muita ingratidão, pois tenho medo de desesperar. Sei que és misericordioso e bem o tens sido para comigo. Mas abuso tanto da tua bondade, que bem pode ser que um dia te canses de mim. Tempo é já de compreender que tenho que querer-te muito mais, para fazer-te esquecer minhas maldades. Ajuda-me, minha Mãe Santíssima.

Sobre o pecado venial. Grande ofensa a Deus. Ofensa de desprezo. Dormir voluntariamente na oração é pecado venial. O pecado venial esfria a alma e se torna um hábito; enfraquece a alma e pode fazê-la cair em pecado mortal. Distrações voluntárias na capela durante a S. Missa, na Comunhão, no ofício da Santíssima Virgem, - são também pecados veniais. Alerta, Madre Penha! Tua alma está cheia destes pecados, bem sabes. Não reparaste, mas hoje Deus te deu luz nesta meditação para veres; e te dará as graças de que precisas para corrigir-te, se pedires. Alerta!

Subjugar, escravizar minha vontade, minha iniciativa, minha personalidade. Vim à religião para obedecer e, se não obedeço, que faço?... Como serei santa?... Jesus querido, obedientíssimo, ajuda-me!

Confessei e estou muito contente, pois fiz confissão geral e falei bem claro de todas as minhas misérias passadas como nunca tinha feito. Estou tranquila, graças a Deus. Estou muito contente por Nossa Senhora ter-me ajudado, pois cada vez que me lembro de meu passado miserável e cada vez que os confesso, sinto horror de mim mesma.

Não há caminho mais curto e mais direto para a santificação do que a imitação da Sagrada Família. Não há dúvida! Imitando a Sagrada Família, seremos santas. Ali não se falava mal uns dos outros; ali não se davam respostas ásperas; ali não se negava auxílio uns aos outros. Que santos eram! Santíssimos! E que santas seremos, se nos resolvemos a imitá-los... Não falar umas das outras e de ninguém... Não ser bruscas nas respostas, estejamos com bom humor ou não. Não negar auxílio e favores a quem necessita... Imitando a Sagrada Família, serei santa. Pois, então, adiante; com valentia e generosidade, hei de imitá-la!

Sobre o exame particular. Não cortar nenhum ato espiritual (marcar, só disto, umas duas semanas); evitar as distrações voluntárias (outras duas semanas); fazer todos os atos espirituais com muita fé e fervor; fazer todos os atos espirituais com muita fé e fervor; fazer intenção de fazer pela manhã quinze atos de amor a Jesus, dizendo, no meio de meus trabalhos: "Tudo por vós, Sacratíssimo Coração de Jesus!"; e outros quinze à tarde. Ir comparando para ver se adianto e me aperfeiço.

Desculpo-me muito, e isto é contra a humildade. Preciso tomar atenção. Aguentar firme as acusações que de mim fizerem, se quero parecer-me a Jesus. Dá-me forças, minha Mãe Santíssima, para que eu saiba amar a Jesus de tal maneira que sempre escolha o caminho que mais se assemelha ao que

Jesus trilhou por meu amor. E tu, minha querida mãe desta terra, que já estás no céu, alcança-me de Jesus este amor – grande, generoso – que sabe ir até a morte por seu amor (1958).

Jesus, que eu não desanime com os fracassos. Que eu saiba ter fruto de tudo, para tua maior glória e bem da minha alma. O desânimo não serve para nada. A questão está em começar. Se, ao começar uma empresa, penso que posso acabá-la, certamente que acabarei.

Sobre a malícia do pecado venial. Meu Jesus, será que eu cometo pecado venial deliberado? ... Tenho a impressão de que não, mas quem sabe se não me conheço bem?... Ajuda-me a ver claro. Quero confessar-me hoje e gostaria de fazer uma confissão perfeita. Mãe Santíssima, fica comigo!

Prática sobre auto-domínio. Por exemplo: não coçar quando uma pulga morde; não enxotar uma mosca que molesta, etc. Isto muito ajuda para adquirirmos domínio sobre nós mesmas. Madre Penha, cuida bem nisto, para, assim treinada nestas pequenas coisinhas, te dominares para bem amar ao teu próximo.

Olha, Madre Penha, andas sempre nadando em consolação! Muito bem. Deus te dá: aproveita. Mas lembra-te de guardares para o tempo de secura, estás ouvindo?... Se chegar tal dia, fica firme! Não penses que Deus te abandonou. Nada disso! É apenas uma prova, mas ele estará junto de ti. Agarra-te a ele bem caladinha e a Nossa Senhora e espera confiante.

Tu sabes, Jesus, o quanto sou pequena e fraca: tem pena de mim. Não me soltes!... Contigo, tudo; sem ti, nada!

Chocas-te com o caráter de um ou de outro. Necessariamente tem que ser assim, pois não és moeda que a todos agrada. Ademais, sem esses choques que se produzem com o próximo, como irás perder as pontas, arestas e saliências; imperfeições e defeitos de teu gênio, para poderes adquirir a forma regradada, brunida e suave da caridade, da perfeição?... Se teu caráter e os caracteres de quem contigo convive fossem doces e ternos, como te santificarias? (1959).

Já sabes, Jesus, que de todo o coração eu desejo perder tudo; mudar de casa, deixar pessoas queridas, tudo, contanto que eu seja santa e me salve. Tu, antes de tudo. Tu e mais ninguém! Tu, e todos em ti, juntinho de nossa Mãe Santíssima. Isto sim, é que é felicidade!

Anjo da minha guarda, lembra-me na ocasião; e tu, minha Mãe Santíssima, dá-me força necessária para que eu me mortifique e aproveite as ocasiões de agradar e dar gosto a Jesus. Custa tanto mortificar o gosto, Mãe, mas é preciso. Eu quero: ajuda-me.

Pai Eterno, por amor de teu Divino Filho, desprende-me das criaturas e de todas as coisas. Eu quero estar só apegada a minha vocação. Madre Fundadora, peça a Jesus por mim.

Propósitos: guardar no guardanapo, pela noite, um pão para no dia seguinte comer pão velho. Quero fazê-lo, Jesus, para alcançar a graça de eu viver desapegada de tudo e só viver contigo e para ti; rezar todos os dias um terço, extra, pelas intenções que eu esqueci de rezar; esforçar-me em trabalhar mais, não olhando tanto o meu cansaço, na oficina, no harmônio; e, nas recreações, ajudar a costurar a roupa da Comunidade.

Jesus, neste momento parece-me que estou compreendendo essas securas por que ando passando. Antes, eu só nadava em consolações. Vivia numa doçura contínua. Agora, que diferença! Pois bem, deve ser porque antes eu era principiante e tu, em tua bondade extrema, me tratavas como se tratam as crianças: como que com doces, balas e brinquedos. Mas, agora talvez já me tenhas achado “madura” e então retiraste os brinquedos e não me dás mais balas e doces. Mas vou dizer-te uma coisa, Jesus querido: estou de acordo com o que me fazes, mas, de vez em quando, dá-me doces, balas e brinquedos... É tão boa a consolação que vem de ti!

Disse-me a Rvda. Madre Provincial que nossa Rvda. Madre Geral perguntou-lhe quem era “aquela freira alvoroçada” que estava filmando sua chegada... Que vergonha! Sou mesmo uma alvoroçada. Toda a Comunidade sempre me diz. Que fazer?... Mudar!... Nada de desânimo. Já lhe hei de escrever dizendo que “aquela” já não parece “aquela”, se Deus quiser. Vou fazer um exame particular sobre a “Gravidade Religiosa”, a conselho da Rvda. Madre Provincial, e escrever-lhe de vez em quando sobre se estou ou não adiantando. Quem sabe se, por não ter essa “Gravidade Religiosa”, não consigo fruto nas almas?... Deus permita que eu me corrija, para assim não só dar gosto aos meus superiores, como também salvar muitas almas. Por amor de teu Divino Filho, ó Pai Eterno, ajuda-me a adquirir esta virtude. Tu bem sabes o quanto me custa, mas com a tua graça tudo alcançarei.

Da meditação sobre Madalena aos pés de Jesus Ressuscitado. Por mais que uma criatura desça, pelo pecado, não há altura, por elevada que seja, que ela não possa subir pelo amor (1960).

Sobre o exame particular. Vou baixar duas continhas do rosário de consciência cada vez que conseguir falar em voz baixa na hora de silêncio, para ver se assim consigo esta graça. Pode ser que isto me estimule. Permita Deus!

Gosto mais da parte positiva do que da negativa. Penso que aquela ajuda mais, ao passo que esta desanima.

Visitas ao Santíssimo. Devo ter verdadeira fome destas visitinhas. Desejar fazer muitas. Toda vez que passar pela capela, devo sentir-me atraída

e devo entrar, nem que seja apenas para atirar-lhe um beijo. Agora que tenho a capela tão à mão, não faço; depois que estiver mais retirada, na casa nova, então sim vou sentir falta e vontade de fazer-lhe visitinhas. Que eu me entusiasme, Jesus querido, e te visite muitas vezes. Que eu não perca ocasião.

Virtude é também não impor a própria vontade e o próprio gosto aos outros. Devo cuidar isto, pois, como tenho iniciativa, muitas vezes, sem me dar conta, imponho minha vontade aos outros e não lhes dou ocasião para que eles também façam a sua vontade.

Sobre o modo de andar na rua. Tenho de cuidar em não correr tanto e ter os olhos mais baixos que levantados. Não me interessa ver quem anda na rua. Portanto, não olhar para todos os lados. Não falar muito com a menina que me acompanha.

Sinto que, pela misericórdia de Deus, este ano estou bem mais desprendida das coisas, o que muito agradeço a Nossa Senhora, pois foi ela, sem dúvida alguma, que me alcançou esta graça. Quero ainda desprender-me mais, pois sei que isto dá prazer a Jesus e quero vê-lo sempre satisfeito.

Muitas vezes não conseguimos fazer nossa oração por causa de nossa curiosidade, nossas faltas de caridade julgando os outros. Penso que será assim mesmo. Vou, portanto, cuidar em não julgar os outros, coisa muito comum em mim e que, embora eu me tenha vencido um pouco, preciso pôr freios. Cuida da tua vida, Madre Penha; não tens nada que ver com o que fazem as outras (1961).

Jesus, quero conversar contigo. Reparaste como sempre eu estou te dizendo que quero e que seria a minha maior felicidade, estar sempre em tua divina presença? Por que então, Jesus querido, eu não o consigo? Estou quase sempre com o pensamento longe, mesmo na hora dos meus atos de piedade. Bem sabes, como vês todas as coisas, que eu sofro com isso; que não estou de acordo, absolutamente, com esta louca da minha imaginação, que é tão esperta para imaginar e sonhar coisas do céu. Por que, Jesus?... Estou pensando, nestes Santos Exercícios, que, talvez, seja por eu ser muito curiosa. Tu, que vês todas as coisas, vês bem como eu sou boba demais e que não posso escutar um ruídozinho, que já estou de pescoço levantado para ver o que se passa, embora, como também tu bem vês, eu logo me arrependo de ter ido olhar o que nada me importa. Quando escuto vozes, fico imaginando quem será, o que quererá, etc... Mas como é que eu posso ser tão idiota, meu Deus?! Eu mesma acho ridículo o ser assim e portanto vou me esforçar, com a tua ajuda, para corrigir este defeito, que certamente muito desedifica minhas irmãs.

Aborrecer nossos pecados. Aborrecer nossas faltas. Aborrecer o mundo. Quem leva bem o exame particular acaba sendo perfeita.

Está mais do que claro que o que impede de ter o pensamento sempre em Deus e em Nossa Senhora é... a curiosidade. Vamos, portanto, cortar com este mal, valentemente e juntinho de Nossa Senhora. Ela há de me ajudar a conseguir este domínio sobre a curiosidade.

Madre Penha, mortifica-te!... Agrada a Jesus, com estas pequeninas 'flores' de mortificaçõeszinhas de coisas que poderias ver e fazer, mas nas quais te negas. Bem sabes o quanto ele fez e está sempre fazendo por ti; deste modo, sendo generosa como és (pois assim ele te fez), mostra-lhe esta generosidade.

Ó meu Jesus, faz com que eu não me lembre tanto de mim mesma e de minhas doenças. Que eu saiba aguentar um pouco mais calada as dores e enfermidades. Mãe Santíssima, vê estes meus desejos e ajuda-me. Empurra-me. Leva-me em teus braços e não me soltes até que eu consiga viver assim toda para teu Jesus.

Meu Jesus, que eu tenha forças para vencer-me no que mais me agrada. Que eu tenha forças para fazer guerra ao que mais me deleita.

Relendo os propósitos dos anos anteriores, vejo que não consegui ainda cumpri-los perfeitamente. Alguns mesmo muito imperfeitamente. Este ano, meu Jesus, vou renová-los e acrescentar uns mais. Fazer os atos espirituais antes que seja tarde. Não estar a julgar minhas Irmãs. Pôr muita atenção e não faltar à modéstia dos olhos, cuidando em não ser curiosa, para assim estar mais recolhida nos meus atos espirituais.

Quero continuar a ser fiel às mortificações que livremente me impus: não comer sorvete, não usar relógio, não beber água antes de algum alimento (a estes tenho sido fiel), comer pão velho, rezar um terço extra todos os dias nas intenções por que devo rezar e me esqueço (estes dois últimos, esqueço muitos dias), fazer uma via-sacra rápida todos os dias (posso muito bem e, se não faço, é por não me esforçar, pois são apenas cinco minutos). – Estes sacrifícios feitos por amor a Deus muito me ajudarão para que eu vá me vencendo e sendo cada dia mais perfeita religiosa (1962).

* * *

Que bom poderemos registrar aqui alguns válidos testemunhos de como esses propósitos se realizavam, de fato, na prática, baseados no que escreveram, logo após sua morte, suas irmãs de hábito.

“Como filha de Maria Imaculada, tinha uma consciência muito delicada. Levava seu diário espiritual com muita simplicidade. Nos dias de retiro, dava conta de sua consciência com a sinceridade de uma criança. Nada ocultava e, quando caía em alguma falta ou tinha algum descuido, procurava a sua superiora para pedir uma penitência”.

“O entusiasmo pela perfeição jamais arrefeceu em Madre Maria Penha da Cruz. E assim todas são unânimes em dar testemunho das delicadezas em todas as virtudes. Entretanto, a caridade, a meu ver, é que sobrepujou as demais”.

“Era de caráter forte, decidido, alegre e jovial; sob o qual soube tão bem ocultar a grande luta que sempre manteve consigo mesma para chegar sempre a mais perfeição”.

“Quando já era professora, algumas vezes se propunha fazer pequenas mortificações e fazia um número incalculável. Outras, de rezar jaculatórias, dizendo centenas e centenas. E, mais de uma vez, de passar meses sem provar doces, ainda que gostasse muito deles. Com isto se pode ver que sua vida espiritual encontrava-se sempre em atividade”.

“QUERO CONTINUAR FIEL ÀS MORTIFICAÇÕES”

Quem não possa entender a razão de tanto e tão permanente esforço de uma religiosa para se aperfeiçoar, poderá ao menos ficar ciente de que a vida religiosa não é de moleza, nem de fuga à luta, ao esforço e à vida.

Bem ao contrário, é cheia de vida, não foge à lei de esforços que forma a personalidade e seu alvo é fazer-se o religioso bom para poder ser bom para o próximo, por amor a Deus. É renúncia ao egoísmo.

E nem quem se diga esquerdista e contestador da civilização cristã tem razão para combater a profícua vida dos religiosos, os quais buscam mediante grande e constante espírito de sacrifício, como se vê nesta narrativa de uma monjinha, tornarem-se aptos de coração para desapegarem-se de si para mais servirem de proveito à comunidade humana, por amor a Deus; proveito material, espiritual, temporal e eterno. Se muito esforço e dedicação executam os militares esquerdistas em todo o mundo, não lhes ficam atrás os católicos que em toda a parte dão tudo de si nos institutos religiosos. Certamente, tais religiosos levam nítida vantagem, inclusive no tocante ao tempo, pois seu esforço não é adventício, não vem do fim do século dezenove ou do começo do século vinte, mas já data dos dias contemporâneos do sublime operário de Nazaré.

Continuemos com a seleção dos apontamentos com que Maria Penha da Cruz se estimulava para uma vivência de mortificação, renúncias e resignação.

“Jesus, ajuda-me a não pedir nada extraordinário, por mais fome que eu sinta. Dá-me esta força que não tenho” (1951). (Anotação feita no retiro de 1954: Este propósito não é bom; é orgulho).

Soube pela Rvma. Madre Provincial que minha ida para a casa de Belo Horizonte ainda não está certa. Tenho a impressão de que, ao saberem que eu iria para lá, as Madres daquela casa teriam objetado, visto que eu seguiria com ordens da Rvda. Madre Provincial de não trabalhar muito, e elas necessitam de

gente para ajudá-las. Escreveu a Rvda. Madre Provincial para a casa de Santos para saberem do médico, em consciência, se eu posso voltar para lá e da resposta deste depende meu futuro.

Isto serve para que eu me humilhe e não seja tão pretenciosa. Que eu saiba aproveitar, meu Jesus, esta ocasião que me dás de sofrer esta humilhação. Tudo por ti, meu paizinho, tudo por teu amor. Que eu vá me conhecendo, Jesus, para colocar-me em meu lugar (1952).

Portanto, Jesus, não pedir mais doces. Comer todos os que me derem, mas não pedir. Quero que me dês a graça de cumprir isto. É bem pouco, mas sabes o quanto me custa. É por teu amor, sabes, Jesus?

Que eu pense, Jesus, nas horas de desânimo e de covardia, que eu pense que tu podes tudo. Estando a teu lado, sei firmemente que tudo poderei. Pois que eu me chegue bem pertinho de ti. Nada posso sozinha e sinto, em certos momentos, minha grande incapacidade e fraqueza. Pois eu te peço, Jesus, que nestes momentos eu sempre me lembre que estás me olhando e esperando que eu te chame para vires ajudar-me. Eu sei, eu creio firmemente que é assim, mas às vezes, ainda que por breves momentos, sinto-me medrosa. Nossa Senhora querida, socorre-me sempre nestes momentos difíceis de meu cargo. Que eu não desanime, que eu confie que sempre hás de interceder por mim junto a Jesus. Aumenta a minha fé, meu amor e minha confiança em ti, meu Jesus querido. Tua.

Deus sabe o que faz e, se permite certas vezes que venham sobre pessoas justas, piedosas e amigas suas, sofrimentos, provações, humilhações e até a própria morte, é porque sabe ser o melhor para estes seus amigos. Tenhamos, pois, absoluta confiança naquele que podia nos dar tudo o que de melhor há na vida e, se não nos dá, é porque encontra mais valor nos sofrimentos, dores, etc., para os seus melhores e mais fiéis amigos. Não rejeitemos, pois, estes presentes que nos dá aquele que nos ama e que deseja somente nosso verdadeiro bem. Sejamos generosos com Jesus, aceitando até com alegria tudo o que ele nos enviar.

Estar disposta a fazer o que Deus me mostrar querer de mim. Não pôr limites. Estar disposta a tudo (1954).

Mortificar-me antes de cada ato apostólico que eu tenha que fazer.

Ajudai-me, ó meu Jesus! Acho que para cortar de todo com essa tibieza, com essa timidez, é preciso que eu me contrarie, que eu me mortifique, fazendo justamente aquilo que me custe mais e que menos me agrade.

Quando eu não gostar de uma ordem vinda de meus superiores, devo mortificar-me, obedecendo.

Meditação sobre a paixão de Nosso Senhor. Aí temos exemplos, modelos para toda nossa vida. No sofrimento moral, Jesus nos mostra o

abandono terrível em que o deixaram seus amigos. No sofrimento corporal, Jesus sofreu dores das mais atrozes que imaginar se possa. Vergonha, por tê-lo deixado despido diante dos outros. Tudo isto por meu amor e para reparar meus pecados e abrir-me as portas do céu. Se eu tiver que ser operada outra vez, quero lembrar-me disso e sofrer a vergonha e os sofrimentos corporais por seu amor e para ajudá-lo na obra da redenção.

Devemos nós também fazer obra de redenção nas almas, ajudando a levantá-las de seus desânimos e erros.

Disse o Padre pregador que muitas vezes Deus, que nos está vendo e animando num trabalho, dá também seus golpes, que são humilhações ou enfermidades que nos vêm sem as procurarmos. É que Deus tem pressa em ver reproduzida em nós a imagem de seu Filho. Isto me deixou contente, Jesus, pois já sabes o que penso a respeito de tudo que me fizeste sofrer quando fui operada em 1954. Pensei e vi claramente que estavas cobrando tim-tim por tim-tim o que eu te devia por meus pecados de minha vida passada. E é ou não verdade que foi assim?...

Pois, agora, mais contente fico – tu bem sabes que me tranquilizei quando compreendi tua divina bondade comigo. Mais contente fico ao saber que estavas com pressa, pois é porque vias que eu sozinha demoraria muito em acabar tal obra, ou talvez nunca e, como és infinitamente misericordioso com os fracos e vendo que, apesar de meus bons desejos, eu nada conseguia, tu mesmo me deste os golpes a fim de adiantar a tua imagem em minha pobre alma. Agora bem sei que tenho que terminar, e tu bem sabes com quanto entusiasmo comecei a trabalhar depois daqueles golpes que me deste. Portanto, continua a entusiasmar-me e a dar-me coragem de trabalhar sem descanso até que chegue a hora. Mãe querida, ajuda-me! (1956).

Jesus querido, faz tanto tempo que não converso contigo neste caderno! Mas hoje (09/03/1957) sinto necessidade e por isso escuta-me. Hoje veio o doutor examinar-me, pois ando sentindo tudo o que eu sentia antes de ser operada, mas ele disse que não é nada e deu-me umas gotas para passar estas dores que sinto no ventre e nas pernas. Olha, Jesus, por dizer o medico que não é nada, não passou o meu mal-estar e tampouco por ter ontem dito que eu não tinha nada no pulmão deixei de sentir a falta de ar que tu bem sabes o quanto me atormenta.

Agora diz-me, Jesus, de que provém estas temperaturas de 37,3º, 37,2º, etc, que ando tendo outra vez? De que esta dor nas costas, do lado direito, no pescoço, no ventre, nas pernas e esta outra dor triste que me dá quando sinto este ar que entra pelos pulmões, coração e garganta?

Mandou-me o médico ir ao especialista de garganta. Irei segunda-feira, dia 11, e veremos se também ele vai dizer que nada tenho. Tu bem sabes, Jesus, o receio que tenho de que tudo isto que sinto do lado direito, no tórax,

seja câncer. Alguns dias, quando canto o Ofício, que dor terrível sinto nas costas, do lado direito! E a falta de ar é como se eu tivesse uma mão de ferro agarrando meu pulmão. É tão triste sofrer mal-estares, dores, sem que os médicos atinem o que é. Em tuas mãos, meu Jesus, me entrego. Dá-me teu amor e tua graça e isto me basta; mas não me abandones, Jesus, que sou pequenina demais... (1957).

Meu paizinho querido, leva-me este mundo tão miserável! Mas não se faça a minha vontade, mas a tua! Pai querido, que eu não seja mais ingrata e aguente tudo para assim ir descontando tudo o que te fiz sofrer. Quero daqui por diante aguentar tudo, tudo por teu amor, Jesus, pois muito me tens amado e eu devo amar-te de igual maneira (1958).

Um dos resultados da oração bem feita é uma força para mortificar-me no comer as coisas mais gostosas. Muito desejo ter força nisso.

Mereci muitas vezes cair no inferno, mas sempre me perdoaste, Jesus, pelo que te agradeço. Quero e devo sofrer e aguentar tudo de todos para agradecer-te tanta bondade, meu Jesus.

Prática sobre a penitência no dormir, modo de estar na capela, de comer, etc. Silêncio: cuidar e evitar falar com as pensionistas quando vou pelos corredores e escadas. O mesmo com as meninas. Evitar, quando não for preciso, estar com elas. Ajuda-me, Mãe Santíssima!

Vou fazer um trato contigo, Jesus. Sabes o medo que eu tenho dos momentos de desolação e secura. Pois bem: vou tratar de ser bem caridosa em todo o momento e com todos; ser sempre, em tudo, a escrava do Senhor e de todas as minhas irmãs. Assim, sei que ficarás muito contente comigo e me livrarás das securas e das noites escuras, não é?... Está bom?... Pois, trato feito! Ajuda-me, Mãe Santíssima! Mas não se faça a minha e sim a tua vontade! (1959).

Jesus, só tu sabes o sofrimento meu! Que agonia, meu Pai! Será doença?... Será provação tua?... Ah! Paizinho, mostra-me claro e não me deixes sozinha. Afasta de tua pobre filhinha este tormento! Afasta de mim tudo, tudo o que me tentar afastar de ti. Mãe Santíssima, coloca-me debaixo do teu manto! Esconde-me do demônio! Que Jesus me dê graças para aguentar firme tudo o que ele me enviar! Meu Paizinho querido, tão bom quando eu não tinha estas noites escuras que tanto me fazem sofrer! Sou pequena, Pai, põe-me novamente em teus braços, que eu não sei viver sem ti. Que bom se me levasse deste mundo! Tenho muitos desejos de morrer e o quanto antes, embora me assuste a agonia da morte, Jesus.

Sou, enfim, uma covarde, Jesus, que se acostumou, ou antes, que tu acostumaste mal dando-lhe sempre muitas consolações e agora... está mal acostumada. Dá-me muitas graças para fazer sempre tua santíssima vontade.

Dá-me forças para sofrer estas agonias! Minha Mãe Santíssima, coloca-me dentro, bem no fundo do Coração de teu divino Filho e fica lá comigo (1960).

Entre outras, disse-nos o Padre que deveríamos recordar por que nos tornamos religiosas, pois muitas, depois de entrarem, pretendem servir a Deus a seu modo, com seu gênio, etc., não cuidando de mortificar-se e vencer-se.

Meu querido Jesus, ofereço-te tudo o que tenho sentido de nervoso e que tanto me faz sofrer. Ofereço-te pelas intenções que tu quiseres e em reparação de meus pecados e negligências. Tu sabes todas as coisas, tu sabes que te amo, mas sabes também o quanto sou fraca.

Estou pensando agora, Jesus – em oferecer-te um presentinho. Sabes o quê?... O de não ir à romaria com as filhas de Maria, o que tanto tenho vontade. Vou pensar sobre isto e talvez diga que não me sinto bem, o que aliás não seria nenhuma mentira (mas só por isso não deixaria de ir) e então, pedirei à Madre Superiora para mandar a Madre Paz. Que te parece?... Vamos ver se dá jeito. (1961).

Ó meu Jesus, faz com que eu não me lembre tanto de mim mesma e de minhas doenças. Que eu saiba aguentar um pouco mais calada as dores e enfermidades.

Meu Deus, que eu tenha forças para vencer-me no que mais me agrada: que eu tenha forças para fazer guerra ao que mais me deleita. Quero, Jesus querido, fazer o sacrifício de não ir a Porto Alegre com a orquestra das meninas. Isto seria de muito agrado para o coração, mas eu quero, se a Madre consentir, oferecer este sacrifício pelo bem do nosso Instituto.

Jesus, eu te agradeço muitíssimo o teres aceito o sacrifício que eu te ofereci de não ir a Porto Alegre com a orquestra das meninas. Tu bem sabes que sinto, naturalmente falando, não ter ido ver os meus, mas espiritualmente senti muita alegria quando soube que já haviam ido. Muito obrigada, Jesus, por teres aceitado este meu presentinho. Ajuda-me a oferecer-te de vez em quando algum assim que te agrade.

Este mês (julho/1962), vim de Brasília para votar e passar uma temporadinha aqui em Belo Horizonte. Esta temporadinha, de quanto tempo será?... Seja o que Deus quiser! Ele sabe o que mais me convém. Sentirei muito se não voltar, pois gosto imensamente de Brasília, desta vida de fundação, de projetos, etc., mas não se faça como eu quero e sim como Deus quer. Nossa Senhora me há de ajudar nas saudades que tenho de lá e ela sabe que gosto também muito de Belo Horizonte. Bendito seja Deus.

Por que perco tantas ocasiões de sacrificar-me e de martirizar-me?...

Quantas vezes estamos dispostos a sofrer o martírio e, quando uma irmã nos deixa cair um pouco de café quente na mão explodimos, nos

queixamos e até xingamos. Que tolas! Que tola sou eu, que muitas vezes perco estas ocasiões. Devo ser sincera comigo mesma.

*Só me tens dado felicidade, porque, mesmo quando me mandas um desgosto, um contratempo, um aborrecimento com minhas superiores ou minhas irmãs, eu considero um benefício, pois sempre pensei que os sofrimentos nos levam mais depressa à santidade. Muito obrigada, Jesus, por tudo. Sou **imensamente feliz** com qualquer coisa que me mandares, pois, se tua graça me acompanha, nada que vem das tuas mãos benditas é ruim para mim. (1962).*

* * *

Eis o que nos é dado conhecer do espírito mortificado de Maria Penha da Cruz através de seus escritos íntimos. E o quadro que vislumbramos é confirmado por suas Irmãs de religião, que a sabiam obediente e sacrificada até o extremo:

“Procurava sempre dominar seu medo e, sempre que chegavam meninas à noite, levantava-se para lhes abrir a porta e providenciar lugar. Sabíamos que não gostava de viajar de avião, mas, sempre que se oferecia ocasião, fazia-o com muita alegria.”

“Era admirável seu espírito de sacrifício e mortificação pessoal. Não desperdiçava ocasião que se lhe oferecesse para praticar a mortificação. Nunca se molestava quando era esquecida nos recreios e nada lhe deixavam de balas ou bombons, nem dava a entender que percebera o esquecimento, e isto lhe custava um pouco, pois gostava muito de doces.”

“Eu fui testemunha de seu espírito de obediência e de sacrifício, por tê-la acompanhado quando começou a sair à rua para conseguir auxílios para a ampliação da casa de Belo Horizonte. Quanto lhe custou acostumar-se a isso! Como lhe custava falar e explicar aos diretores de Bancos sobre nossa obra e nossas necessidades, para a seguir concluir com um pedido. Punha-se vermelha, logo pálida, engasgava, etc., e que alívio sentíamos as duas quando a pessoa a visitar não estava e deixávamos uma carta. Porém, venceu-se generosamente e chegou a dominar-se de tal maneira que, depois, como vimos, eram para ela a coisa mais natural essas visitas e diligências para conseguir e movimentar auxílios e subvenções, chegando a ser, ultimamente, este o seu quase único ofício”.

“A ORAÇÃO, NÃO DEIXÁ-LA POR NADA DESTE MUNDO!...”

Vivo era o seu espírito de oração.

Como se vê pelo que transcrevemos até aqui, constantemente confiava ao seu livro de anotações dos retiros tocantes orações com que, mesmo em momentos fora daqueles exercícios espirituais, sentia-se impelida a dirigir-se, através do pensamento escrito, a Nosso Senhor ou a Nossa Senhora. E tais orações revelam todo o encanto da simplicidade dessa alma verdadeiramente piedosa.

Para ela, a oração era um estado de união com Deus e Nossa Senhora tão natural como o contínuo respirar ou como o incansável pulsar do coração.

Lendo-a, acompanhando seus escritos, passamos a assimilar a espontânea naturalidade de sua fé e a desejar, a seu exemplo, manter, mais seguidamente, colóquios com o sobrenatural.

Aliás, quase tudo o que anotou em seus cadernos dos santos exercícios espirituais foi em tom de oração, dialogando, ora com Nosso Senhor, ora com Nossa Senhora, ora com seu santo anjo da guarda e, ainda, com a sua querida Santa Vicenta Maria, fundadora de sua Congregação.

Até os seus encantadores desenhos místicos se constituem, de fato, em verdadeiras e emocionantes orações, que nos arrebatam o sentimento pela singeleza da inspiração, autenticidade da emoção, terna confiança e intensíssima fé.

Quer-nos parecer que muitos, não sendo dados com frequência ao hábito de rezar, ao lerem com atenção esta biografia de nossa Maria Penha da Cruz, hão de notar que orar é tão simples, tão normal, tão útil, tão necessário e tão coerente com a verdadeira condição do ser humano.

Hão de ver que a oração rompe com o isolamento em que na verdade vai a criatura cumprindo sua ronda nesta terra, pois é através dela que buscamos contato com nossa origem, encontramos explicação para o sentido de nossa vida e passamos a esperar com alegria o epílogo natural de nossa história pessoal neste tempo.

Pondo-nos, pela oração, em contato com o autor do nosso ser complexo, haveremos de não nos conformar em sermos apenas uma criatura evolutiva, doutra natureza a cada nova idade, sem passado definido e sem origem exata, nascidos no meio da vida e destinados a morrer aquém do horizonte em que a estrada mergulha, perdida, na longitude do espaço e do tempo...

Sem a oração, é como se a vida fosse caminhar pela campina aberta e nada mais; com a oração, voz do nosso interior projetada até o Criador, adquirimos a visão correta do sentido e dos rumos da caravana humana...

Maria Penha da Cruz tinha extraordinária devoção ao Sagrado Coração de Jesus, em quem confiava extremamente. Há de ter sido influenciada, desde a meninice, por sua piedosa genitora, que percorreu todos os degraus de sua existência de sofrimentos, lutas e dificuldades sempre se amparando no Sagrado Coração de Jesus.

Ela também tinha incutido uma filial afeição à Mãe do Céu, na alma de nossa biografada, em cujos escritos encontramos a toda hora invocações ferventes e confiantes a Nossa Senhora, principalmente a seguinte: “Minha Mãe querida, ajuda-me!”.

Escrevendo, faz muitas invocações ao santo anjo da guarda, revelando uma fé viva no custódio que o Pai Celeste colocou a nosso lado na peregrinação que devemos fazer pelas estradas da vida. Com fervor dirige-se a ele, constantemente. Parece, a esta altura, que seu guardião angélico efetivamente lhe dispensou especial proteção, defendendo-a sempre das ciladas e perigos desta vida, já desde sua meninice, na juventude e, depois, durante os seus vinte e cinco anos de vida religiosa.

Animemo-nos e conheçamos seus próprios registros sobre o espírito de oração:

“A oração, não deixá-la por nada deste mundo. Muito insistiu nesse ponto o Padre. Lembrar-se do que custou a Jesus fazer a oração no Horto das Oliveiras, na noite de sua paixão. Apesar de tudo, a fez. Mãe minha, ajuda-me a fazer de agora em diante toda minha oração com muita fidelidade e constância. ‘Vigiai e orai para não cairdes em tentação’ – disse uma e muitas vezes Jesus a seus discípulos e sabia porquê o dizia. Que eu te escute e te obedeça”.

“A oração em nossa vida religiosa. Muitíssimos dias, para não dizer todos, não faço os cinco ou dez minutos de oração que me faltam, pela manhã,

por levantar-me à segunda hora. Não a faço logo depois do café, e acabou-se, não me aparece mais o tempo. Ponto final, Madre Penha, deste relaxamento e descuido. Cuidado!... Perigo!...”.

“Não sejas tola; antes de tudo, tua vida espiritual. Tens muito que fazer, não resta dúvida – ruas, recados, telefones, etc. – mas, não sejas tola... Deixa tudo isto para depois que acabares tua oração. Minha Mãe Santíssima, vem mais uma vez em minha ajuda e não deixes que estes inimigos venham roubar-me o tempo que tenho para estar com Jesus e tratar dos **meus negócios**”.

É preciso que eu fique firme na resolução de dar tempo para o meu terço, minha oração, meu ofício parvo, se não quero acabar mal com Nosso Senhor. Ajuda-me, Mãe querida. Anjo de minha guarda, vela por mim e não deixes que eu faça mal meus atos espirituais seguintes: Oração da manhã, levantando à primeira hora, se a Madre superiora o consentir, ou então logo após oferecer o trabalho descer à capela para terminá-la. Visita ao S. Sacramento, depois do almoço, descendo à capela para fazê-la por mais cansada que estiver; se tiver que sair antes de cantar vésperas, rezá-las antes de subir ao recreio. Terço, procurar vir da rua para rezá-lo com a Comunidade, mas, não sendo possível, rezá-lo com as nossas pensionistas. Oração da tarde, tendo que sair, fazê-la logo que chegar, não esperando para mais tarde a fim de aproveitar o tempo na oficina; pode ser que depois não tenha tempo e fique sem fazê-la. Exames de consciência com mais frequência. Levar comigo, nas andanças da rua, o livro ‘Imitação de Cristo’, de Thomas Kempis, para entreter meu pensamento com coisas boas. Na rua, lembrar-me, ao caminhar, de rezar jaculatórias.”.

“Vês, Jesus, que tudo isto eu tenho que fazer. Então, dá-me tua graça para que eu cumpra exatamente tudo isto que me fará estar mais unida a ti e ser uma verdadeira religiosa e ser, assim, muito santa, para dar-te prazer e salvar muitas almas. Mãe Santíssima, abençoa estes meus propósitos. Anjo de minha guarda, vela por mim e lembra-me, pois sou muito esquecida.”.

“Jesus, tu sabes o quanto eu sou impetuosa e entusiasta, como S. Pedro. Tem, pois, cuidado e não me deixes cair. Quero amar-te como ele te amou, mas não quero cair como ele caiu e, se tu não me agarras bem em tuas mãos, já sabes de que sou capaz. Une-me cada vez mais a ti e a tua Mãe Santíssima e que eu sempre fuja das ocasiões sem nenhum respeito humano.” (1961).

“Fazer sempre muito bem a minha oração mental. A meditação, com a ajuda de Nossa Senhora” (1962).

Algumas de suas anotações a respeito da devoção que tinha ao Sagrado Coração de Jesus:

“Fiz hoje a meditação do inferno e, como sempre, Jesus, o que me horroriza é, não o que hei de padecer, se lá cair, mas sim me dá horror pensar

que hei de te amaldiçoar, ao teu Divino Coração que agora eu amo tanto.” (1951).

“Por confiar demais em ti, Jesus querido, nada se perde, ao passo que desconfiar de tua misericórdia é o maior pecado. Confio, hei de confiar, hei de esperar, contra toda a esperança, que me levarás para o céu e serei sempre tua por toda a eternidade” (1954).

“Ofereço também (o sacrifício que fez deixando de viajar a Porto Alegre e rever os seus parentes) para que a nova casa que vamos abrir em Brasília seja um verdadeiro oásis para o teu Coração” (1962).

Notemos como é admirável a providência de Deus, que sabe servir-se para seus fins e nossa utilidade dos **planos mais perversos e, inclusive, do ódio e despeito dos maus**. Descansemos no seio do seu Coração, que os homens não conseguirão prejudicar-nos. Querendo fazer-nos mal, far-nos-ão bem.

Eis o que nos testemunha uma de suas Irmãs:

“Era devotíssima do Sagrado Coração de Jesus e fervorosa da Eucaristia. Quanto gozou sendo sacristã. Que detalhes tinha ao arrumar o altar. Fazia tudo com um acendidíssimo amor de Deus e entusiasmo. O Senhor a recompensou, concedendo-lhe a graça de fazer os Primeiros Votos no dia da festa do Sagrado Coração de Jesus e, cinco anos mais tarde, a sua oblação perpétua no dia da Festa do Corpo de Deus”.

Algumas anotações relativas ao fervor de sua devoção à Virgem Imaculada:

“Quando sentir falta de um amor ou de um carinho, recorrer a minha Mãe do Céu” (1938).

“Mãe Santíssima, Medianeira de Todas as Graças, dai-me a graça de saber formar as meninas que vivem a meu lado”.

“Dá-me, portanto, minha Mãezinha do céu, dá-me forças para lutar. Agarra-me em tuas mãos poderosas e ergue-me de uma vez desta luta feroz. Quero agradar a Jesus e, no entanto, faço o que o contraria. Sou muito fraca, minha Mãe Santíssima; portanto, tens mais obrigação ainda de velar por mim e defender-me contra as ciladas dos meus inimigos.” (1951).

“Minha Mãe Santíssima, abençoa os propósitos que tenho feito nesta solidão e ajuda-me a pô-los em prática sempre. Dá-me constância. (Estava em Burnier, localidade situada em elevados montes do Estado de Minas Gerais, em tratamento de repouso).

“Nossa Senhora querida, tu sabes o quanto isto me custa, que violência tenho que fazer para render o juízo neste ponto, mas se esta é a vontade de Deus, eu quero vencer-me, eu quero ser bem obediente, quero ser cega e deixar-me guiar pela superiora.”.

“Confessei-me. Senti muita paz. Antes, pedi à Santíssima Virgem que me mostrasse claro se deveria confessar novamente os pecados da vida passada, e senti distintamente que não devia fazê-lo. Senti com isto grande paz e alegria. Se o demônio vier atormentar-me, pondo-me em escrúpulos, mandarei que ele vá entender-se com Nossa Senhora. Então veremos o que ele faz...”

“Mãe querida, não me deixes sair de teus braços; enquanto eu estiver juntinho de ti, o inimigo não se atreverá a aproximar-se. E, se eu, louca, quiser escapar de teus braços, agarra-me com força, mesmo que eu me revolte, e não me largues, Mãe querida. Só contigo poderei agradar a Jesus e ser-lhe fiel.”

“Cada dia me convenço mais de que Nossa Senhora está em minha vida como o ar está em toda a parte. Vejo sua proteção palpável em todos os acontecimentos de minha vida. Pelo que dou mil graças a Deus e a ela.” (1953).

“Sei que Nossa Senhora está sempre intercedendo por mim”.

“Maria Santíssima, minha Mãe, debes ter lido com Jesus os nossos propósitos (de retirante) que ficaram esta noite junto ao sacrário. Pois bem: viste o quanto é grande nossa fraqueza. Tem piedade destas tuas filhas. Tu tens nas mãos os tesouros infinitos, podes dispor deles quanto quiseres, pois Deus não quer negar nada. Assim, te suplico, Mãe, abre tuas mãos e deixa cair sobre esta nossa Comunidade as melhores e mais poderosas bênçãos de Deus. Queremos ser bem observantes, para agradar ao teu Divino Filho e assim ganhar para ele muitas almas. Contigo poderemos realizar este nosso programa. Ajuda-nos!” (1956).

“Dia 2 de novembro de 1958 cheguei de Porto Alegre, onde, pela bondade da Rvma. Madre Provincial, fui passar 13 dias perto de meus irmãos. Foram dias deliciosos. Fui muito feliz e te agradeço, Jesus, e também a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças que, tenho a certeza, arrumou este passeio.” (1958).

“Mais uma ocasião que me dá Jesus neste retiro para que eu me santifique. Quero, com sua ajuda, aproveitar o mais que puder. Nossa Senhora guiará meus passos e me ajudará a subir mais um pouquinho. Nossa Senhora está sempre intercedendo por mim e tu não lhe negas nada.”

“Mãe Santíssima, sabes o quanto desejo isto, ajuda-me: que os que saiam de perto de mim se sintam mais fervorosos, com vontade de ser mais teus e com desejos de comungar mais frequentemente.” (1959).

“Minha Mãe, vem comigo a todas partes; sozinha nunca me deixes.”

“Mãe Santíssima, põe tuas mãos nas minhas e juntas peguemos a cruz que Jesus quiser enviar-me. Certamente que, se tu a pegares comigo, me parecerá leve. Que eu não tema mais o futuro, Mãe querida, e espere confiada,

juntinho de ti, sob teu manto. Que eu observe bem minhas Santas Regras e me desprenda cada vez mais de tudo e de todos e só os queira em Jesus, por Jesus e para Jesus. Assim não haverá perigo, não é?” (1960).

“Mãe querida, ajuda-me mais uma vez, porque se algo tenho adiantado na vida espiritual, a ti devo... A tua mediação... Que seria de mim se não intercedesses por mim?... Confio e espero!”

“Nossa Senhora querida, quanto te devo!... Quanto?... Tudo! Se não fosses tu, onde estaria eu?... Bem longe de Jesus. Mas tu sempre mostraste um amor de predileção para comigo e estás sempre vigilante a meu lado. Mãe querida, ajuda-me a pagar-te este carinho, fazendo-me bem santa.

“Ah! Mãe, como me tens livrado de tantas caídas! Como me tens afastado do inimigo de minha alma! Que eu sempre te siga, Mãe, para assim agradar cada vez mais ao nosso Jesus. Muito te agradeço, Jesus querido, por me teres dado tua Mãe para ser minha Medianeira e Advogada.” (1961).

“Mãe Santíssima, se de toda a minha vida se tivessem tirado fotografias, e seriam centenas, em todas elas apareceria tua imagem, pois que seria impossível separar-te de grandes e pequenos acontecimentos.”

“Mãe querida, quero e devo ser santa, porque para isso Deus me criou, mas, se não houvesse este motivo, deveria sê-lo por ti, para agradecer-te tudo o que tens velado, cuidado e ajudado esta tua filha.”

“Continua, Mãe Santíssima, a ajuda-me até que nos possamos ver aí no céu.” (1963).

Eis, a seguir, alguns depoimentos de suas Irmãs:

“Era singular sua devoção à Medianeira de Todas as Graças”.

“Dedicava à Santíssima Virgem um amor muito especial”.

“Sentia-se feliz em ser Filha de Maria Imaculada”.

“Como queria à Santíssima Virgem!”

“Um dia apresentou-se chorando – relata sua Madre Mestra – amargamente, e quase me assustei, porque nunca a tinha visto chorar; é que tinha quebrado um jarro da capela”. Tanto amava a santa pobreza e o que era da Santíssima Virgem”.

De seu caderno recolhemos, para transcrever aqui, a seguinte oração que Maria Penha da Cruz vinha rezando há mais de dez anos e que, ela dizia, muito a ajudava:

ORAÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

VIRGEM SACRATÍSSIMA, VÓS QUE TANTO PODEIS JUNTO A VOSSO DIVINO FILHO E TANTO DESEJAS O BEM E A SALVAÇÃO DE

NOSSAS ALMAS, ALCANÇAI-ME NESTE DIA GRAÇA MUITO PODEROSA PARA ROMPER COM AS ATADURAS E AFEIÇÕES QUE ME PRENDEM ÀS COISAS TERRENAS. ILUMINAI MEU ENTENDIMENTO COM MAIS LUZ; MOVEI MINHA VONTADE COM MAIS ENERGIA; DAI-ME VOSSA MÃO E DEVA EU A VÓS A GRAÇA DE FAZER O QUE DEUS ME PEDE PARA GLÓRIA SUA E BEM DE MINHA ALMA. AMÉM

“COM UM SORRISO NOS LÁBIOS...”

“Trabalhar com um sorriso nos lábios, para que nunca os outros vejam o sacrifício que nos custa. Isto é que é lindo e sublime.”

“Espalhar alegria por todos os cantos. Estar sempre com um sorriso nos lábios”.

“Deixar este meu modo tolo e demasiado relaxado de bulir com minhas Irmãs de religião, nos recreios, pois, embora provoque muito riso, vejo que vai degenerando em muita familiaridade. De espirituais, nada têm os meus recreios.” (1955).

“Jesus, tenho de ser mais atenciosa e carinhosa com minhas Irmãs. Não responder-lhes a não ser com um sorriso nos lábios e a boa vontade no coração.”

“Já é a quarta vez que volto para Belo Horizonte. Que desta vez, Jesus, eu volte mais edificante do que das outras vezes passadas. Que eu tenha domínio sobre mim mesma e saiba conter-me em meus entusiasmos e alegrias.”

“Sejamos generosos com Jesus, aceitando até com alegria tudo o que Ele nos enviar”.

“Tua mão, Senhor, anda em tudo; portanto, não devo aborrecer-me com nada.”

“Sorrir a tudo. Assim seja.”. (1959).

Ao nos escreverem, suas Irmãs religiosas nos relatam que de fato Maria Penha da Cruz era alegre.

“Era a alegria desta casa de Belo Horizonte durante o tempo em que conosco viveu. Sempre otimista, sabia evitar uma discussão ou queixa que pudessem surgir nos recreios, levando tudo pelo lado bom e fazendo tudo acabar em brincadeira.”.

“Tinha muito jeito para amenizar os recreios, conseguindo fazer sair do quarto da Madre superiora guloseima que esta tivesse reservado para a próxima festa. Com ela não podia haver balas e bombons de reserva. E fazia isso com tanta graça e jeitinho, que não havia meio de resistir-lhe. E nós todas alegrávamo-nos com os seus êxitos na matéria.”.

“Era de caráter forte, decidido, alegre e jovial, sob o qual soube tão bem ocultar a grande luta que sempre manteve consigo mesma para chegar sempre a ser mais perfeita. Nos recreios da Comunidade, ela era muito apreciada, achando um gracejo para dirigir a todas, particularmente se percebia que alguma estava meio triste ou cabisbaixa.”.

“Não tive a felicidade de conviver com a Madre Penha em minha vida de religiosa, mas como sua aluna sempre observei muita religiosidade em seu porte, apesar de seu temperamento alegre.”.

“Edificava a Comunidade e a alegrava com sua jovialidade e bom humor.”.

“Nunca a vi de maus modos com ninguém. Tratava com respeito a todos e era muito doce com toda a Comunidade e muito alegre.”.

“Seu caráter era alegre, e ela era uma alma juvenil entusiasta da glória de Deus e salvação das almas.”.

* * *